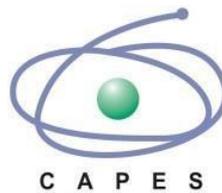


Maynara Priscila Pereira da Silva



**DESENVOLVIMENTO POSITIVO DE JOVENS NO ESPORTE:
PROPOSTA DE MEDIDA DOS 5C'S**

Apoio:



CAMPINAS
2021

Maynara Priscila Pereira da Silva

**DESENVOLVIMENTO POSITIVO DE JOVENS NO ESPORTE:
PROPOSTA DE MEDIDA DOS 5C'S**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, para obtenção do título de mestre.

ORIENTADOR: PROF. DR. EVANDRO
MORAIS PEIXOTO

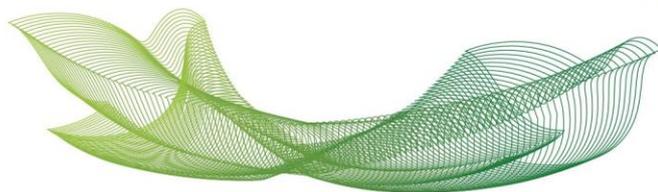
CAMPINAS
2021

157.93
S581d

Silva, Maynara Priscila Pereira da.
Desenvolvimento positivo de jovens: proposta de medida dos 5C's / Maynara Priscila Pereira da Silva -- Campinas, 2021.
123 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco.
Orientação de: Evandro Moraes Peixoto.

1. Avaliação psicológica. 2. Psicometria. 3. Psicologia do esporte. 4. Psicologia positiva. I. Peixoto, Evandro Moraes.
II. Título.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Maynara Priscila Pereira da Silva defendeu a dissertação “**DESENVOLVIMENTO POSITIVO DE JOVENS NO ESPORTE: PROPOSTA DE MEDIDA DOS 5C’S**” **aprovada** pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco em 5 de agosto de 2021 pela Banca Examinadora constituída por:

Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
Orientador e Presidente

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
Examinador

Prof. Dr. Leonardo Pestillo de Oliveira
Examinador

Agradecimento

É engraçado como a vida prega peças, desde cedo sempre fui muito incentivada pelos meus pais que o caminho para o sucesso era estudar, por isso, desde muito nova decidi que a carreira que eu queria seguir era a Psicologia, sonhando com o meu consultório e com os atendimentos. Quando entrei na graduação, entrei com a certeza de que não me enxergava na área acadêmica, muito menos realizando pesquisa e no momento estou finalizando a minha dissertação, com a certeza de que nada é certeza nessa vida, com exceção dos sentimentos vivenciados até agora. Por isso, nessa oportunidade que me surge, quero agradecer imensamente pelas pessoas que, indiretamente ou diretamente, fortaleceram a minha personalidade, incentivaram as minhas decisões, me fazendo sentir motivada para finalizar esse ciclo, pois, me permitiram vivenciar emoções, desde alegria ao mais intenso estresse, fazendo perceber que os meus esforços valeram a pena.

As pessoas mais importantes da minha vida, minha mãe, meu pai e minha irmã, eu não seria metade do que sou sem vocês, posso dizer que Deus acertou direitinho na escolha da minha família. Meu pai, que não está mais presente em carne, mas permanece presente ao meu lado sempre, obrigada, obrigada por ter sido tão gentil, inteligente e dedicado aos seus sonhos, quem via o seu rosto sério, sua postura de pessoa intimidadora, nem imaginava o coração gigante que tinha. Você me ensinou a fazer o bem, a ser independente e conquistar o que quero, sei que estaria orgulhoso de mim e solitaria algo como “não fez mais do que sua obrigação”, porque você era assim, cheio de gracinhas, saiba que eu te amarei até o último suspiro, obrigada mais uma vez. Para a minha mãe, que é a definição de fortaleza, sem você não alcançaria voos altos, você não mostra por um segundo quando está abatida, se reinventa para tentar ao máximo dar conforto as suas filhas. Eu só sinto por você muito orgulho e admiração, obrigada por ser nosso porto seguro, por acreditar que eu sou capaz e até pelos sermões, porque são eles que me fazem voltar para a realidade. Para a minha irmã, que eu vivo numa relação de ódio e amor, muito

obrigada por me alimentar quando estou estressada e segurar minha mão quando eu preciso, por você eu faço qualquer coisa e sei que isso é recíproco.

Existem algumas pessoas que são os primeiros motivos dessa mudança de área clínica à acadêmica. Sem que eu pudesse notar, eu tentava ensinar as matérias que eu dominava na graduação, com miniaulas e resumos, por isso, eu agradeço a Jéssica, as Letícia, as Bárbara, ao Denis e aos outros alunos que recebiam o meu “conteúdo”, vocês me motivaram a acreditar nesse meu lado que nem imagina existir. Uma observação a esse agradecimento é um pedido de desculpas, desculpa se na maioria das vezes os resumos eram enormes. Também quero agradecer as minhas professoras da graduação Raphaella, Lauren e Juliane, que me incentivaram a buscar um programa *Stricto Sensu*, vocês foram as minhas primeiras inspirações.

Além da Maynara de cinco anos atrás não esperar que fosse se encontrar na pesquisa, ela também não esperava estudar sobre Psicologia do Esporte, mas como eu disse no começo, a vida é muito engraçada, por não esperar algo, você é surpreendido. E primeira surpresa dessa pós foi o meu orientador Evandro, que me mostrou uma área fora da minha realidade, mas que foi ocupando espaço aos poucos até me conquistar por completo. Eu só tenho que agradecer por isso e por todos outros mil motivos, também posso dizer que Deus escolheu direitinho o meu orientador. Obrigada por todo o aprendizado, paciência e troca, acho que não poderia ter sido diferente.

Ao meu grupo de pesquisa, que foram os primeiros com quem tive contato, Amanda e Marcus, obrigada pela parceria e troca, vocês me deram suporte para continuar e persistir no meu objetivo, tenho certeza de que teria sido mais difícil me adaptar ao programa sem vocês. Também preciso agradecer à outras pessoas que esse programa me permitiu conhecer, muito obrigada a todos vocês, que em algum momento foram essenciais para eu chegar até aqui: Lucas, Paulinha, Daisy e André.

Para finalizar, eu queria agradecer outras pessoas que são muito importantes para mim, ao meu grupo que eu chamo de minhas damas de honra: Fernando, Kevin, Juninho, Ricardo e Vinicius. Eu não poderia ter amigos melhores que vocês, eu sou grata por cada um, por acreditarem em mim mais do que eu mesma, pela confiança, respeito e carinho. Ao Fernando, obrigada, por fazer parte da minha família, por me deixar fazer parte da sua, por me levar a roles que envolve comida e fazer sudoku comigo. Para o Kevin, obrigada por sempre exaltar as minhas qualidades, você enxerga a minha pessoa muito além do que as outras pessoas, me fazendo perceber a minha capacidade, obrigada também pelos sermões enviados por vários áudios. Ao Juninho, quero agradecer por tantos anos de amizade, por cultivar dos mesmos gosto e por não desistir de mim, mesmo enchendo horrores, você também me motiva e me faz acreditar que sou alguém capaz de alcançar meus objetivos. Para o Ricardo, que insiste em querer fazer uma chamada toda vez que acontece algo, obrigada, por sempre me escutar quando acontece algo, seja algo bom ou ruim, você é sinônimo de lealdade. Ao Vinicius, obrigada, por sempre compreender e rir comigo dos memes que eu envio de matemática, obrigada também por permanecer na minha vida depois de tanto tempo e pela troca. Todos vocês foram fundamentais para que eu me sentisse bem.

Por último, quero agradecer a uma pessoa, que entrou na minha vida sem nem eu perceber, pegou o trem andando e ainda quis sentar na janelinha. **안나 셸리 팔리니**, muito obrigada pela amizade que eu não esperava, você foi a melhor surpresa que eu tive. Obrigada por me ensinar, por compartilhar dos sofrimentos e alegrias dessa pós, por entrar no mundo dos doramas e tentar me colocar limite, mesmo não dando muito certo, **거마워** e **사랑해**.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Silva, M. P. P. (2021). *Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.

O desenvolvimento positivo de jovens é uma abordagem que surge por volta da década de 1990, com foco de compreender o jovem como um indivíduo com potencial para o desenvolvimento saudável, a partir de envolvimento com comportamentos pró-sociais e a prevenção de comportamentos desadaptativos (evasão escolar, baixa autoestima). Em suma, a abordagem baseia-se na ideia de que o desenvolvimento de competências e habilidades são essenciais na adolescência, dependendo de questões individuais (maneira como o sujeito se relaciona com a atividade) e contextuais (recursos disponíveis ao indivíduo). Diante disso, diferentes autores propuseram modelos teóricos para avaliar o desenvolvimento positivo, sendo os 5C's um dos modelos, que propõem o desenvolvimento positivo por meio de cinco características (caráter, competência, confiança, conexão e cuidado). Contudo, ainda não há estudos que reuniram instrumentos capazes de avaliar as cinco características do modelo no ambiente esportivo. Dessa forma, a dissertação teve como objetivo propor uma bateria para avaliar os 5C's no esporte. Para isso, foi desenvolvido dois artigos: 1) O primeiro se destinou a adaptar transculturalmente a escala de trabalho em equipe para jovens e investigar suas propriedades psicométricas, uma vez que a escala seria utilizada para avaliar uma das características do modelo teórico, dessa forma, sendo integrada a bateria dos 5C's. Para isso, empregou-se os métodos de coeficiente de validade de conteúdo, análise fatorial exploratória, alfa de Cronbach e ômega McDonald's. A amostra foi composta por 259 atletas, de ambos os sexos (média $18,5 \pm 2,38$, 58,7% mulheres). A análise de juízes e o estudo piloto sugeriram a adequação do conteúdo. Os resultados demonstraram uma estrutura unidimensional, sendo capaz de explicar 56,35%, com precisão satisfatória com valores acima de 0,85, corroborando a fundamentação teórica. Os resultados endossam as primeiras evidências de validade para a versão brasileira da Escala de Trabalho em Equipe para Jovens, indicando ser uma medida adequada para avaliar a capacidade de trabalho em equipe para os atletas. 2) Esse artigo buscou estimar, a partir de uma proposta de bateria, os 5'Cs, verificando a estrutura interna, precisão e sua relação com outras variáveis (paixão e clima motivacional). A amostra foi constituída por 305 atletas, de ambos os sexos (média $18,5 \pm 2,36$, 55,4% mulheres). Para tanto, foram utilizados os seguintes métodos: análise fatorial confirmatória, correlação de Pearson, modelagem de equações estruturais, além do alfa de Cronbach e ômega McDonald's para avaliar a precisão. A análise comparou três modelos: oblíquo, hierárquico e bifactor. Apesar do modelo bifactor apresentar melhores índices de ajuste, o modelo oblíquo demonstrou ser mais adequado, por carregar maiores cargas fatoriais (variando de 0,32 a 0,84) e explicarem em grande proporção a variância dos itens, além de apresentar valores considerados satisfatórios para os índices de ajuste e precisão quando controlado a variância do fator geral. Nesse sentido, os resultados asseguram as primeiras bases científicas para interpretação da bateria de medida, sugerindo a adequação do modelo oblíquo dos 5C's do desenvolvimento positivo de jovens no esporte, para atletas brasileiros.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; psicometria; psicologia do esporte; psicologia positiva;

Abstract

Silva, M. P. P. (2021). *Positive youth development in sport: 5Cs measure proposal*. Master's Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, University San Francisco, Campinas, São Paulo.

Positive youth development is an approach that emerged around the 1990s, with a focus on understanding young people as an individual with the potential for healthy development, based on involvement with prosocial behaviors and the prevention of maladaptive behaviors (school dropout, low self-esteem). In short, the approach is based on the idea that the development of skills and abilities are essential in adolescence, depending on individual (way the subject related to the activity) and contextual (resources available to the individual). Therefore, different authors have proposed theoretical models to assess positive development, with 5Cs being one of the models, which propose positive development through five characteristics (character, competence, confidence, connection and caring). However, there are still no studies that have gathered instruments capable of evaluating the five characteristics of the model in the sports environment. Thus, the dissertation aimed to propose a battery to assess the 5Cs in sport. For this, two articles were developed: 1) The first was intended to cross-cultural adapt the Teamwork Scale for Youth and investigate its psychometric properties, since the scale would be used to assess one of the characteristics of the theoretical model, thus being integrated into the battery of 5Cs. For this purpose, the validity content coefficient, exploratory factor analysis, Cronbach's alpha and McDonald's omega methods were used. The sample consisted of 259 athletes of both genders (mean 18.5 ± 2.38 , 58.7% women). The judges' analysis and the pilot study suggested the adequacy of the content. The results showed a one-dimensional structure, being able to explain 56.35%, with satisfactory precision with values above 0.85, corroborating the theoretical foundation. The results endorse the first validity evidence for the Brazilian version of the Youth Teamwork Scale, indicating that it is an adequate measure to assess the teamwork capacity of athletes. 2) This article sought to estimate, from a battery proposal, the 5Cs, verifying the internal structure, precision, and its relationship with other variables (passion and motivational climate). The sample consisted of 305 athletes of both genders (mean 18.5 ± 2.36 , 55.4% women). For this purpose, confirmatory factor analysis, Pearson's correlation, structural equation modeling, in addition to Cronbach's alpha and McDonald's omega were used. The analysis compared three models: oblique, hierarchical and bifactor. Although the bifactor model has the best fit indices, the oblique model proved to be more appropriate, as it carried higher factor loadings (ranging from 0.32 to 0.84) and largely explains variance of the items, in addition to presenting considered values satisfactory for the fit and precision indices when controlling for the variance of the general factor. In this sense, the results ensure the first scientific basis for the interpretation of the measurement battery, suggesting the adequacy of the oblique model of the 5Cs of the positive youth development in sport, for Brazilian athletes.

Keywords: Psychological assessment; psychometrics; sport psychology; positive psychology.

Resumen

Silva, M. P. P. (2020). *Desarrollo positivo de los jóvenes en el deporte: Propuesta de medida de 5C*. Tesis de Máster, Programa de Estudios de Posgrado en Psicología, Universidad San Francisco, Campinas, São Paulo.

El desarrollo positivo de los jóvenes es un enfoque que surgió alrededor de la década de 1990, con un enfoque en la comprensión del joven como un individuo con potencial para un desarrollo saludable, desde la implicación con conductas prosociales y la prevención de conductas desadaptativas (evitación escolar, baja autoestima). En definitiva, el enfoque parte de la idea de que el desarrollo de competencias y habilidades es fundamental en la adolescencia, em función de cuestiones individuales (cómo se relaciona el sujeto con la actividad) y contextuales (recursos disponibles para el individuo). Por ello, diferentes autores han propuesto modelos teóricos para evaluar el desarrollo positivo, siendo el 5C uno de los modelos, que proponen un desarrollo positivo a través de cinco características (carácter, competencia, confianza, conexión y cuidado). Sin embargo, aún no existen estudios que recojan instrumentos capaces de evaluar las cinco características del modelo en el ámbito deportivo. Así, la disertación tuvo como objetivo proponer una batería para evaluar las 5C en el deporte. Para ello, se desarrollaron dos artículos: 1) El primero tuvo como objetivo adaptar transculturalmente la Teamwork Scale for Youth e investigar sus propiedades psicométricas, ya que la escala serviría para evaluar una de las características del modelo teórico, integrándose así en la batería de 5C. Para ello se utilizó el coeficiente de validez de contenido, el análisis factorial exploratorio, los métodos de McDonald's alfa de Cronbach y omega. La muestra estuvo formada por 259 deportistas, de ambos sexos (media $18,5 \pm 2,38$, 58,7% mujeres). El análisis de los jueces y el estudio piloto sugirieron la adecuación del contenido. Los resultados mostraron una estructura unidimensional, pudiendo explicar el 56,35%, con precisión satisfactoria con valores superiores a 0,85, corroborando el fundamento teórico. Los resultados apoyan la primera evidencia de validez para la versión brasileña de la Escala de Trabajo en Equipo Juvenil, indicando que es una medida adecuada para evaluar la capacidad de trabajo en equipo de los atletas. 2) Este artículo buscó estimar, a partir de una propuesta de batería, las 5C, comprobando la estructura interna, la precisión y su relación con otras variables (pasión y clima motivacional). La muestra estuvo formada por 305 deportistas, de ambos sexos (media $18,5 \pm 2,36$, 55,4% mujeres). Por tanto, se utilizaron los siguientes métodos: análisis factorial confirmatorio, correlación de Pearson, modelado de ecuaciones estructurales, además del alfa de Cronbach y el omega de McDonald's para evaluar la precisión. El análisis comparó tres modelos: oblicuo, jerárquico y bifactorial. Si bien el modelo bifactor tiene mejores índices de ajuste, el modelo oblicuo demostró ser más adecuado, ya que lleva cargas factoriales mayores (que van de 0.32 a 0.84) y explica en gran medida la varianza de los ítems, además de presentar valores considerados satisfactorios para los índices de ajuste y precisión al controlar la varianza del factor general. En este sentido, los resultados aseguran las primeras bases científicas para la interpretación de la batería de medición, sugiriendo la adecuación del modelo oblicuo de las 5C's del desarrollo positivo de los jóvenes en el deporte, para los deportistas brasileños.

Palabras clave: Evaluación psicológica; psicometría; psicología del deporte; psicología positiva.

Sumário

| | |
|---|------|
| Lista de anexos | xiv |
| Lista de apêndices | xv |
| Lista de figuras | xvi |
| Lista de tabelas | xvii |
| Apresentação | 1 |
| Introdução | 4 |
| Artigo 1: Escala de Trabalho em Equipe para Jovens: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas | 24 |
| Introdução | 25 |
| Estudo 1: Adaptação transcultural e evidências de validade de conteúdo para a <i>TSY</i> | 31 |
| Método | 31 |
| Resultados | 32 |
| Estudo 2: Estrutura interna, precisão e relação com variáveis externas..... | 33 |
| Método | 33 |
| Resultados | 37 |
| Discussão..... | 39 |
| Considerações finais..... | 43 |
| Referências | 43 |

| | |
|---|-----|
| Artigo 2: Proposta de medida dos 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte: | |
| Propriedades psicométricas | 49 |
| Introdução | 50 |
| Estudo 1 – Evidências de validade com base na estrutura interna e consistência interna..... | 57 |
| Método | 57 |
| Resultados | 62 |
| Estudo 2 – Evidências de validade com base em variáveis externas | 64 |
| Discussão..... | 68 |
| Considerações finais..... | 72 |
| Referências | 72 |
| Considerações finais..... | 81 |
| Referências | 83 |
| Anexos..... | 91 |
| Apêndices..... | 104 |

Lista de anexos

| | |
|--|----|
| Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para menores de 18 anos..... | 91 |
| Anexo 2: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)..... | 92 |
| Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para maiores de 18 anos..... | 93 |
| Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para Juízes..... | 94 |
| Anexo 5. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para menores de 18 anos (Estudo Piloto) | 95 |
| Anexo 6. Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) – Para menores de 18 anos (Estudo Piloto) | 96 |
| Anexo 7. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para maiores de 18 anos (Estudo Piloto) | 97 |
| Anexo 8. Parecer do Comitê de Ética..... | 98 |

Lista de apêndices

Apêndice 1. Ficha de avaliação dos juízes..... 104

Lista de figuras

Introdução

Figura 1. O modelo dos 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens.....11

Artigo 2

Figura 1. Modelo da análise de caminho.....67

Lista de tabelas

Introdução

Tabela 1. Propostas de avaliação do modelo teórico em diferentes contextos.....12

Artigo 1

Tabela 1. Resultados da AFE.....37

Tabela 2. Relação do trabalho em equipe com as variáveis paixão e clima motivacional no esporte.....38

Artigo 2

Tabela 1. Índices de ajustes para os diferentes modelos do 5C's.....62

Tabela 2. Cargas fatoriais e precisão dos fatores.....63

Tabela 3. Correlação entre as variáveis.....66

Apresentação

O Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ) é uma abordagem recente que propõe o desenvolvimento de forças e virtudes de crianças e adolescentes. As discussões em relação a temática surgiram a partir de 1990, compreendendo o jovem como alguém com potencial, capaz de desenvolver habilidades. As pesquisas relacionadas com a abordagem levantaram reflexões sobre a promoção de competências e a prevenção de comportamentos desadaptativos (abuso de drogas, gravidez precoce, baixa autoestima, evasão escolar). Nessa perspectiva, se torna essencial considerar os recursos associados as mudanças dos indivíduos em relação as suas capacidades e habilidades pessoais. Portanto, o foco do desenvolvimento positivo é o investimento de características positivas, tais como, autoestima, responsabilidade, liderança e inteligência emocional (Holt et al., 2020; Lerner, 2017; Stephens et al., 2018), ademais, o DPJ baseia-se na premissa de que o progresso de tais características é influenciado por aspectos individuais e recursos contextuais (Berdychevsky et al., 2019; Esperança et al., 2018; Lerner, 2017).

O contexto esportivo permite que o jovem desenvolva aspectos sociais, críticos e de autonomia. Além disso, quando o indivíduo fica engajado com a atividade física, as habilidades socioemocionais podem ser compreendidas, assimiladas e aperfeiçoadas (Esperança et al., 2018; Leonardi et al., 2014). Nesse campo, o DPJ direciona os programas a partir do alinhamento das competências e habilidades com as experiências vivenciadas na prática esportiva. Ao mesmo tempo em que proporciona um ambiente de aprendizagem, também busca promover um ambiente de suporte, auxiliando e cooperando para que os jovens consigam enfrentar os desafios da transição para a vida adulta (Gonzalez et al., 2019). Nessa perspectiva, é preciso alinhar o potencial individual do atleta com os recursos contextuais, tendo como finalidade o desenvolvimento saudável. A partir disso, o desenvolvimento positivo também proporciona a formação social do jovem, portanto, influenciando os demais domínios sociais

fora do esporte (*e. g.* escola, família e comunidade) (Bowers et al., 2010; Phelps et al., 2009). Dessa forma, as intervenções baseadas nos programas possibilitam o duplo objetivo: 1) auxiliar o jovem em relação a sociedade. 2) facilitar a transição para a adulta (Esperança et al., 2018).

A construção desse projeto surgiu em consenso com o orientador, ao obter conhecimento sobre o Desenvolvimento Positivo de Jovens, houve identificação com a temática, dado que é uma abordagem que segue perspectivas que gostaria de trabalhar, reconhecendo o jovem como alguém capaz de desenvolver habilidades e capacidade. Ademais, o tema também me levou a descobrir informações importantes para contribuir com a pesquisa e profissionais da área do esporte.

Para avaliar o DPJ, diferentes autores propuseram diversos modelos teóricos (Holt et al., 2020). O modelo abordado na dissertação, denominado de 5C's, foi desenvolvido por Lerner et al., (2005), sendo um dos modelos mais aplicados nas pesquisas, principalmente, no contexto escolar (*e. g.* Ardal et al., 2017; Chen et al., 2018; Conway et al., 2015). No esporte, o modelo ainda não foi testado em toda sua extensão a partir da perspectiva quantitativa, visto que ainda não há instrumentos que mensurem os cinco fatores do modelo, que são descritos por Lerner et al. (2005) como cinco ativos internos: confiança, competência, conexão, caráter e cuidado. Dessa forma, caracterizando uma relevante lacuna na literatura, portanto, justificando cientificamente a realização da presente pesquisa.

Adicionalmente, alguns estudos (por exemplo, Borrueco et al., 2020; Harwood et al., 2015; Vella et al., 2011) têm defendido o potencial da utilização do modelo para fundamentar programas esportivos, auxiliando treinadores e gestores na elaboração e aplicação de intervenções. Nessa direção, além de contribuir com uma nova ferramenta, possibilitando novos estudos empíricos, o desenvolvimento de uma bateria, para avaliar o modelo 5C's do DPJ no esporte, também possibilita uma ferramenta para quem organiza os programas

esportivos, facilitando a obtenção de informações que podem fundamentar intervenção durante a prática, cuja finalidade são os resultados positivos dos atletas.

Em suma, a pesquisa possibilita a aproximação do desenvolvimento científico em psicologia do esporte com a prática profissional do psicólogo inserido neste contexto, desenvolvendo uma bateria capaz de mensurar características do DPJ, auxiliando-o na compreensão e promoção de habilidades socioemocionais, por consequência, potencializando os jovens no esporte e em outros contextos. Como também possibilitar a operacionalização de um construto relevante para área e, conseqüentemente, estimular a realização de novas pesquisas quantitativas, visto que pretende fornecer uma ferramenta capaz de avaliar o referido modelo do desenvolvimento positivo. Diante disso, o objetivo geral foi propor uma bateria para mensurar os 5C's do DPJ no ambiente esportivo e estimar suas evidências de validade e precisão.

Introdução

Nos últimos 30 anos, pensando em uma resposta para desconstruir a ideia do jovem como um problema, relacionados ao uso de substâncias, sexo inseguro, *bullying*, consumo de bebida e transtornos alimentares (Lerner, 2017; Stephens et al., 2018), surgiu uma nova abordagem – a perspectiva do desenvolvimento positivo de jovens (DPJ). Seu início ocorreu na década de 1990, nos Estados Unidos, sendo descrita como o envolvimento em comportamentos pró-sociais e o evitamento de comportamentos que comprometessem e prejudicassem a saúde e o futuro (Lerner & Galambos, 1998). A partir disso, diferentes autores construíram modelos teóricos para o DPJ, que são capazes de avaliar e promover um conjunto de indicadores (Eichas et al., 2019). Dentre eles, está o modelo elaborado por Lerner et al. (2005), a proposta com o nome de 5C's tem a pretensão de operacionalizar o DPJ por meio de cinco indicadores: caráter, confiança, competência, cuidado e conexão. O modelo é um dos mais recorrentes para fundamentar pesquisas empíricas, em diferentes áreas, como por exemplo, escolar e contexto social. No entanto, no contexto esportivo os 5C's ainda não foi testado por completo, uma vez que as pesquisas ainda não foram capazes de reunir os instrumentos para avaliar adequadamente os cinco indicadores do modelo (Lerner et al., 2005; Lerner et al., 2009; Holt et al., 2020). Nesse sentido, a presente pesquisa teve por objetivo propor uma bateria para testar o modelo teórico no esporte. Ademais, com base na compreensão teórica de que para promover o DPJ é necessário pensar em domínios individuais e contextuais, também buscou verificar a associação do modelo teórico 5C's com a paixão pelo esporte, uma variável que promove o conhecimento de como o indivíduo se relaciona com o esporte, e com o clima motivacional no esporte, que compreende a percepção de características contextuais.

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte

O desenvolvimento positivo constitui uma nova maneira de encarar a adolescência, baseando-se na ideia de que qualquer jovem tem potencial para desenvolvimento saudável e

bem-sucedido (Lerner et al., 2005). Nessa direção, Franco e Rodrigues (2018) destacaram que para alcançar o desenvolvimento favorável os jovens precisam passar por experiências com o papel de protagonistas, com a finalidade de enfrentar ameaças do ambiente e assim escolher estratégias eficazes para lidarem com esses desafios. Os pesquisadores ainda relataram que o DPJ abrange os pontos fortes, como os talentos e competências (tais como, habilidades de liderança, formação do caráter e realização educacional), que podem ser cultivados e alinhados com os recursos e suporte de diversos domínios sociais (família, escola, grupo de pares, comunidade) para potencializar o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

De modo geral, o estudo da adolescência a partir do DPJ foi caracterizado pelo interesse na plasticidade do desenvolvimento, na diversidade e na aplicação da ciência aos problemas do mundo real. A plasticidade, então, é elaborada a partir da relação das trocas bidirecionais entre o indivíduo e seu contexto. Quando essas relações individuais e contextuais são reciprocamente benéficas, isto é, quando existem regulamentações adaptativas do desenvolvimento, um crescimento individual e social positivo pode ocorrer (Lerner & Steinberg, 2004).

Além disso, havia um conjunto de questões mais amplas que envolveram a ciência do desenvolvimento sobre a adolescência, através de uma visão otimista sobre o potencial no desenvolvimento, a ciência foi amadurecendo, buscando melhorar resultados relacionados a vida, e dando o ímpeto a ideia de que o desenvolvimento positivo poderia ser promovido entre todas as pessoas (Lerner et al., 2005; Lerner, 2017). Desse modo, procura-se entender como as relações fornecem uma base para diversas trajetórias, avaliando se as mudanças nas variáveis individuais e no ambiente se relacionam para promover a capacidade de liderança, aceitação, autocontrole, além de favorecer o bem-estar físico, social e emocional dos jovens (Berdychevsky et al., 2019).

Ademais, também começaram a ser valorizados métodos que visam tanto estudar o desenvolvimento, quanto avaliar a eficácia de programas e políticas projetadas para “alterar o

curso da vida” do adolescente (Lerner & Steinberg, 2004). Neste sentido, o desenvolvimento positivo acontece por meio do alinhamento entre o potencial de cada jovem e os recursos que a comunidade agrega, com o objetivo de alcançar um desenvolvimento saudável, em uma relação bidirecional e de mútua influência. Desta maneira, o adolescente não é o único que se beneficia, na medida em que o desenvolvimento positivo implica para a contribuição na vida do indivíduo, também modifica sua família, escola e comunidade (Bowers et al., 2010; Phelps et al., 2009).

Outra questão a ser enfatizada nas definições de DPJ é o grande investimento no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais (*e. g.* liderança, controle das emoções, caráter, realização e autoestima), podendo ser definidas como habilidades para a vida, de modo que possam ser aplicadas em diferentes contextos do indivíduo (Peixoto et al., 2019). As transferências dessas habilidades acontecem, principalmente, pelo envolvimento de treinadores que reforçam a importância dos benefícios da transferência (tais como, prosperidade e contribuição) (Holt et al., 2020). No ambiente esportivo, os treinadores devem proporcionar um ambiente de aprendizado, podendo abordar temas dentro do esporte, como, o trabalho em equipe e liderança (abordagem implícita), ou utilizar referências e circunstâncias que vão além do cenário esportivo (abordagem explícita), tais como, o desempenho escolar e relação familiar (Bean et al., 2016).

Diferentes autores defendem o potencial da prática de esporte e das vivências no contexto esportivo para o desenvolvimento positivo de crianças e adolescentes (Holt et al., 2017; Vierimaa et al., 2018; Waid & Uhrich, 2019), visto que o esporte pode proporcionar característica como: empatia, relações sociais, liderança, trabalho em equipe, entre outros. Esse desenvolvimento por meio do esporte acontece, principalmente, pela relação que o atleta tem com o seu técnico/treinador e com seus pares (Santos et al., 2016; Vierimaa et al., 2017). A relação treinador-atleta é apoiada, de acordo com Poczwadowski et al. (2019), por uma

estrutura teórica composta por proximidade, compromisso, complementaridade e coorientação. A proximidade refere-se ao tom emocional ou o estado de um relacionamento, com confiança e respeito. O nível de proximidade incorporado pela interdependência emocional é fundamental para cultivar resultados pessoais e relacionais positivos (*e. g.*, o sucesso). O compromisso diz respeito a motivação de cada atleta para manter o relacionamento com seu treinador e vice-versa, envolvendo sacrifícios e valorização mútua. A falta do comprometimento contribui para o fim dessa relação. A complementaridade descreve a distribuição de poder e controle, bem como o grau de cooperação e esforços colaborativos para obter sucesso no desempenho. Quando há sentimentos promovidos pela complementaridade ou pelas percepções de trabalho em equipe, cria-se um ambiente saudável, encorajando os esforços e a cooperação no desenvolvimento do desempenho. Por fim, a coorientação refere-se a relacionamentos e elementos afetivos, cognitivos e comportamentais, combinados pelos três componentes anteriores.

Em um estudo feito por Santos et al. (2016), os autores entrevistaram 11 treinadores de hóquei, para compreender melhor o seu papel no DPJ. De maneira geral, os treinadores relataram que fornecem exemplos de habilidades de vida durante os treinamentos, como ensinar sobre valores, respeito e trabalho em equipe, por acreditarem que assim estariam auxiliando na promoção do DPJ em todos os aspectos da vida dos seus atletas. Alguns técnicos disseram ainda usar a diversão como estratégia, afirmando que criar um ambiente agradável pode facilitar o desenvolvimento. Em suma, os treinadores que ensinam estratégias e contribuem para estimular as habilidades por meio do esporte, geram impactos positivos nas experiências esportivas dos jovens (Rigoni et al., 2017). De acordo com Gould e Carson (2010), os atletas percebem que a prática esportiva, geralmente, pode promover habilidades sociais e pessoais. Entretanto, destacam que o treinador é fundamental neste processo, pois, é quem tem

o papel de ensiná-los a fazer a transferência dessas habilidades do contexto esportivo para a vida.

O trabalho em equipe também é outro aspecto importante no processo de desenvolvimento, pois, o ambiente que o grupo fornece (formação e suporte) está associado a maior prazer, atitudes positivas em relação aos treinadores e pares, como também maior compromisso com o esporte. Quando o jovem está engajado em um grupo, os benefícios são superiores ao trabalho individual, dado que a equipe gera maiores sacrifícios pessoais, esforços e satisfação. Os jovens que percebem os relacionamentos mais forte entre os colegas de grupo, podem promover um ambiente social de apoio e possibilitar o aprimoramento das suas habilidades sociais e pessoais (Bruner et al., 2014).

Na revisão sistemática realizada por Rigoni et al. (2017), foi possível identificar alguns aspectos sobre o impacto que o esporte tem sobre o desenvolvimento positivo. Os pesquisadores tomaram como base estudos com jovens atletas de rendimento, sendo possível observar a importância da orientação voltada para o sujeito, que resulta em um sentimento de competência e iniciativa. Desse modo, essa orientação não só facilitou as experiências esportivas, como também apresentou influência positiva em aspectos morais (*e.g.* caráter, cuidado, liderança, regulação emocional, resiliência). Por outro lado, se o atleta mostrar competência e conseguir superar os outros indivíduos, mas não tiver prazer e motivação pelo desafio isso pode promover sentimentos negativos.

Em relação as equipes, a partir do estudo de revisão (Rigoni et al., 2017), percebeu-se a necessidade de construir um clima de afinidade, no qual todos se sentissem afetados pelo sucesso ou fracasso uns dos outros. E criassem estratégias para atingirem um objetivo, estabelecendo experiências positivas (por exemplo, afetos positivos, dedicação a atividade, diminuição de conflitos dentro do esporte e em outras áreas). Em contrapartida, a equipe que apresentou um clima de concorrência e denominou os membros como adversários criou

experiências negativas (a saber, falta de limite, desejo incontrolável de praticar um esporte, aumentando as chances de ter conflitos).

Os programas de intervenções que visam o DPJ durante a realização de atividades esportivas, permitem alcançar o duplo objetivo de preparar os jovens para a sociedade e promover a aquisição de hábitos de vida que sejam saudáveis e que tendem a se manter na idade adulta. O esporte apresenta um conjunto de potencialidades que atraem e mantêm a fidelidade de jovens, até mesmo mais constante do que em outras atividades (*e.g.* escolar), podendo veicular a transmissão de valores de uma forma significativa, assim contribuindo para a formação de identidade destes indivíduos (Esperança et al., 2018). Contudo, Rigoni et al. (2017), reforçam que o DPJ por meio do esporte não é automático, dependendo de uma série de fatores que devem ser cuidadosamente planejados. Nessa direção, no contexto esportivo é importante considerar todos os aspectos, tais como, ambiente competitivo, relações sociais e as categorias de atividades esportivas, para compreender melhor como acontece sua contribuição para o desenvolvimento positivo.

O esporte apresenta particularidades únicas que podem facilitar a promoção do DPJ, contraposto a outras atividades, visto que exige do atleta bastante esforço e concentração, ocorrendo regularmente ao longo do tempo (Vierimaa et al., 2017). Ao praticá-lo, o atleta tem a possibilidade de se tornar mais responsável e aprender habilidades para a vida (*e.g.* meta, tomada de decisão, trabalho em equipe), sendo aspectos importantes para alcançar o sucesso em diferentes ambientes (Santos et al., 2016). A partir da prática esportiva, o jovem também aprende a lidar com o fracasso, a cooperar com o outro e estabelecer relações de afeto e confiança (Waid & Uhrich, 2019). No entanto, ainda há poucas pesquisas que buscaram estimar a eficácia dos programas do DPJ baseados no esporte, deixando uma lacuna quanto a estudos mais rigorosos referente a intervenção e avaliação (Holt et al., 2020).

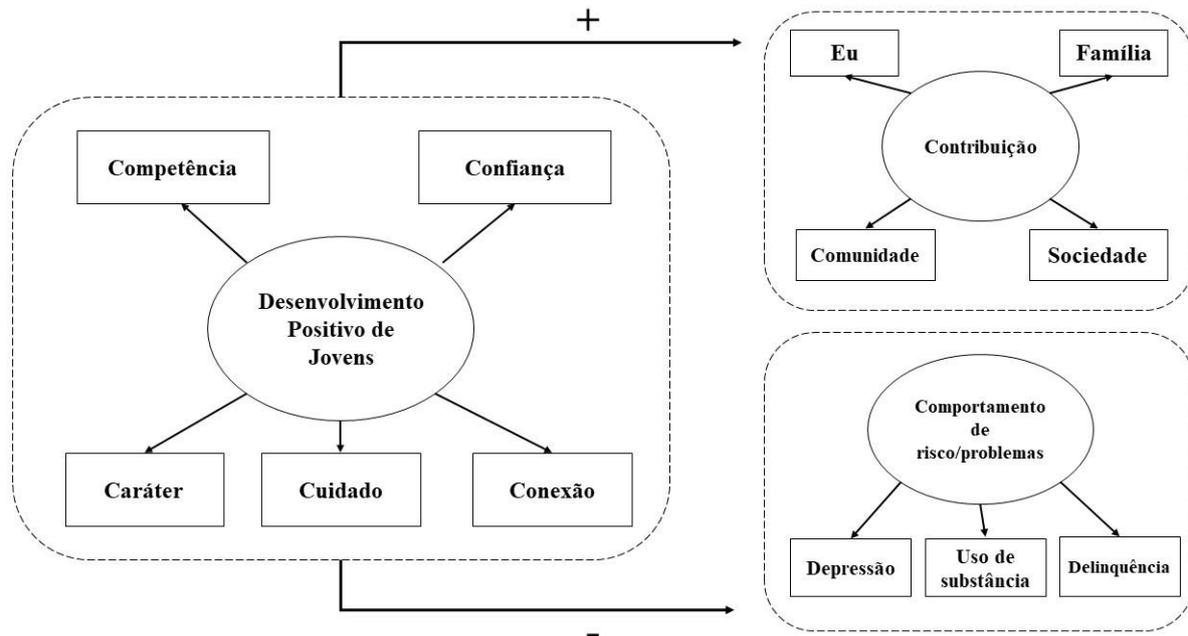
Modelo teórico para avaliação do DPJ

A literatura sobre desenvolvimento de jovens disponibiliza diversas estruturas que poderiam ser usadas para conceituar o desenvolvimento positivo. Holt et al. (2020), apresentaram em seu estudo alguns modelos possíveis, alguns exemplos são: *Personal Assets Framework*, *Framework for Planning Youth Sport Programmes*, *The Model 5C's*, *Heuristic Model of Life Skills Development*, *Life Development Intervention/Basic Needs Theory Life Skills Model*. Dentre as propostas apresentadas, a presente pesquisa irá abordar sobre o modelo dos 5C's desenvolvido por Lerner et al. (2005), sendo um dos mais utilizados, internacionalmente, para fundamentação de pesquisas empíricas em diferentes contextos, como, o escolar (Ardal et al., 2017; Conway et al., 2015; Dvorsky et al. 2019). Entretanto, no esporte, ainda não há estudos que sustentem o agrupamento de instrumentos capazes de avaliar os cinco fatores, sendo usado apenas para pesquisas teóricas (Holt et al., 2020; Peixoto et al., 2019). O modelo proposto por Lerner et al. (2005), tem por objetivo avaliar o DPJ abordando cinco características: caráter, confiança, competência, conexão e cuidado. De acordo com os autores, os 5C's são desenvolvidos a partir de uma proposta de indicadores capazes de agrupar os múltiplos elementos psicológicos, cognitivos, sociais, relacionais e contextuais.

Nesta direção, cada C tem um papel no desenvolvimento positivo. A conexão, por exemplo, está associada à construção de ligações positivas com pessoas e instituições que o jovem tem envolvimento. A característica confiança diz respeito a um sentimento interiorizado por parte do indivíduo, que determina o seu valor pessoal e sua autoeficácia, ou seja, o quanto o jovem organiza e domina uma situação para alcançar resultados positivos. O caráter está relacionado ao respeito pelas regras sociais e culturais, no sentido moral e de integridade, bem como a padrões positivos do comportamento. A competência manifesta-se como um olhar positivo sobre as próprias ações em domínios específicos (carreira, cognitivo, social,

acadêmico e físico). Por último, o cuidado aproxima-se do sentimento de compreensão e empatia que o jovem tem por si e pelo outro (Lerner et al, 2005).

Figura 1. O modelo dos 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens.



Nota: Adaptado de Lerner e Lerner (2011).

Como observado na figura 1, quando os níveis do DPJ são altos, há menores possibilidades dos jovens se envolverem em comportamentos de risco ou problemas e, maior probabilidade em se engajarem com contribuições. A contribuição é o sexto C, que aparece quando os indivíduos possuem as cinco características (caráter, confiança, competência, conexão e cuidado), diz respeito as colaborações dos indivíduos com si, com a família, sua comunidade e a sociedade (Holt et al., 2020; Lerner & Lerner, 2011; Lerner et al., 2015). O modelo recomenda o desenvolvimento do potencial dos jovens por intermédio de intervenções, assim, não trabalhando apenas com a prevenção e diminuição de comportamentos de risco (tais como, uso de substâncias, sexo inseguro, depressão, transtornos alimentares, abandono escolar e baixa autoestima), mas principalmente promovendo o desenvolvimento de características saudáveis (relacionamento social ou altruísmo, competências intelectuais ou físicas,

alimentação saudável e melhora no rendimento escolar) (Esperança et al., 2018; Franco & Rodrigues, 2018).

Especificamente no contexto brasileiro, ainda não são observados na literatura esforços para avaliação dos 5C's no contexto esportivo por meio do desenvolvimento de instrumentos de medida, o que denota a relevância científica da realização da presente pesquisa. A fim de oferecer contribuições para o preenchimento desta lacuna, como também auxiliar profissionais e pesquisadores da área do esporte e da psicologia com o processo de avaliação do DPJ, estabeleceu-se o objetivo da presente pesquisa: propor uma bateria para avaliar os 5C's no esporte. A bateria pode auxiliar os programas esportivos, uma vez que pode ser uma medida capaz de estimar o DPJ, cujo objetivo é desenvolver o potencial dos jovens, promovendo características saudáveis e possibilitando o desenvolvimento de habilidades para a vida de seus participantes.

Diferentes propostas de avaliação dos 5C's

O modelo teórico proposto por Lerner et al. (2005), tem sido avaliado por diferentes pesquisadores. Dentre eles, estão os estudos realizados por Conway et al. (2015), Holsen et al. (2016), Ardal et al. (2017), Chen et al. (2018) e Dvorsky et al. (2019), que utilizaram instrumentos distintos ao avaliar cada um dos Cs. Além do estudo de Vierimaa et al. (2012), que propõem teoricamente um conjunto de instrumentos para avaliar o modelo especificamente no contexto esportivo (Tabela 1).

Tabela 1.

Propostas de avaliação do modelo teórico em diferentes contextos

| Estudos que avaliaram os 5C's | Instrumentos | Contexto |
|--|---|----------|
| Conway et al. (2015), Chen et al. (2018) e Dvorsky et al. (2019) | Positive Youth Development (PYD) (Avalia todas as características do modelo) | Escolar |

| | | |
|------------------------|--|-----------|
| Holsen et al. (2016) | <i>Profiles of Student Life-Attitudes and Behaviors Survey</i> (avalia caráter) <i>Self-Perception Profile for Youth, Friendship Subscale of the SPPA e Scale Developed for Children</i> (avalia competência) <i>Scale of Perceived Social Support</i> (avalia conexão) <i>Self-Perception Profile for Youth</i> (avalia confiança) <i>Self-Perception Profile for Children/ Empathic Concern Subscale of the Interpersonal</i> (avalia cuidado) | Escolar |
| Ardal et al. (2017) | <i>Profiles of Student Life-Attitudes and Behaviors Survey</i> (caráter) <i>Social Acceptance, Close Friendship, Social Self-Efficacy/ Academic Competence</i> (competência) <i>Teacher Support Scales/ Multidimensional Scale of Perceived Social Support</i> (Conexão) <i>Social Acceptance, Close Friendship, Social Self-Efficacy/ Academic Competence</i> (Confiança) <i>Eisenberg Sympathy Scale</i> (Cuidado) | Escolar |
| Vierimaa et al. (2012) | <i>Sport Competence Inventory</i> (competência) <i>Sport Confidence Inventory</i> (confiança) <i>Prosocial and Antisocial Behavior in Sport Scale</i> (caráter+cuidado) <i>Coach-athlete Relationship Questionnaire e Peer Connection Inventory</i> (conexão) | Esportivo |

Nota: Adaptado de Ardal et al. (2017), Chen et al. (2018), Conway et al. (2015), Dvorsky et al. (2018), Holsen et al. (2016) e Vierimaa et al. (2012).

No estudo realizado por Conway et al. (2015), os autores aplicaram os instrumentos em uma amostra de 672 adolescentes irlandeses, estudantes, de ambos os sexos. A partir de uma análise fatorial confirmatória, foi possível atestar que o modelo de cinco fatores da escala falhou em alguns critérios recomendados para uma adequação dos ajustes. No entanto, as cargas fatoriais de ordem superior foram significativas, variando de 0,37 a 0,84, indicando que a estrutura do modelo dos 5C's foi apropriado. Quanto à invariância fatorial, a análise apresentou invariância parcial encontrada entre os sexos, sendo o grupo feminino e adolescentes mais jovens para maior DPJ, enquanto o instrumento PYD foi associado a

contribuição e redução de depressão e comportamentos de risco em todos os grupos. Além disso, o instrumento geral obteve uma consistência interna de 0,72, enquanto as dimensões competência, confiança, conexão, caráter e cuidado, apresentaram consistência interna igual à 0,45, 0,54, 0,76, 0,71 e 0,75, respectivamente.

Na pesquisa feita por Holsen et al. (2016), os autores realizaram um estudo do modelo teórico com cerca de 1200 adolescentes de um programa escolar. Para analisar os dados, os autores recorreram à análise fatorial confirmatória. Os resultados apresentaram um modelo aceitável para um modelo de dois fatores, uma vez que, uma exploração dos modelos identificou que os itens relacionados a consciência social e valores pessoais formaram dois distintos fatores de caráter, em relação aos dados noruegueses. Com isso, a resposta ao modelo de ajuste foi (χ^2 [gl = 549] = 1093,56; RMSEA = 0,03; CFI = 0,97; TLI = 0,96). Os pesquisadores também buscaram apresentar resultados relevantes para os testes de invariância fatorial que sugeriu indicadores de invariância do modelo em relação à organização dos fatores, das cargas fatoriais dos itens em seus respectivos fatores e dos interceptos dos itens, sugerindo um modelo de invariância forte. Por fim, a partir de uma correlação entre as dimensões do modelo teórico administrado à amostra norueguesa e quatro critérios externos relevantes: ansiedade, sintomas depressivos, satisfação de vida e empoderamento. Apontaram que os C's tendem a se correlacionar positivamente com indicadores adaptativos (satisfação e empoderamento da vida) e negativamente com desadaptativos (ansiedade e depressão). O estudo ainda não encontrou suporte para uma ordem superior estrutural, ou seja, não conseguiram agregar os 5C's em uma estrutura de segunda ordem.

Na investigação de Ardal et al. (2017), os pesquisadores buscaram avaliar os 5C's no contexto escolar. Com uma amostra de 997 estudantes da Noruega, de ambos os sexos. Todas as características dos 5C's alcançaram consistências internas adequadas: competência ($\alpha = 0,89$), conexão ($\alpha = 0,86$), confiança ($\alpha = 0,80$), cuidado ($\alpha = 0,92$), caráter valores pessoais (α

= 0,92) e caráter consistência social ($\alpha = 0,84$). Um modelo global para o desenvolvimento positivo de jovens de ordem superior foi testado, porém, não obteve indicadores de ajustes satisfatórios.

A pesquisa feita por Chen et al. (2018), foi composta por uma amostra chinesa de 384 adolescentes (49,6% do sexo masculino), com média de idade igual a 15,13 anos ($DP = 0,91$). Foram empregadas a análise fatorial confirmatória e modelagem de equação estrutural exploratória. Embora na AFC as cargas fatoriais tenham apresentado valores que variavam de 0,34 a 0,82. Os índices de ajustes não foram adequados (χ^2 [gl = 109] = 437,87; RMSEA = 0,08; CFI = 0,86; TLI = 0,82; SRMR = 0,07). Enquanto a modelagem de equações estruturais exploratórias mostrou ajustes satisfatórios (χ^2 [gl = 61] = 125,66; RMSEA = 0,05; CFI = 0,97; TLI = 0,93; SRMR = 0,02). A partir dessa análise foi possível observar que cada um dos Cs foram bem definidos em relação aos seus indicadores, mas houve algumas exceções, que apresentaram carregamentos cruzados no fator confiança: consciência social ($\lambda = 0,61$) do fator caráter, e competência acadêmica ($\lambda = 0,53$) e autopercepção social ($\lambda = 0,61$) do fator competência. Os pesquisadores descrevem que os resultados podem estar associados às limitações dos valores que são colocados pela cultura chinesa, em relação ao que os itens medem. Também afirmam que a implicação do método, de modelagem de equações estruturais, ser mais apropriada para testar a estrutura fatorial dos 5C's.

No estudo realizado por Dvorsky et al. (2019), a amostra foi composta por 4654 alunos de graduação, com idades entre 18 e 29 anos ($M = 19,07$, $DP = 1,34$), de ambos os sexos. Para a para estimativa de evidência de validade do modelo teórico, os autores empregaram a AFC para verificar os ajustes com um fator, com cinco fatores correlacionados, de segunda ordem, de segunda ordem com resíduos correlacionados e um modelo bifactor. O modelo original, de estrutura de ordem superior, de Lerner et al. (2005) não atendeu os critérios de ajustes (χ^2 [gl = 99] = 2159,26; RMSEA = 0,09; CFI = 0,82; TLI = 0,78; SRMR = 0,09). Todos os outros

modelos também indicaram um ajuste muito abaixo do adequado, com exceção do modelo bifactor (χ^2 [gl = 80] = 533,59; RMSEA = 0,04; CFI = 0,96; TLI = 0,94; SRMR = 0,03). As cargas fatoriais sugeriram que o fator do DPJ foi indicado por itens de todos os C's com valores acima de 0,30, com exceção das subescalas valorização da diversidade (caráter) e competência atlética (competência) que apresentaram cargas 0,23 e 0,22 sucessivamente. Os autores também fizeram uma análise de correlações entre as variáveis latentes entre os 5C's, os valores mais altos foram: caráter e confiança ($r = 0,872$), conexão e confiança ($r = 0,637$) e caráter e cuidado ($r = 0,669$).

No contexto esportivo, Vierimaa et al. (2012) propuseram, após realizarem uma pesquisa de revisão da literatura esportiva, um conjunto de medidas para mensuração dos 5C's. Não representando um método final da medição do DPJ no esporte, mas sim, exemplificando como medir cada construto usando os instrumentos distintos (Tabela 1). Em relação à característica competência, Vierimaa et al. (2012) definem que ela pode ser conceituada como um alto nível de conquista, desempenho ou habilidade. Especialmente no esporte, a competência pode ser dividida em três principais dimensões: habilidades técnicas, habilidades táticas e habilidades físicas. As habilidades técnicas estão relacionadas com a capacidade do atleta em executar tarefas que são necessárias para alcançar o sucesso no esporte; as habilidades táticas referem-se às ações e decisões específicas que o indivíduo faz durante uma competição para conseguir vantagem sobre o oponente. Por fim, as habilidades físicas se concentram nas qualidades físicas, permitindo ao atleta atender as demandas físicas do esporte, como velocidade, agilidade e resistência. O objetivo de medir a competência é obter uma classificação da habilidade do atleta no esporte praticado. A partir disso, os autores pontuaram que o *Sport Competence Inventory* foi elaborado pensando em avaliar a característica, sendo um instrumento com três versões (autoavaliação, treinador e pares) compartilhando de uma mesma estrutura. O questionário também avalia as três dimensões da competência e é avaliado

usando uma escala Likert de cinco pontos, variando de “pouco competente” a “extremamente competente” (Dunn et al., 2007).

Outra característica do modelo proposto por Vierimaa et al. (2012) é a confiança, que pode ser compreendida como a autoconfiança no esporte, isto é, o quanto o atleta acredita na sua capacidade para obter o sucesso no esporte. A principal finalidade desse fator é conseguir um método que possa medir as mudanças nos resultados do desenvolvimento. Assim, ao considerar esse C, as experiências se tornam importantes para entender as mudanças significativas em relação à confiança. Dessa forma, o *Sport Confidence Inventory* foi selecionado, dado que chegava mais próximo dos critérios apresentados acima. O instrumento é composto por nove itens e avalia a ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança. Os itens são respondíveis usando uma escala do tipo Likert de quatro pontos que varia de “nem um pouco” a “muito” (Peixoto et al., 2019; Vierimaa et al., 2012).

Os autores propõem o agrupamento dos C's referentes a caráter e ao cuidado para serem mensurado por um instrumento (Vierimaa et al., 2012). Para tanto, se fundamentam em uma revisão teórica proposta por Côté et al. (2010), que agruparam as dimensões cuidado, compaixão e caráter em uma única, por entender que não apresentavam uma definição clara no contexto esportivo. Vale ressaltar que apesar de o agrupamento das dimensões ter sido adotada em diferentes estudos, em especial aqueles baseados em metodologias qualitativas, essa nova conjuntura dos 4C's ainda não foi testada empiricamente (Vierimaa et al., 2012).

Primeiro, os autores definem que o caráter pode ser determinado pelo envolvimento em comportamentos pró-sociais e prevenção de comportamentos antissociais. Os comportamentos pró-sociais então associados ao cuidado, visto que tem ligação com a pretensão de ajudar ou beneficiar outras pessoas. Os comportamentos antissociais, em contrapartida, são ações que tendem a prejudicar o próximo. Diante disto, os autores indicam a *Prosocial and Antisocial Behavior in Sport Scale* para avaliar as duas características, um questionário composto por 20

itens. Para cada item, os atletas pontuam a frequência em que se envolve com algum comportamento específico (pró-social ou antissocial), por meio de uma escala Likert de cinco pontos, que varia de “nunca” a “muito frequentemente” (Vierimaa et al., 2012).

Segundo Vierimaa et al. (2012), a conexão é determinada pela qualidade dos relacionamentos e o grau da interação entre os pares e treinadores. Para promover o DPJ, os atletas precisam estar envolvidos em uma relação significativa e positiva com os outros. Pensando nas diferenças de conexão entre os pares e treinadores, duas medidas foram propostas para avaliar essas dimensões. O *Coach-athlete Relationship Questionnaire* é um instrumento que mede a relação treinador-atleta, sendo composto por três subescalas: proximidade (emoções), comprometimento (cognições) e complementaridade (comportamentos). É um questionário de autorrelato de 11 itens que são respondidos em uma escala tipo Likert de sete pontos que varia de “nem um pouco” a “extremamente”. Por outro lado, a relação entre pares é avaliada por *Peer Connection Inventory*, que é caracterizado por uma medida sociométrica, ou seja, os participantes são instruídos a listar os nomes de três companheiros de equipe que gostam de trabalhar. Essa abordagem permite dois sistemas de classificações oscilométricas: impacto social e preferência social. A primeira está relacionada ao quanto os participantes são notados por seus pares, enquanto a preferência social está associada à quantidade de participantes que dizem gostar ou não, de atuar com determinado atleta.

De acordo com Vierimaa et al. (2012) a característica conexão até o momento não tinha medidas existentes, que atendessem adequadamente os critérios de inclusão, a partir das pesquisas levantadas pelos autores novas medidas foram desenvolvidas. Entretanto, a confiabilidade e validade dessas medidas ainda não foram testadas no contexto brasileiro. Além disso, o instrumento utilizado para avaliar a conexão entre pares tem uma proposta de avaliação intragrupo, deixando uma limitação quanto a avaliação desse C em pesquisas que visam contar com amostras grandes.

Nesse sentido, pensando em formentar a avaliação para futuros estudos, o presente trabalho adaptou a *Teamwork Scale for Youth*. A *Teamwork Scale for Youth*, uma ferramenta que foi desenvolvida por Anderson-Butcher et al. (2014), para avaliar a capacidade de percepção do jovem em colaborar e trabalhar com outras pessoas, com intuito de alcançar um objetivo comum no grupo ou equipe. É uma escala composta por 10 itens, que foi inicialmente usada em avaliações de programas do DPJ.

No estudo realizado por Lower et al. (2015), os autores chegaram à conclusão que era necessário ter um sistema psicométrico sólido e acessível, que pudesse medir as percepções da competência individual do trabalho em equipe entre os jovens. Por isso, tiveram como objetivo verificar as propriedades psicométricas do instrumento. Em síntese, as análises fatoriais longitudinais forneceram evidências de que a estrutura fatorial, indicando que o modelo apresentou nível adequado para o modelo de ajuste ($\chi^2(372) = 836,960$, $p < 0,001$; CFI: 0,97; GFI: 0,89; RMSEA: 0,05; SRMR: 0,04). Entretanto, ao considerarem a estatística descritiva, acharam pertinente eliminar os itens 1 e 2, justificando que o item 1 foi excluído, por parecer estar inclinado negativamente em comparação com os outros itens. Quanto ao item 2, eles descrevem que foi definido como problemático, em relação ao resultado e ao contraste conceitual. Dessa forma, com os dois itens removidos, os índices de ajustes iguais a: $\chi^2(225) = 455,609$, $p < 0,001$; CFI: 0,98; GFI: 0,92; RMSEA: 0,04; SRMR: 0,04. O instrumento também apontou consistência interna, por meio do coeficiente alfa de Cronbach, igual à 0,88. Ademais, os pesquisadores buscaram correlacionar a escala com competências sociais e medidas de compromisso, obtendo um resultado significativo e positivo com ambos ($r = 0,646$ e $0,599$, sucessivamente) (Lower et al., 2015). No entanto, a adaptação do instrumento, para a amostra brasileira, será feita utilizando a escala original com os dez itens.

A paixão e o clima motivacional como variáveis externas

A paixão, segundo Vallerand et al. (2003), é orientada para um objeto ou para uma atividade específica, sendo significativo para a pessoa. Os autores ainda afirmam que a paixão está associada a construção motivacional, em outras palavras, significa que há um impulso, uma inclinação para se aproximar do objeto ou da atividade amada. Nesse sentido, por considerar e valorizar a atividade, o indivíduo tende a organizar sua vida em torno disso. Considerando o contexto motivacional da paixão, os pesquisadores dividiram a paixão em dois tipos: paixão harmoniosa (PH) e paixão obsessiva (PO). De acordo com Vallerand (2016), esse modelo apresenta dois termos que diferenciam como a pessoa internaliza a atividade apaixonada, ou seja, como ela pode ser regulada e integrada em outros contextos da vida.

Tendo como base a paixão harmoniosa o jovem vai se engajar no esporte de forma flexível e autônoma, também vai praticá-lo devido ao prazer que a atividade proporciona, sem visar os ganhos adicionais (Kovacsik et al., 2018; Vallerand, 2012). Vallerand (2015) afirma que esse tipo de paixão, deve estar em harmonia com outros aspectos da vida do indivíduo, devendo então conduzir, principalmente, a resultados adaptativos. Dessa forma, os atletas que exibem a PH tendem a praticar o esporte com atenção plena e abertura, levando a experiências positivas, por exemplo, afeto positivo, engajamento e motivação (Chichekian & Vallerand, 2018).

A paixão obsessiva acontece na ausência de satisfação das necessidades intrínsecas do atleta, geralmente ocorre quando o jovem internaliza o esporte de forma rígida e controlada, quando há uma obrigação em participar (Kovacsik et al., 2018). Segundo Parastatidou et al. (2014), a pessoa obsessivamente apaixonada também cria algumas contingências em relação à atividade amada, tais como: reconhecimento social, autoestima diminuída e sentir-se pressionado. Dessa forma, a paixão obsessiva é elaborada quando o jovem experimenta pressões (internas e externas) ao mesmo tempo em que o prazer pela prática da atividade vai diminuindo, conseqüentemente, ficando os sentimentos e estimas negativas (Vallerand, 2015).

De acordo com Chichekian e Vallerand (2018), a PO pode levar o jovem ao sucesso, porém com consequências negativas, sendo elas: perda de felicidade e uma vida sem sucesso fora do contexto esportivo, bem como esgotamento e ansiedade.

Kovacsik et al. (2018), fizeram uma pesquisa com atletas com objetivo de verificar a associação do vício em exercício com a paixão em esportes coletivos e individuais. Os resultados confirmaram os achados de De La Vega et al. (2016) e Vallerand et al. (2015), que descrevem a paixão harmoniosa é mais presente em atletas que praticam esportes em equipe. Consequentemente, a paixão obsessiva aparece especialmente em esportes individuais e é um fator significativo para o vício de exercícios. Os autores explicam que além dos aspectos físicos e mentais da atividade, nos esportes coletivos há o contexto social que pode influenciar a PH, por meio da motivação, sucesso compartilhado e cooperação bem-sucedida. Enquanto os atletas de modalidades individuais tendem a praticar maior pressão e controle do seu treinamento, portanto, estando relacionada a paixão obsessiva (Kovacsik et al., 2018).

Em relação ao clima motivacional, Weinberg e Gould (2017), descrevem que a motivação está associada à direção e à intensidade os esforços. A direção refere-se ao quanto a pessoa vai se aproximar ou se afastar de certas circunstâncias e a intensidade, uma vez que diz respeito ao tamanho do esforço que deposita em determinado momento. Hirota (2017) conceitua a motivação como algo que pode ser estimulada em diferentes contextos. É identificada como um processo ativo, intencional e depende de aspectos intrínsecos (pessoais), por exemplo, o interesse da pessoa por algum esporte, não dependendo de estímulos externos, e extrínsecos (ambientais), neste caso a participação dependente de contingências externa, ou seja, o jovem pratica o esporte com expectativas de alcançar resultados favoráveis. Esses aspectos estão relacionados com a possibilidade do sucesso que um sujeito pode alcançar.

Nessa perspectiva, pensando na compreensão da motivação e dos comportamentos das pessoas, a Teoria dos Objetivos de Realização (TOR), foi elaborada, destinada a estudos de

processos motivacionais no contexto esportivo (Duda, 1993; Fonseca & Brito, 2001). A TOR é separada por dois aspectos: disposicional e situacional. O primeiro acontece quando há uma orientação dos indivíduos nos contextos de realização, e o segundo, quando existe o clima motivacional induzido por outros fatores que são significativos, incluindo neste caso o treinador (Fernandes et al., 2018).

A TOR afirma que a pessoa seja orientada por objetivos e busca por realização. O comportamento de realização pode ser compreendido como a conduta que tem o objetivo de desenvolver ou demonstrar alta competência, ou ainda evitar aqueles de baixa aptidão. Em outras palavras, os atletas desejam alcançar o sucesso e fugir do fracasso em situações de realização. À vista disso, existem duas maneiras de objetivos de realização, no qual os atletas são orientados, a saber: orientação para o ego e orientação para a tarefa. Essas orientações servem como base para que os indivíduos classifiquem suas competências, bem como seu sucesso no esporte que pratica (Cid & Louro, 2010; Duda, 1993, Fonseca & Brito, 2001).

De acordo com Hirota (2017), os atletas são separados em dois grupos: os motivados a evitar o fracasso (orientados para o ego) e os motivados pela conquista (orientados para tarefa). No primeiro grupo, os jovens tendem a ser pessimistas em relação aos seus objetivos, como também vivenciam o medo na maior parte da prática esportiva, dessa maneira, preferem tarefas a curto prazo e com baixa dificuldade, além disso, dependem de reforços positivos permanente. Em contrapartida, o segundo grupo, os atletas estão propensos a ser responsáveis por seus erros e acertos, tem aspirações realistas e otimistas, trabalham de forma persistente e geralmente escolhem tarefas de grau médio de dificuldade inicialmente. O autor ainda afirma que a orientação à tarefa promove satisfação com a vida, bem-estar subjetivo, competência e prazer. Enquanto a orientação ao ego está significativamente associada ao estresse, ansiedade e interferência cognitiva. Nessa perspectiva, a orientação à tarefa tem sido relacionada com comportamentos positivos e motivação à prática, assim, fazendo com que o atleta persista.

Enquanto a orientação ao ego, está vinculada a comportamentos negativos, como menos comprometimento ao esporte, por exemplo.

A partir dessa perspectiva, surgem duas propostas de clima: com envolvimento para o ego e com envolvimento para a tarefa. No primeiro, o atleta é incentivado a demonstrar comportamento e crenças competitivas excessivas, gerando uma comparação social e do resultado (Duda, 1993). No entanto, quando o treinador cria um clima com envolvimento para tarefa, ou seja, promove a possibilidade de atletas pensarem em estratégias adaptativas, portanto, fazendo com que os jovens se tornem mais persistentes, demonstrando intenções de continuar no esporte, como também controlando a motivação de maneira mais determinada. Dessa forma, diminuindo as chances de abandono (Monteiro et al., 2014).

A escolha da paixão e percepção do clima motivacional como variáveis externas se justificam à medida que estas se caracterizam como variáveis facilitadoras dos 5C's do DPJ no esporte, mais especificamente a paixão representa um dos fatores pessoais do envolvimento pessoal com atividade. Enquanto o clima motivacional representa as características organizacionais em que o esporte é desenvolvido (Côté et al., 2014).

Com base no exposto, a presente pesquisa teve como principal objetivo propor uma bateria para avaliar os 5C's do DPJ no esporte e estimar as primeiras evidências de validade e precisão desta bateria para mensuração deste modelo teórico. Para isto, a dissertação é estruturada em dois artigos: 1) Escala de Trabalho em Equipe para Jovens: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas; 2) Proposta de medida dos 5C's para o esporte: Primeiro estudo das propriedades psicométricas.

Artigo 1: Escala de Trabalho em Equipe para Jovens: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas

Teamwork Scale for Youth: Cross-cultural adaptation and psychometric properties

Escala de Trabajo en Equipo para Jóvenes: Adaptación transcultural y propiedades psicométricas

Maynara Priscila Pereira da Silva

Evandro Morais Peixoto

Resumo

A pesquisa teve como objetivo adaptar a Teamwork Scale for Youth, estimar as primeiras evidências de validade com base na estrutura interna, na relação com variáveis externas (paixão e clima motivacional) e precisão. A amostra foi composta por 259 atletas, com idades entre 14 e 24 anos (média $18,5 \pm 2,38$, 58,7% feminino). Análise de juízes e estudo piloto indicaram validade de conteúdo. A Análise Fatorial Exploratória indicou adequação da estrutura unidimensional capaz de explicar 56,35% da variância dos dados. Os indicadores de precisão superiores a 0,85 demonstraram bom nível de consistência interna. Em acordo com expectativa teórica, verificou-se associação positiva entre paixão harmoniosa e clima motivacional voltado a tarefa com a competência de trabalho em grupo. Os resultados asseguram as primeiras evidências de validade a versão brasileira da TSY e sugerem que o instrumento é uma medida adequada da competência de trabalho em equipe em jovens atletas.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Psicologia do Esporte; Psicometria; Análise Fatorial.

Abstract

The research aimed to adapt the Teamwork Scale for Youth, estimate the first validity evidence based on the internal structure, the relationship with external variables (passion and motivational climate) and reliability. The sample consisted of 259 athletes, aged 14 to 24 years (mean 18.5 ± 2.38 , 58.7% women). Experts judge analysis and pilot study indicated content validity. The Exploratory Factor Analysis indicated the adequacy of the one-dimensional structure capable of explaining 56.35% of the data variance. Accuracy indicators greater than 0.85 showed a good level of internal consistency. In accordance with theoretical expectations, there was a positive association between harmonious passion and mastery-oriented motivational climate with the ability to work in groups. The results ensure the first evidence of validity for the Brazilian version of TSY and suggest that the instrument is an adequate measure of the perception of teamwork in young athletes.

Keywords: Psychological Assessment; Sport Psychology; Psychometrics; Factor Analysis.

Resumen

La investigación tuvo como objetivo adecuar la Teamwork Scale for Youth, estimar las primeras evidencias de validez en base a la estructura interna, la relación con variables externas (pasión y clima motivacional) y precisión. La muestra estuvo formada por 259 deportistas, de

14 a 24 años (media $18,5 \pm 2,38$, 58,7% mujeres). El análisis de jueces y el estudio piloto indicaron validez de contenido. El Análisis Factorial Exploratorio indicó la adecuación de la estructura unidimensional capaz de explicar el 56,35% de la varianza de los datos. Los indicadores de precisión superiores a 0,85 mostraron un buen nivel de consistencia interna. De acuerdo con las expectativas teóricas, hubo una asociación positiva entre la pasión armoniosa y el ambiente motivacional centrado en la tarea con la capacidad de trabajar en grupo. Los resultados aseguran la primera evidencia de validez para la versión brasileña de TSY y sugieren que el instrumento es una medida adecuada de la percepción del trabajo en equipo en atletas jóvenes.

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Psicología del Deporte; Psicometría; Análisis Factorial.

Introdução

A capacidade de trabalhar em equipe é uma variável altamente valorizada no contexto esportivo. Estudos têm demonstrado a potencialidade deste contexto, como facilitador do desenvolvimento desta habilidade e possibilidade de suas aplicações em outros contextos sociais (família, escola e sociedade), caracterizando-se como uma importante habilidade para a vida (Freire et al., 2020; Lower et al., 2015). Apesar disso, ainda observa uma escassez de instrumento de avaliação da capacidade do trabalho em equipe, o que limita a realização de pesquisas quantitativas que visam explorar a associação deste construto com outras variáveis. A fim de preencher essa lacuna Anderson-Butcher, Wade-Mdivanian, Paluta, Lower, Amorose e Davis (2014), desenvolveram a *Teamwork Scale for Youth (TSY)*, um instrumento que visa a mensuração da capacidade percebida por jovens atletas em colaborar com algum membro da equipe ou com a equipe em geral. Estudos de evidências de validade da TSY tem demonstrado adequação do instrumento em mensurar o construto alvo, bem como a sua potencialidade em ser empregada na avaliação de programas relacionados ao Desenvolvimento Positivo de Jovens (DPJ), uma vez que a habilidade do trabalho em equipe faz parte das variáveis socioemocionais, intencionalmente, desenvolvidas por grande parte destes programas (Newman et al., 2017). Considerando a ausência, até o momento, de instrumentos com essa característica disponível ao contexto esportivo brasileiro, a presente pesquisa teve como

principal objetivo adaptar a TSY para o português e estimar as primeiras evidências de validade e precisão em uma amostra de jovens atletas brasileiros.

O DPJ é uma abordagem que surgiu com objetivo de fomentar características positivas em crianças e adolescentes, sob a perspectiva de que os jovens possuem capacidades e habilidades que podem ser promovidas nesta etapa do desenvolvimento. Entre essas habilidades, a literatura vem apoiando a premissa do desenvolvimento de trabalho em equipe (Bean et al., 2018; Gould & Carson, 2008; Rigoni et al., 2017). Conceito que pode ser definido como a capacidade de colaborar ou trabalhar em conjunto para atingir um objetivo em comum, para o contexto que está inserido ou para equipe. Este trabalho envolve membros que estão dispostos a interagir com o outro, de forma que possam saber dialogar e questionar sem diminuir ou ofender o colega. Nesse sentido, trabalhar com outras pessoas permite o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como, resolução de problemas, negociação, feedback, divisão/cumprimento de papéis e responsabilidades (Anderson-Butcher, Amorose, Lower, Riley, Gibson, & Ruch, 2014; Carter & Jones, 2014; Gould & Carson, 2008).

No contexto esportivo, o trabalho em grupo se torna realmente necessário para que os atletas possam aumentar seu desempenho e eficiência, dado que cada membro tem uma função a desenvolver. O conjunto dessas tarefas permite o alcance do objetivo principal do grupo, como, por exemplo, melhorar o rendimento esportivo. Dessa forma, as funções ou tarefas são interdependentes, assim, a colaboração e a cooperação dos participantes são importantes para a equipe funcionar de maneira mais eficaz (Lower et al., 2015), o trabalho em equipe pode ser denominado como um programa dinâmico (McEwan & Beauchamp, 2020). Nessa perspectiva, entende-se que o trabalho em equipe é fundamental, uma vez que pertencer a um grupo possibilita a prevenção de comportamentos desadaptativos (uso de drogas, baixa autoestima, evasão escolar). Sendo associado com aspectos positivos, como autoestima, controle emocional e outras habilidades que podem ser usadas em diferentes áreas (escola, comunidade,

família) (Anderson-Butcher et al., 2018). Contudo, a capacidade de promover as habilidades, depende da compreensão da posição que cada um exerce na equipe, bem como os sentimentos que envolve o grupo (Newman et al., 2017).

Em suma, é preciso compreender como a equipe funciona no seu todo, desde as construções do grupo, dinâmicas, coesão e relacionamento social (Lower et al., 2015). Comportamentos que estão associados a essa circunstância, de forma colaborativa, são: encorajamento, sensibilidade e comunicação. Em relação a atitudes, estas são: percepção e valorização (Carter & Jones, 2014). Em outras palavras, quando os atletas confiam nas pessoas que formam a equipe, tendem a trabalhar mais determinados e unidos, conseqüentemente, conseguem perceber o propósito do grupo e acreditar no sucesso, como também ficarem satisfeitos com o desempenho (McEwan & Beauchamp, 2020). A capacidade de trabalhar em equipe também está relacionada ao sucesso da transição para a vida adulta, uma vez que fornece conjunto de habilidades que podem ser transferidos para outros contextos fora de um grupo/contexto esportivo. Portanto, promover a capacidade de trabalhar com outras pessoas é necessário em muitos programas do DPJ. Dessa forma, uma medida para avaliar a capacidade de trabalho em equipe pode auxiliar pesquisadores e profissionais da área, visto que irá fornecer indicadores críticos para o desenvolvimento de intervenções juntos a equipes esportivas, como também irá dar suporte para identificar e promover intervenções que auxiliem os jovens com baixa competência para o trabalho em equipe (Lower et al., 2015).

Embora a capacidade de trabalho em grupo seja altamente valorizada por profissionais do contexto esportivo e pesquisadores das ciências do esporte, a literatura revela que os instrumentos disponíveis são limitados para medir essa potencialidade junto à população de jovens atletas. A maior parte dessas medidas são focados para profissionais, por exemplo, *Teamwork Climate Scale* (Thomas et al., 2003), *Perceptions of Effective Interprofessional Teams Scale* (Heinemann & Zeiss, 2002) e *Mayo High Performance Team Scale* (Malec et al.,

2007). Ou seja, tem o objetivo de avaliar a percepção das habilidades do trabalho em equipe no local de trabalho, seja em hospitais, indústrias ou outros ambientes que exige a prática do trabalho em grupo dos profissionais.

Diante desta lacuna, Anderson-Butcher, Wade-Mdivanian et al. (2014), elaboraram uma medida que tem o objetivo de avaliar a capacidade percebida de jovens atletas em colaborar com o outro ou com a equipe, a TSY. Os primeiros itens foram criados baseados na escala de desenvolvimento delineado por DeVellis (2003), após ampla revisão de literatura, por pesquisadores com experiência em trabalho social e métodos de pesquisa, que verificaram as abordagens conceituais e de medição em relação ao trabalho em equipe, além de outros aspectos de competência social, por meio de uma entrevista semiestruturada. Assim, levantando conteúdo para o aspecto teórico da elaboração dos itens. A partir disso, os pesquisadores (Anderson-Butcher, Wade-Mdivanian et al., 2014), construíram uma escala com 10 itens, que foram avaliados por um especialista em DPJ, identificando que os dois primeiros dizem respeito as atitudes em relação ao trabalho em equipe, os demais referem-se ao comportamento frente ao trabalho com o grupo. Estes itens apresentaram validade de conteúdo em relação a natureza do trabalho em equipe, que podem estar associados a: comunicação, engajamento e o trabalho em equipe.

O estudo das propriedades psicométrica do instrumento foi realizado por Lower et al. (2015) e contou com uma amostra de 460 participantes de ambos os sexos (58,3% masculino), com idades entre 9 e 15 anos, praticantes de diferentes modalidades esportivas. Para avaliação da estrutura interna os autores empregaram análise fatorial confirmatória e estimativa do coeficiente alfa de Cronbach. Adicionalmente, buscaram estimar validade de critério (simultânea e preditiva) com as variáveis: competência social e medidas de compromisso. Os resultados indicaram adequação da estrutura unidimensional, correspondendo a hipótese teórica. Inicialmente, as análises foram feitas com os 10 itens que apresentou os seguintes

índices de ajustes $\chi^2 (372) = 36.960$, $p < .001$; CFI: 0.976; GFI: 0.894; RMSEA: 0.052; SRMR: 0.046. No entanto, os pesquisadores propuseram a verificação dos índices de ajustes da escala com oito itens, uma vez que os dois primeiros tinham propostas diferentes dos outros, os resultados deste modelo mostraram-se mais adequados ($\chi^2 (225) = 455.609$, $p < .001$; CFI: 0.984; GFI: 0.925; RMSEA: 0.047; SRMR: 0.042), com cargas fatoriais variando de 0,38 a 0,85. Em relação à precisão verificou-se que a confiabilidade foi satisfatória, visto que o alfa de Cronbach ficou acima de 0,70. Em relação às evidências de validade de critério, os resultados indicaram associação significativa e positiva entre a capacidade percebida de trabalho em equipe com competências sociais ($r = 0,646$) e medidas de compromisso ($r = 0,599$).

Lower et al. (2015), ainda enfatizaram a importância de se contar com uma medida versátil e de fácil aplicação como a TSY, com propriedades psicométricas que assegurem a capacidade da medida para avaliar as percepções de jovens em relação à sua competência de trabalho em equipe. Pois o desenvolvimento de um instrumento com essas características contribuiria para estudos futuros sobre os programas do DPJ e preencheria uma lacuna em relação à escassez de medida que avalie o trabalho em equipe com a população de jovens atletas. Com base no exposto, a presente pesquisa teve como principal objetivo adaptar a TSY para o português e estimar as primeiras evidências de validade para o contexto brasileiro. Para tanto, a pesquisa é estruturada em dois estudos: 1) adaptação transcultural e estimativa de evidências de validade com base no conteúdo dos itens; 2) estimativa de evidência e validade com base na estrutura interna, precisão e relação com variáveis externas (paixão e clima motivacional).

A escolha das variáveis externas se baseou na orientação teórica de que variáveis individuais e contextuais podem ser determinantes para o desenvolvimento da capacidade de trabalho em equipe. Desta forma, optou-se pela avaliação da paixão pelo esporte, que corresponde à maneira como o indivíduo se relaciona na atividade esportiva. De acordo com Vallerand (2015)

a paixão pode ser definida com uma forte inclinação para uma atividade que a pessoa considera importante, investe tempo e energia na sua realização. Essa relação pode assumir duas formas, paixão harmoniosa (PH) ou paixão obsessiva (PO). A primeira, resulta de uma internalização autônoma da atividade a identidade da pessoa, fazendo com que pessoa tenha uma sensação de controle sobre a atividade e que ela possa ser integrada de forma harmoniosa a outras atividades da vida, estando associada a emoções positivas e resultados adaptativos. A paixão obsessiva é resultante de uma internalização controlada da atividade e está ligada pressões internas ou externas impostas ao praticante, estando associada a experiências emoções negativas e comportamentos desadaptativos no contexto do esporte (Schellenberg et al., 2019).

Em relação ao determinante contextual da percepção da capacidade do trabalho em equipe, avaliou-se o clima motivacional. De acordo com Duda (1993), existem dois tipos de clima motivacionais: orientado ao ego e orientado a tarefa. Enquanto o orientado ao ego os agentes promotores da prática esportiva (comissão técnica/gestores/pais) gera um clima competitivo entre os colegas de equipe, causando sentimentos negativos (por exemplo, tensão e angústia). O orientado a tarefa consiste em trazer estímulos de cooperação entre os participantes, conseqüentemente, acarretando o trabalho de equipe mais saudável, isto é, fornecendo suporte para que os jovens possam trabalhar em conjunto buscando um objetivo comum, como também incentivando a empatia, decisão coerente, responsabilidade, relacionamento sociais e outras características que fazem parte do trabalho em equipe (Brum & Santos, 2020; Bruner et al., 2011).

A partir destas compreensões teóricas, a presente pesquisa se baseou nas seguintes hipóteses: 1) a versão adaptada da TSY apresentará evidências de validade de conteúdo, a partir avaliação dos juízes que sustentarão a adequação da versão; 2) A estrutura interna unifatorial se ajustará aos dados resultantes da amostra; 3) O nível de precisão será satisfatório, com coeficientes Alfa e Ômega superior a 0,7; 4) Espera-se que correlação do trabalho em equipe

com as variáveis paixão harmoniosa e clima motivacional orientada a tarefa seja moderada e positiva, caracterizando evidência de validade convergente, enquanto com paixão obsessiva e clima motivacional orientado ao ego seja nula, caracterizando evidência de validade divergente.

Estudo 1: Adaptação transcultural e evidências de validade de conteúdo para a TSY

Método

O processo de adaptação do instrumento prosseguiu de acordo com as consecutivas etapas: 1) tradução do instrumento para o novo idioma; 2) Síntese das versões traduzidas; 3) Avaliação da síntese por *experts*; 4) Tradução reversa; e 5) Estudo-Piloto, conforme proposto por Borsa et al. (2012). O processo de tradução da Escala foi realizado por três profissionais, sendo um psicólogo bilingue e dois professores da língua inglesa, de maneira independente. Após as traduções, um comitê composto por cinco pesquisadores se reuniu para composição de uma versão síntese. Para etapa de avaliação da versão síntese por *experts* contou-se com a participação de três juízes independentes, especialistas em Avaliação Psicológica e Psicologia do Esporte. Vale ressaltar que estes profissionais são professores universitários coordenadores de grupos de estudos voltados a realização de pesquisas em psicologia do esporte e do exercício.

Para estimativa das evidências de validade de conteúdo empregou-se o coeficiente de validade de conteúdo (CVC), proposto por Hernández-Nieto (2002). Esse coeficiente tem por objetivo avaliar a concordância entre os juízes, no que diz respeito a clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica dos itens. Foram considerados adequados os itens que apresentaram valores $\geq 0,80$ (Cassepp-Borges et al., 2010). De posse das primeiras evidências de validade com base no conteúdo procedeu-se a tradução reversa (*Back-translation*). A finalidade foi de avaliar em que medida a versão traduzida estava refletindo adequadamente o

conteúdo do item, conforme propõe a versão original. Novamente reuniu-se o comitê de pesquisadores que atestaram a adequação da versão brasileira da TSY.

Por fim, foi realizado um estudo piloto para avaliação da adequação dos itens, acerca do significado, da dificuldade da compreensão dos itens e das instruções referente à aplicação do teste (Borsa et al., 2012). A amostra foi composta por 12 jovens, com idades entre 14 e 21 anos (média $16,8 \pm 2,38$), de ambos os sexos (50% de cada grupo), praticante das seguintes modalidades esportivas coletivas e individuais. Foram encaminhados inicialmente os Termos de Consentimentos e de Assentimento, antecipadamente, por *e-mail* dos pais e/ou responsáveis. Como a quantidade de indivíduos foi pequena, a aplicação do estudo foi realizada por meio de uma chamada de vídeo. Participaram da chamada apenas os adolescentes que os pais ou responsáveis consentirem formalmente, bem como aqueles que assentiram a sua participação.

Resultados

A Escala de Trabalho em Equipe para Jovens (*Teamwork Scale for Youth*), foi analisada usando três critérios: clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Na primeira versão da escala, 30% dos itens apresentaram CVC abaixo de 0,80 em relação à clareza de linguagem, enquanto os outros ficaram acima de 0,80. Os itens que alcançaram os valores abaixo do esperado foram: (4- Sei como dar feedback aos membros de minha equipe sem machucar seus sentimentos) = 0,53; (6- Esforço-me para incluir outros membros da minha equipe) = 0,73; (7- Valorizo as contribuições dos membros da minha equipe) = 0,73. Em relação ao critério de pertinência prática e relevância teórica, todos os itens ficaram acima do esperado, alcançando o valor 1, com exceção do item 10, na avaliação da relevância teórica, que obteve índice de 0,93. Dado a importância em alcançar os valores iguais ou superiores a 0,80, uma segunda avaliação foi encaminhada aos juízes, considerando os valores de CVC e as sugestões de modificação dos itens descritas pelos avaliadores. Dessa forma, foi enviado um novo documento com os itens reformulados para avaliação dos três critérios, pensando que

poderiam afetar nos valores de pertinência prática e relevância teórica. Após a nova rodada de avaliação todos os itens apresentaram resultados satisfatórios, ou seja, igual ou superior a 0,80.

Após a etapa de análise dos juízes, foi realizado a retrotradução, que indicou não ter problemas, dado que os itens não apresentam gírias ou expressões importantes. Por fim, dois grupos focais foram realizados para avaliação da interpretabilidade do conteúdo dos itens da versão brasileira do TSY. Todos os participantes relataram não encontrar dificuldade na compreensão dos itens e das instruções de resposta, responderam sem qualquer dificuldade e afirmaram não ter dúvidas quanto à escrita, também disseram não ter sugestões, pois acreditavam que as palavras já estavam adequadas ao vocabulário acostumado.

Estudo 2: Estrutura interna, precisão e relação com variáveis externas.

Método

Participantes

A amostra, por conveniência, foi composta por 259 atletas, com idades entre 14 e 24 anos (média $18,5 \pm 2,38$), de ambos os sexos (58,7% mulheres). Os participantes são residentes das diferentes regiões do Brasil: Sudeste (54,4%), Sul (17,8%), Nordeste (14,7%), Centro-Oeste (7,3%), Norte (2,3%). Além das regiões do Brasil, também houve a participantes brasileiros residentes dos Estados Unidos da América (3,6%), localizados nos estados: Hawai'i, Kansas, Missouri, Nebraska, New Jersey, Pensilvânia, Texas e Wyoming. Os atletas, em geral, têm experiência acima de três anos (85,4%). Em relação as modalidades esportivas a maioria é praticadas em modalidades coletivas (63,7%), e competem em níveis nacionais (37,8%), internacional (35,15), estadual (15,8%) e regional (11,2%).

Instrumento

Escala de Trabalho em Equipe para Jovens (TSY)

Tem por objetivo avaliar a capacidade percebida dos jovens de colaborar e trabalhar com outras pessoas com a finalidade de alcançar um objetivo comum no contexto de grupo. A escala é composta por 10 itens cujos conteúdos versam sobre as atitudes e comportamentos relacionadas ao trabalho em equipe (Anderson-Butcher, Wade-Mdivanian et al., 2014). Estudos das propriedades psicométricas da TSY sugeriram adequação da estrutura interna unidimensional e coeficiente de consistência interna igual à 0,88. A partir de uma análise fatorial exploratória, os autores (Lower et al., 2015) excluíram os dois primeiros itens por ter proposta diferente aos demais itens, sugerindo melhores índices de ajuste para esse modelo. Contudo, para a presente pesquisa, optou-se por usar a escala com 10 itens.

Escala de Paixão pelo Esporte (EP)

Uma medida composta por 12 itens que avaliam as duas dimensões da paixão: PH (6 itens) e PO (6 itens). Os participantes precisam responder aos itens usando uma escala tipo Likert de sete pontos, os quais variam entre “não concordo” a “concordo plenamente”. Os resultados do estudo das propriedades psicométricas da versão original, indicaram adequação da estrutura interna de dois fatores relacionados, bem como bons níveis de consistência interna como $\alpha = 0,79$ para PH e $\alpha = 0,89$ para PO (Vallerand et al., 2003). A adaptação da EP para o contexto brasileiro foi realizada Peixoto et al. (2019), onde se verificaram a replicabilidade da estrutura interna e indicadores de precisão considerados satisfatórios para os fatores PH = 0,81 e PO = 0,75.

Questionário de Clima Motivacional Percebido no Esporte 2 (PMCSQ-Versão reduzida)

O PMCSQ-2, foi construído por Newton et al. (2000), uma medida da percepção do atleta em relação clima motivacional no contexto esportivo. Sendo composto por 33 itens respondidos por meio de escala Likert de cinco pontos, variando de “discordo totalmente” a

“concordo totalmente”, e dividido em dois fatores: orientação ao ego (contém 16 itens) e orientação à tarefa (avalia 17 itens), que apresentaram alfa de Cronbach de 0,87 e 0,87 sucessivamente. A versão breve é composta por 18 itens distribuídos igualmente nos dois fatores, foi proposta a partir dos resultados da verificados por Saldanha et al. (no prelo) mantendo a cobertura do conteúdo apresentado pela versão longa, a mesma estrutura fatorial e consistência interna superiores a 0,80.

Questionário sociodemográfico

Foi desenvolvido especificamente para o presente estudo, com a finalidade de caracterização da amostra. Tal ferramenta levantou informações a respeito da idade, sexo, modalidade esportiva (indicar se é coletivo ou individual também), o tempo de experiência da modalidade e nível de competição.

Procedimentos

Aspectos éticos. No primeiro momento, foram contatados clubes, projetos esportivos e escola que ofereciam a prática de esporte para crianças e adolescentes nos contextos escolar, projetos sociais e rendimento esportivo. Após o consentimento, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco. Com a aprovação (CAAE: 36510320.0.0000.5514), a autora da pesquisa entrou em contato novamente com as instituições que deram autorização inicialmente, para solicitar o contato dos pais e/ou responsáveis dos jovens. O contato foi feito com o intuito de explicar os objetivos do estudo, posteriormente foi encaminhado por *e-mail* um link com um formulário que foi disponibilizado aos participantes.

Em virtude do isolamento social em enfrentamento da pandemia da COVID-19 a aplicação aconteceu online, por meio da plataforma Google *Forms*. A participação dos jovens

foi totalmente voluntária e estando condicionada ao consentimento formal dos pais ou responsáveis, bem como do adolescente. Aos sujeitos com idades inferiores a 18 anos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado ao responsável pelo adolescente, também foi apresentado o Termo de Assentimento, a ser endossado pelo adolescente. Em relação aos sujeitos com mais de 18 anos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado diretamente a eles.

Plano de Análise de dados. Para avaliação das primeiras evidências de validade da Escala de Trabalho em Equipe para Jovens, foi empregado o procedimento de Análise Paralela (AP), considerado um dos principais métodos disponíveis atualmente para estimar a dimensionalidade de um conjunto de itens (Damásio, 2012; Lim & Jahng, 2019). A partir deste método a variância explicada obtidas juntos aos dados respondidas pelos participantes, são comparadas com os valores (médios e alocados), no percentil 95 da variância explicada oriunda de matrizes de correlação simuladas. Na sequência, a solução fatorial foi estimada usando a Análise Fatorial Exploratória, com método de estimação *Unweighted Least Squares* (ULS) e matriz de correlação policórica, apropriada ao nível de mensuração ordinal, escala Likert. Foram avaliados a adequação da estrutura fatorial, cargas fatoriais e porcentagem de variância explicada. Para tanto, foram considerados os seguintes valores: χ^2/gf deve apresentar valores inferiores a 3; *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI) devem apresentar valores acima de 0,90; *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) deveria ser inferior a 0,08 (90% IC); e cargas fatoriais iguais ou superior a 0,30. Para a realização destas análises foi empregado software *Factor* versão 10.3 (Hongyu, 2018; Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013).

Em relação aos indicadores de precisão da escala foram calculados coeficiente Alfa de Cronbach e Ômega McDonald's. Para a classificação da confiabilidade foram considerados valores iguais ou acima de 0,70 como satisfatórios (Malacarne et al., 2017; Tabachnick &

Fidell, 2019). Para avaliação da relação com variáveis externa, empregou-se correlação de Pearson, tendo como parâmetro a classificação de magnitude de correlação propostas por Cohen (1998): nulas (-0,09 a 0,09); pequenas (0,10 a 0,29); média (0,30 a 0,49); e grande (0,50 a 1,0). Por fim, empregou-se a análise de regressão múltipla para avaliação do poder preditivo das variáveis paixão harmoniosa e clima motivacional orientado a tarefa sobre a capacidade de trabalho em equipe. Foram verificadas as significâncias gerais do modelo, as contribuições significativas das variáveis independentes para explicações das variáveis dependentes β e a proporção total explicada das variáveis independentes R^2 .

Resultados

Inicialmente, buscou-se a adequação dos dados por meio dos índices Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,88) e Teste de Esfericidade de Barlett (χ^2 (45) = 984,7; $p < 0,01$), os quais indicaram adequação dos dados para serem submetidos a AFE. A partir destes indicadores buscou-se verificar a dimensionalidade da escala, empregando a análise paralela, que sugeriu a retenção de um fator. Na tabela 1, é possível observar o modelo estimado pela AFE, onde é apresentado o conteúdo, as cargas fatoriais e índices de comunalidade dos itens, bem como a porcentagem da variância explicada e indicadores de consistência interna apresentados pelo fator.

Tabela 1.

Resultados da AFE

| Itens | Cargas fatoriais | h^2 |
|--|------------------|-------|
| 1. Eu penso que trabalho em equipe é importante. | 0,611 | 0,535 |
| 2. Pessoas que trabalham em equipes podem aprender mais do que se trabalhassem sozinhas. | 0,596 | 0,563 |
| 3. Sinto-me confiante na minha capacidade de trabalhar em equipe. | 0,726 | 0,722 |
| 4. Sei como conversar sobre as atitudes ou ações dos meus colegas de equipe. | 0,693 | 0,713 |
| 5. Considero as opiniões de outras pessoas. | 0,584 | 0,628 |
| 6. Esforço-me para incluir os colegas de equipe em conversas e atividades do grupo. | 0,678 | 0,557 |

| | | |
|---|-------|-------|
| 7. Valorizo os esforços dos colegas da minha equipe. | 0,702 | 0,772 |
| 8. Trato os membros da minha equipe de maneira igual. | 0,618 | 0,518 |
| 9. Sou bom em comunicar-me com os membros de minha equipe. | 0,655 | 0,721 |
| 10. Sinto confiança na minha habilidade de ser um(a) líder. | 0,490 | 0,488 |
| Porcentagem de variância explicada | 56,35 | |
| Alfa de Cronbach | 0,87 | |
| Ômega McDonald's | 0,92 | |

Os resultados da AFE indicaram que o modelo unidimensional, com 10 itens, tem índices de ajustes satisfatórios ($\chi^2 (35) = 95,874$, $p < 0,001$; $\chi^2/df = 2,74$, TLI = 0,96, CFI = 0,96, RMSEA = 0,08). Conforme o esperado, os itens apresentaram valores adequados em suas cargas fatoriais, variando entre 0,490 (item 4) e 0,726 (item 3), ressalta-se que o modelo foi capaz de explicar 56,35% da variância total dos dados. Também realizou uma AFE para verificar a adequação do modelo com oito itens, os resultados observados foram: ($\chi^2 (20) = 71,592$, $p < 0,001$; $\chi^2/df = 3,57$, TLI = 0,96, CFI = 0,97, RMSEA = 0,10). Dessa forma, sugerindo que o modelo com 10 itens está mais adequado.

Em relação aos indicadores de precisão do TSY, tanto o alfa de Cronbach com o ômega de McDonald's indicaram níveis de consistência interna bons. Dessa maneira, os resultados dão suporte para as primeiras evidências com base na estrutura interna e precisão da versão brasileira da Escala de Trabalho em Equipe para Jovens. Uma vez estimado as primeiras evidências com base na estrutura interna, buscou estimar a relação do trabalho em equipe com as variáveis paixão e clima motivacional no esporte, os resultados desta análise estão apresentados na tabela 2.

Tabela 2.

Relação do trabalho em equipe com as variáveis paixão e clima motivacional no esporte

| | Trabalho em Equipe | Paixão Harmoniosa | Paixão Obsessiva | Clima Orientado a Tarefa | Clima Orientado ao Ego |
|--------------------|--------------------|-------------------|------------------|--------------------------|------------------------|
| Trabalho em Equipe | — | | | | |

| | | | | | |
|-------------------------------------|--------|--------|--------|--------|---|
| Paixão Harmoniosa | 0.399* | — | | | |
| Paixão Obsessiva | 0.114 | 0.439* | — | | |
| Clima Orientado a Tarefa | 0.344* | 0.329* | 0.113 | — | |
| Clima Orientado ao Ego | -0.043 | 0.017 | 0.225* | -0.061 | — |

Nota: *= $p < 0,001$.

Conforme observado na tabela 2, as variáveis paixão harmoniosa e clima motivacional orientado a tarefa obtiveram correlações positivas e moderadas com o trabalho em equipe. Enquanto, a variável paixão obsessiva teve correlação pequena e o clima orientado ao ego correlação nula. Nota-se também que paixão harmoniosa com o clima orientado a tarefa obteve relação moderada, o mesmo acontece com a paixão obsessiva e o clima orientado ao ego. Em contraste, a paixão harmoniosa com o clima orientado ao ego apresentou associação nula e a paixão obsessiva com o clima orientado a tarefa apresentou correlação fraca. Já os resultados da análise de regressão múltiplas indicaram que o modelo foi estaticamente significativo: $F(2) = 34.2$, $p < 0,001$; explicando 21% da variância da capacidade de trabalho em equipe. Assim, tanto a paixão harmoniosa pelo esporte ($\beta = 0,32$), quanto o clima motivacional orientado a tarefa ($\beta = 0,24$) foram os preditores individuais significativos no modelo.

Discussão

O presente estudo buscou adaptar e verificar as primeiras propriedades psicométricas da *Teamwork Scale for Youth* (Escala de Trabalho em Equipe para Jovens) para a amostra brasileira. Para tanto, diferentes métodos estatísticos foram empregados tendo em vista as diferentes evidências de validade avaliada: baseada no conteúdo, na estrutura interna e relação com variáveis externas, bem como avaliação da consistência interna. De modo geral os resultados indicam adequação da versão brasileira e corroboram o estudo de Lower et al. (2015), de avaliação das propriedades psicométricas da versão original da TSY, ao apresentar

uma estrutura unidimensional, com bons indicadores de precisão, e que se relacionou conforme expectativa teórica com as variáveis paixão pelo esporte e clima motivacional.

Destaca-se a relevância dos estudos voltados para estimação de evidências de validade de conteúdo e as indicações de adequação do conteúdo dos 10 itens que compõem a TSY, esses resultados corroboram aqueles observados por Anderson-Butcher, Wade-Mdivanian et al. (2014). Neste estudo, os autores já destacam a importância da avaliação da atitude dos jovens em relação a importância do trabalho em equipe no contexto esportivo (expresso no conteúdo dos itens 1 e 2) bem como os comportamentos destes jovens, que expressem a capacidade de trabalho em equipe, como colaboração e cooperação com outros colegas (expresso no conteúdo dos itens 3 a 10). Tais resultados sustentaram a manutenção de todos os itens do instrumento nas etapas de avaliação empírica e indicam as primeiras evidências de validade baseada no conteúdo da versão brasileira do TSY (AERA, APA & NCME, 2014), confirmando a hipótese 1.

Os resultados da análise paralela e AFE indicaram a adequação do modelo unifatorial, corroborando a definição teórica de que o trabalho em equipe pode ser compreendido como uma expressão geral da competência do jovem atleta em colaborar e trabalhar com outras pessoas para atingir um objetivo comum no contexto de grupo ou equipe (Carter & Jones, 2014; Lower et al., 2015; McEwan & Beauchamp, 2020). A análise dos índices de ajuste do modelo de medida aos dados disponíveis demonstrou que o modelo composto por 10 itens apresentou índices mais adequados quando comparado ao modelo composto por oito itens. Contudo, os valores obtidos com oito itens também foram satisfatórios o que possibilita uma amplitude de utilização do instrumento a depender da abrangência do fenômeno a ser avaliado. Desta forma, sugere-se a utilização do modelo total uma vez que este agrupamento de itens permitem a compreensão da importância atribuída ao trabalho em equipe, bem como os comportamentos empregados para alcançar tais objetivos, o que corresponde a compreensão teórica que deu

origem a primeira versão do instrumento (Anderson-Butcher, Wade-Mdivanian et al., 2014). Tais resultados asseguram as primeiras evidências de validade baseada na estrutura interna da TSY (AERA, APA & NCME, 2014), e confirmam a segunda hipótese que fundamentou esse estudo. Ainda em relação a estrutura interna, os indicadores de precisão observados na presente pesquisa apresentaram valores condizentes com aqueles observados na versão original da TSY, indicando a capacidade do instrumento em mensurar o construto alvo com baixo nível de erro associado a estimação do construto alvo da mensuração (Lower et al., 2015; Tabachnick & Fidell, 2019) (hipótese 3).

Destaca-se as assinações entre os escores que indicam a competência do trabalho em equipe com as variáveis externas paixão e clima motivacional. Os resultados sugerem que atletas que apresentam uma relação com esporte baseada na PH tendem a apresentar maiores níveis na capacidade de trabalho em equipe, tais resultados são coerentes com aqueles apresentados por estudos que empregam o modelo dualístico da paixão, sugerindo que PH está associada a sentimentos e emoções positivas, relações mais saudáveis com os indivíduos envolvidos na atividade apaixonada, assim, gerando resultados mais adaptativos (Vallerand et al., 2003; Xavier et al., 2020). Por outro lado, era esperado que indivíduos movidos pela paixão obsessiva pelo esporte experienciem afetos negativos, pressões internas e persistência exagerada, podendo prejudicar até outros domínios da vida do jovem (Luth et al., 2017).

Em relação ao clima motivacional, observou-se que apenas a fator clima orientado à tarefa apresentou associação com a capacidade de trabalho em equipe, sendo coerente com a expectativa teórica já que este fator descreve ações dos agentes organizadores da prática esportiva para clima de cooperação entre os atletas, ênfase no aprendizado e na melhora pessoal, nessa perspectiva compreende-se que para se atingir o sucesso é necessário trabalhar duro e colaborar com os outros participantes da equipe (Duda, 1993; Roberts, 2001). Em contrapartida, quando há um clima motivacional orientado ao ego o sucesso pode ser

compreendido pela sensação de superioridade em relação aos colegas de equipe, o que não é condizente com a perspectiva de trabalho em equipe. O conjunto desses resultados revela os primeiros indicadores de validade baseada na relação com variáveis externas (convergente e discriminante) (AERA, APA & NCME, 2014), e confirmam a hipótese 4.

Por fim, destaca-se as potencialidades de aplicações dos resultados obtidos na presente pesquisa, pois as análises de regressão linear múltipla, indicou o poder preditivo das variáveis PH e clima motivacional orientado a tarefa sobre a capacidade de trabalho em equipe. Neste sentido, entende-se que treinadores, dirigentes esportivos, pais, entre outros, devam se atentar a maneira como os jovens se relacionam com a atividade esportiva, promovendo experiências em diferentes modalidades esportivas, bem como em outras atividades além do esporte, o que pode evitar a especialização precoce e estabelecimento de uma relação rígida com a atividade (Vallerand, 2015). Ressalta-se ainda a importância das organizações se atentarem para o desenvolvimento de um clima motivacional voltados a colaboração, haja vista as possíveis influências que estas variáveis apresentam sobre a capacidade de cooperação, que certamente não se restringirão ao contexto esportivo, mas se tornaram uma habilidade para a vida (Brum & Santos, 2020; Bruner, et al., 2011; Rigoni et al., 2017).

Em relação ao instrumento, ao apresentar a comunidade científica uma adaptação da TSY com propriedades psicométricas adequadas a realidade esportiva brasileira, espera-se oferecer uma contribuição a área do desenvolvimento positivo de jovens por meio do esporte, uma vez que o instrumento se mostrou capaz de avaliar as atitudes e comportamentos do indivíduo em relação a sua equipe. Portanto, com potencial para compor o instrumental de pesquisadores e profissionais interessados em compreender a desenvolvimento desta variável, que ocupa um lugar de destaque dentre as habilidades socioemocionais possíveis de serem aprimoradas no contexto do esporte (Vierimaa et al., 2012). Pois, conforme demonstrado por Freire et al. (2020), a prática esportiva pode promover a percepção dos adolescentes no que diz

respeito ao desenvolvimento das habilidades sociais, principalmente, quando se trata do trabalho em equipe (metas da equipe, liderança e comunicação).

Considerações finais

Os resultados obtidos na presente pesquisa permitem inferir que os objetivos inicialmente estabelecidos, adaptação do TSY para o português brasileiro e estimativa das primeiras evidências de validade, foram satisfatoriamente alcançados e que as hipóteses que fundamentaram o estudo foram confirmadas. Embora esses sejam resultados relevantes, limitações da pesquisa podem ser apontadas como o fato de se basear em uma amostra por conveniência recrutada em ambiente online. Sabe-se que devido ao isolamento social, como forma de enfrentamento da disseminação do COVID-19, a realização de pesquisa desta natureza se tornou uma das poucas formas de acesso a amostras de grande. Contudo, deve-se ter cautela na generalização dos resultados, haja vista que a amostra pode não representar uma importante parcela da população de jovens brasileiros que não tem acesso à internet e equipamentos eletrônicos. Para o enfrentamento desta dificuldade, sugere-se que após a pandemia evidências de validade sejam estimadas com base em aplicações da versão lápis-papel do instrumento. Adicionalmente, sugere-se que em futuros estudos esforços sejam realizados para o controle de vieses de resposta como desejabilidade social, aquiescência, entre outros, haja vista os resultados de pesquisas atuais que têm demonstrado a influências destes vieses sobre a respostas a medidas de autorrelato.

Referências

American Educational Research Association, American Psychological Association, & the National Council on Measurement in Education. (2014). *Standards for Educational & Psychological Testing*. Author.

- Anderson-Butcher, D., Amorose, T., Lower, L., Riley, A., Gibson, A., & Ruch, D. (2014). The case for the perceived social competence scale-II. *Research on Social Work Practice*, 26(4), 419-428. <https://doi.org/10.1177/1049731514557362>
- Anderson-Butcher, D., Martin, E., Paluta, L., & Gould, D. (2018). Patterns of social skill development over-time among clusters of LiFEsports participants. *Children and Youth Services Review*, 87, 17-25. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.01.044>
- Anderson-Butcher, D., Wade-Mdivanian, R., Paluta, L., Lower, L., Amorose, A., & Davis, J. (2014). OSU LiFE sports 2013 annual report. *Columbus, OH: College of Social Work, The Ohio State University.*
- Bean, C., Kramers, S., Forneris, T., & Camiré, M. (2018). The implicit/explicit continuum of life skills development and transfer. *Quest*, 70(4), 456-470. <https://doi.org/10.1080/00336297.2018.1451348>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: Algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. <http://doi.org/10.1590/1982-43272253201314>
- Brum, F., & dos Santos, D. D. C. (2020). Clima motivacional na natação esportiva: Uma revisão narrativa. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 9(3). <https://doi.org/10.31501/rbpe.v9i3.10411>
- Bruner, M. W., Hall, J., & Cote, J. (2011). Influence of sport type and interdependence on the developmental experiences of youth male athletes. *European Journal of Sport Science*, 11(2), 131-142. <https://doi.org/10.1080/17461391.2010.499969>.
- Camiré, M., & Santos, F. (2019). Promoting positive Youth development and life skills in youth sport: Challenges and Opportunities amidst Increased Professionalization. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 5(1), 27-34. [http://www.ipg.pt/scpd/files/JSPR_5\(1\)_2019.pdf#page=27](http://www.ipg.pt/scpd/files/JSPR_5(1)_2019.pdf#page=27)

- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (2010). Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In: L. Pasquali (Cols.), *Instrumentação psicológica* (pp. 506-520). Artmed.
- Carter, M., & Jones, K. (2014). Measuring perceptions of engagement in teamwork in youth development programs. *Journal of Experiential Education*, 37, 176–186. <https://doi.org/10.1177/1053825913503114>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale Lawrence Erlbaum Associates.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228.
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale development: Theory and applications* (2nd ed.). Sage.
- Duda, J. L. (1993). Goals: A social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: R. Singer, M. Murphey, & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research in sport psychology* (pp. 421–436). Macmillan.
- Freire, G. L. M., de Souza Neto, A. C., Santos, M. C., Tavares, J. E. T., de Oliveira, D. V., & do Nascimento Junior, J. R. A. (2020). Desenvolvimento de habilidades para vida em adolescentes praticantes de esportes individuais. *Research, Society and Development*, 9(8), e154985557-e154985557. <http://dx.doi.org/10.33448/rsdv9i8.5557>
- Gould, D., & Carson, S. (2008). Life skills development through sport: Current status and future directions. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 1, 58–78. <https://doi.org/10.1080/17509840701834573>
- Heinemann, G. D., & Zeiss, A. M. (2002). *Team performance in health care: Assessment and development*. Kluwer Academic/Plenum. <https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0581-5>
- Hernández-Nieto, R. A. (2002). Contribuciones al análisis estadístico. *Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes/IESINFO*.

- Hongyu, K. (2018). Análise Fatorial Exploratória: Resumo teórico, aplicação e interpretação. *E&S Engineering and Science*, 7(4), 88-103. <https://doi.org/10.18607/ES201877599>
- Lim, S., & Jahng, S. (2019). Determining the number of factors using parallel analysis and its recent variants. *Psychological Methods*, 24(4), 452–467. <https://doi.org/10.1037/met0000230>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2013). FACTOR 9.2 A comprehensive program for fitting exploratory and semi confirmatory factor analysis and IRT models. *Applied Psychological Measurement*, 37(6), 497-498. <https://doi.org/10.1177/0146621613487794>
- Lower, L. M., Newman, T. J., Anderson-Butcher, D. (2015). Validity and reliability of teamwork scale for youth. *Research on Social Work Practice*, 27(6), 716-725. <http://doi.org/10.1177/1049731515589614>
- Luth, M. T., Flinchbaugh, C. L., & Ross, J. (2017). On the bike and in the cubicle: The role of passion and regulatory focus in cycling and work satisfaction. *Psychology of Sport and Exercise*, 28, 37-45. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.10.003>
- Malacarne, M. P., Luiz, S. G, Amaral, T. R., & Siqueira, M. M. (2017). Health service evaluation in public health: A survey of research on assessment in public health Graduate Programs. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, 18(1), 62-7. <https://doi.org/10.21722/rbps.v18i1.15136>
- Malec, J. F., Torsher, L. C., Dunn, W. F., Wiegmann, D. A., Arnold, J. J., Brown, D. A., & Phatak, V. (2007). The mayo high performance teamwork scale: reliability and validity for evaluating key crew resource management skills. *Simulation in Healthcare*, 2(1), 4-10. <https://doi.org/10.1097/SIH.0b013e31802b68ee>

- McEwan, D., & Beauchamp, M. R. (2020). Teamwork in youth sport. In: M. W. Bruner, M. A. Eys, & L. J. Martin (Eds.), *The power of groups in youth sport* (pp. 183-202). Academic Press.
- Newman, T. J., Alvarez, M. A. G., & Kim, M. (2017). An experiential approach to sport for youth development. *Journal of Experiential Education*, 40(3), 308-322. <https://doi.org/10.1177/1053825917696833>
- Newton, M., Duda, J. L., & Yin, Z. N. (2000). Examination of the psychometric properties of the Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire-2 in a sample of female athletes. *Journal of Sport Sciences*, 18(4), 275-90. <https://doi.org/10.1080/026404100365018>
- Peixoto, E. M., Nakano, T. C., Castillo, R. A., Oliveira, L. P., & Balbinotti, M. A. A. (2019). Passion scale: Psychometric properties and invariance factor through Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM). *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2911. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2911>
- Rigoni, P. A. G., Belem, I. C., & Vieira, L. F. (2017). Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas de rendimento. *Journal of Physical Education*, 28(1), e2854. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2854>
- Roberts, G. (2001). Understanding the dynamics of motivation in physical activity: The influence of achievement goals on motivational processes. In G. Roberts (Ed.), *Advances in Motivation in Sport and Exercise* (pp. 1-55). Human Kinetics.
- Saldanha, R. P., Peixoto, E. M., Palma, B. P., Barbosa, M. L. L., Balbinotti, C. A. A., & Balbinotti, M. A. A. (no prelo). *Evidências adicionais de validade da versão brasileira do perceived motivational climate in sport questionnaire*.
- Schellenberg, B. J., Verner-Filion, J., Gaudreau, P., Bailis, D. S., Lafrenière, M. A. K., & Vallerand, R. J. (2019). Testing the dualistic model of passion using a novel

- quadripartite approach: A look at physical and psychological well-being. *Journal of Personality*, 87(2), 163-180. <https://doi.org/10.1111/jopy.12378>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2019). Principal Components and Factor Analysis. In G. B. Tabachnick & L. S. Fidell (Eds.), *Using Multivariate Statistics* (pp. 476-527). Pearson.
- Thomas, E. J., Sexton, J. B., & Helmreich, R. L. (2003). Discrepant attitudes about teamwork among critical care nurses and physicians. *Critical Care Medicine*, 31, 956–959. [10.1097/01.CCM.0000056183.89175.76](https://doi.org/10.1097/01.CCM.0000056183.89175.76)
- Vallerand, R. J. (2015). *The psychology of passion: A dualistic model*. Series in Positive Psychology. Oxford University Press.
- Vallerand, R. J., Blanchard, C., Mageau, G. A., Koestner, R., Ratelle, C., Léonard, M., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les passions de l'âme: On obsessive and harmonious passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(4), 756- 767. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.756>
- Vierimaa, M., Erickson, K., & Gilbert, W. (2012). Positive youth development: A measurement framework for sport. *International Journal of Sports Science e Coaching*, 7(3), 601-614. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.3.601>
- Xavier, C. C., Melo, S. V. A., Freitas, A. F. L., Contreira, A. R., & Fiorese, L. (2020). Paixão e satisfação atlética em atletas brasileiras de basquetebol universitário. *Research, Society and Development*, 9(7), e512974282-e512974282. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4282>

Artigo 2: Proposta de medida dos 5C's do Desenvolvimento Positivo de Jovens no

Esporte: Propriedades psicométricas

Proposal of Measurement of the 5C's of Positive Youth Development through Sport: Psychometric Properties

Propuesta para medir las 5C del desarrollo positivo de la juventud en el deporte: propiedades psicométricas

Maynara Priscila Pereira da Silva

Evandro Morais Peixoto

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo propor uma bateria para mensurar o modelo teórico do 5C's do desenvolvimento positivo de jovens (DPJ): competência, caráter, confiança, conexão e cuidado no contexto esportivo. Para tanto, a pesquisa foi dividida em dois estudos, o primeiro buscou verificar a estrutura interna e consistência interna da bateria. A amostra foi composta por 305 atletas, entre 14 e 24 anos ($M=18,4\pm 2,38$, 58,9% mulheres). Foram empregadas a análise fatorial confirmatória e os indicadores alfa de Cronbach e ômega de McDonald's. Os resultados iniciais, a partir de uma comparação entre os modelos: oblíquo, hierárquico e bifactor, indicou o primeiro como mais apropriado, visto que este apresentou cargas fatoriais que explicaram melhor a variância entre os itens, variando de 0,32 a 0,84, além de índices de ajustes considerados satisfatórios ($\chi^2/gf= 1,61$, TLI= 0,95, CFI= 0,95, RMSEA= 0,05). Dessa forma, demonstrando a adequação do modelo oblíquo e corroborando com a proposta teórica inicial. O segundo estudo buscou avaliar o papel das variáveis externas paixão pelo esporte e clima motivacional sobre os 5C's do DPJ. Foram utilizados coeficiente de correlação de Pearson e Modelagem de Equações Estruturais. Os resultados sugeriram a paixão harmoniosa e o clima orientado à tarefa como determinante dos 5C's, estando associada positivamente com o modelo. Enquanto, a paixão obsessiva e o clima orientado ao ego apresentaram relações negativas ou nulas. Tais resultados corroboram a literatura ao demonstrar o papel facilitador de variáveis individuais (paixão harmoniosa) e contextuais (clima orientado à tarefa) sobre DPJ por meio do esporte.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Psicologia do Esporte; Psicometria; Análise Fatorial.

Abstract

The aim of the present study was to propose an assessment battery to measure the theoretical 5Cs model of positive youth development (PYD): *competence*, *character*, *confidence*, *connection*, and *caring* in the context of sport. To this end, the study was divided in two, the first of which sought to ascertain the battery's internal structure and internal consistency. The sample comprised 305 athletes aged between 14 and 24 ($M=18.4\pm 2.38$, 58.9% female). Confirmatory factor analysis and Cronbach's alpha and McDonald's omega indicators were employed. The initial results, based on a comparison of the oblique, hierarchical and bifactor models, showed the first to be the most suitable as it presented with factor loadings that best explained the variance between the items, ranging from 0.32 to 0.84, in addition to fit indices considered satisfactory ($\chi^2/gf= 1.61$, TLI= 0.95, CFI= 0.95, RMSEA= 0.05), thus demonstrating the adequacy of the oblique model and supporting the initial theoretical proposal. The second study sought to evaluate the role of the external variables' *passion for*

sport and motivational climate on the 5Cs of PYD. Pearson's correlation coefficient and Structural Equation Modeling were employed. The results suggested harmonious passion and the task-oriented climate were determinants of the 5Cs, positively associated with the model. Meanwhile, obsessive passion and the ego-oriented climate presented with negative or null relationships. These results corroborate the literature by demonstrating the facilitating role of individual variables (harmonious passion) and contextual variables (task-oriented climate) on PYD through sport.

Keywords: Psychological Assessment; Sport Psychology; Psychometrics; Factor Analysis.

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo proponer una batería para medir el modelo teórico de las 5C del desarrollo positivo de los jóvenes (DPJ): competencia, carácter, confianza, conexión y cuidado en el contexto deportivo. Para ello, la investigación se dividió en dos estudios, el primero buscó verificar la estructura interna y consistencia interna de la batería. La muestra estuvo formada por 305 deportistas, entre 14 y 24 años ($M = 18,4 \pm 2,38$, 58,9% mujeres). Se utilizó análisis factorial confirmatorio e indicadores alfa de Cronbach y omega de McDonald's. Los resultados iniciales, de una comparación entre los modelos: oblicuo, jerárquico y bifactor, indicaron al primero como más apropiado, ya que presentaba cargas factoriales que explicaban mejor la varianza entre ítems, que van desde 0,32 a 0,84, además de índices de ajuste considerados satisfactorios. ($\chi^2 / gl = 1,61$, TLI = 0,95, CFI = 0,95, RMSEA = 0,05). Así, demostrando la adecuación del modelo oblicuo y corroborando la propuesta teórica inicial. El segundo estudio buscó evaluar el papel de las variables externas pasión por el deporte y el clima motivacional en las 5C's del DPJ. Se utilizaron el coeficiente de correlación de Pearson y el modelado de ecuaciones estructurales. Los resultados sugirieron la pasión armoniosa y el clima orientado a la tarea como determinante de las 5C, estando asociado positivamente con el modelo. Mientras tanto, la pasión obsesiva y la atmósfera egocéntrica presentaban relaciones negativas o nulas. Estos resultados corroboran la literatura al demostrar el papel facilitador de las variables individuales (pasión armoniosa) y contextuales (clima orientado a la tarea) en la DPJ a través del deporte.

Palabras clave: Evaluación Psicológica; Psicología del Deporte; Psicometría; Análisis Factorial.

Introdução

O desenvolvimento positivo de jovens (DPJ) pode ser compreendido como uma perspectiva teórica, que surgiu na década de 1990, baseada na concepção de que os jovens são potentes e que podem desenvolver-se, visto que todos possuem características individuais que podem ser estimuladas e aprimoradas (Lerner et al., 2004). A maioria das pesquisas relacionadas ao DPJ investigaram como a participação dos jovens em diferentes atividades podem impactar em resultados positivos, ou seja, como essas atividades podem promover competências e diminuir comportamentos desadaptativos, como a baixa autoestima, evasão escolar e uso de drogas (e. g. Holt et al., 2020; Lerner, 2017; Vierimaa et al., 2018). O DPJ foi

conceituado por meio de diferentes estruturas teóricas, com o objetivo de facilitar o trabalho de quem realiza programas com atividades voltadas para os jovens, seja em escolas, famílias, no esporte ou comunidades (Holt et al., 2020; Lerner et al., 2009). Uma das estruturas mais presentes na literatura é o modelo 5C's, que avalia o DPJ por meio de cinco características: caráter, confiança, competência, conexão e cuidado. O modelo foi desenvolvido por Lerner et al. (2005) e já foi testado em diferentes contextos, principalmente o escolar (Chen et al., 2018; Dvorsky et al., 2019). No entanto, no ambiente esportivo o modelo ainda não apresentou estudos empíricos, portanto, não há evidências que sustentem a mensuração das cinco dimensões. Pensando em preencher esta lacuna, a presente pesquisa tem por objetivo sugerir uma bateria que possa avaliar o 5C's no contexto do esporte.

Sabe-se que o desenvolvimento positivo de jovens tem o foco na valorização de pontos fortes (*e.g.* liderança e formação de caráter), criando e estimulando um ambiente de suporte (Taylor et al., 2017). No esporte esse movimento acontece de forma única, por estimular características importantes para a promoção do DPJ, como liderança, trabalho em equipe, responsabilidade e empatia (Urban et al., 2009; Vierimaa et al., 2017), além de se tratar de uma atividade em que crianças e jovens apresentam alto nível de interesse e engajamento (Larson, 2000). Apesar disso, a promoção do DPJ nesse contexto não é automática, sendo necessário estruturar uma organização prévia, considerando as seguintes questões: relacionamentos interpessoais, a modalidade esportiva, o ambiente competitivo e outros aspectos intrínsecos ao cenário esportivo que podem influenciar o processo (Rigoni et al., 2017). Além disso, é preciso compreender que o treinador tem papel fundamental para o desenvolvimento, uma vez que sua responsabilidade está direcionada a promover um ambiente de aprendizado, usando abordagens do tipo implícita ou explícita. A primeira refere-se a trabalhar as temáticas do DPJ dentro do esporte (por exemplo, liderança e trabalho em equipe). A abordagem explícita diz respeito as questões fora do ambiente esportivo, estando relacionada as experiências fora desse contexto

(e. g. questões relacionais associadas à confiança), dessa forma, baseando-se em referências, como as relações familiares e o desempenho escolar (Bean et al., 2016).

O modelo 5C's enfatiza os pontos fortes e permite que os jovens sejam compreendidos como sujeitos com capacidades e habilidades a serem desenvolvidas e aperfeiçoadas. O modelo foi elaborado por Lerner et al. (2005), sendo composto por cinco indicadores: caráter, confiança, competência, conexão e cuidado. Esses C's foram pensados a partir de uma revisão de literatura sobre o desenvolvimento de adolescentes, estando relacionados aos resultados positivos promovidos pelos programas do DPJ (Eccles & Gootman, 2002; Roth & Brooks-Gunn, 2003). Lerner et al. (2005), quando desenvolveram o modelo, também propuseram uma proposta capaz de agrupar os indicadores com aspectos cognitivos, sociais, relacionais, psicológicos e contextuais, portanto, cada C exerce um papel no DPJ. O caráter diz respeito ao quanto o jovem segue as regras sociais e culturais, seja por moral ou integridade. A competência está relacionada a uma visão positiva direcionada as ações em âmbitos específicos, por exemplo, a nível social (resolução de problemas), cognitivo (tomada de decisão) e acadêmico (desempenho acadêmico e frequência). A confiança relaciona-se aos sentimentos internos dos jovens, ou seja, como ele determina seu autovalor, sua autoeficácia e o quanto pode lidar com uma determinada situação para obter resultados positivos. A conexão, por sua vez, é o relacionamento construído entre as pessoas ou o vínculo com alguma instituição (escola, clube esportivo) que oferece a troca bidirecional, isto é, ambas as partes contribuem com a relação e, por fim, o cuidado está associado a simpatia e empatia que o jovem tem com o outro e consigo.

O modelo sugere que o DPJ acontece a partir de intervenções, trabalhando com a estimulação de características positivas (autoestima, altruísmo e empatia), consequentemente, minimizando os comportamentos desadaptativos (depressão, evasão escolar e baixa autoestima) (Esperança et al., 2018; Franco & Rodrigues, 2018). Quando o jovem alcança todos

os C's, os níveis do DPJ são altos e as chances de se envolver com comportamentos desadaptativos diminuem, todavia, as possibilidades de engajar-se em comportamentos positivos aumentam (contribuição social e pessoal). A contribuição está associada a colaboração do jovem, seja com a família, sociedade ou até com a sua própria vida. A contribuição é uma consequência dos C's, desenvolvendo-se quando os indivíduos possuem os cinco indicadores, assim, sendo considerado como sexto C (Holt et al., 2020; Lerner et al., 2015).

No Brasil ainda não foi constatado na literatura medidas que possam avaliar os 5C's no ambiente esportivo, nem propostas teóricas que possam fundamentar pesquisas empíricas. Internacionalmente, a estrutura geral dos 5C's do DPJ, com cinco fatores de primeira ordem carregando o fator geral do DPJ como segunda ordem, tem sido apoiada em diferentes pesquisas (e.g. Jeličić et al., 2007; Lerner et al., 2005; Lerner et al., 2009). O modelo ainda vem sendo usado em diversos contextos (Dvorsky et al., 2019; Holt et al., 2020; Lerner et al., 2005), principalmente o escolar (e. g. Chen et al., 2018; Dvorsky et al., 2019). Na pesquisa realizada por Chen et al. (2018), os autores buscaram avaliar o modelo a partir da análise fatorial confirmatória (AFC) e modelagem de equações estruturais (MEE). Os resultados indicaram melhor ajuste para a análise de modelagem de equações estruturais, com CFI e TLI acima de 0,9 e RSMEA abaixo de 0,08, a análise também sugeriu que cada um dos C's ficou definido com seus respectivos indicadores. Os autores afirmam que o método empregado, MEE, pode ser o mais indicado para testar a estrutura fatorial dos 5C's.

No estudo de Dvorsky et al. (2019), os autores empregaram AFC para estimar os seguintes modelos: com um fator, com cinco fatores correlacionados, segunda ordem, segunda ordem com resíduos correlacionados e modelo bifactor. Os resultados indicaram que todos os modelos, com exceção do bifactor, não eram adequados, pois os índices de ajustes ficaram abaixo do esperado. Contudo, o modelo bifactor apresentou resultado satisfatório (χ^2 [gl =80]

= 533,59; RMSEA = 0,04; CFI = 0,96; TLI = 0,94; SRMR = 0,03), com cargas fatoriais acima de 0,3, com ressalva de dois itens que ficaram com cargas 0,23 e 0,22 no fator geral. Tais resultados indicaram que o fator do DPJ foi sugerido por todos os itens dos C's.

No ambiente esportivo ainda não se obteve sucesso ao reproduzir o modelo com as cinco dimensões (Holt et al., 2020). Vierimaa et al. (2012), propuseram um conjunto de medidas psicológicas para avaliar o modelo com base na proposta teórica desenvolvida por Côté et al. (2010). Para tanto, Vierimaa et al. (2012), sugerem a utilização dos seguintes instrumentos: *Sport Competence Inventory* (competência), *Sport Confidence Inventory* (confiança), *Prosocial and Antisocial Behavior in Sport Scale* (caráter+cuidado), *Coach-athlete Relationship Questionnaire* (conexão treinador-atleta) e *Peer Connection Inventory* (conexão atleta-atleta). A partir dessa proposta percebe-se que os autores agruparam as características cuidado e caráter em um único C. Embora esta pesquisa tenha trazido importantes apontamentos na direção do desenvolvimento de medidas do DPJ no esporte, o modelo apresentado ainda não foi testado por meio de pesquisas quantitativas. Além disso, apresenta algumas limitações que dificultariam a realização de pesquisas, com amostra grandes, envolvendo participantes de diferentes programas esportivos, uma vez que propõem o uso de uma medida sociométrica (*Peer Connection Inventory*) para avaliação da relação entre os atletas como uma expressão da Conexão. Outra característica importante desta proposição corresponde a compreensão dos autores de que os fatores caráter e cuidado agrupam-se em apenas uma dimensão e deve ser mensurada por meio dos comportamentos pró e antissocial no esporte (*Prosocial and Antisocial Behavior in Sport Scale*, PABSS).

A proposta de medida para avaliar o modelo teórico, da presente pesquisa, seguiu a base da fundamentação teórica de Vierimaa et al. (2012), isto é, alguns instrumentos permaneceram iguais, sendo eles: Inventário de confiança no esporte, inventário de competência no esporte e o questionário de relacionamento treinador-atleta. Contudo, algumas mudanças foram

sugeridas em função das limitações apontadas: 1) Optou-se pela utilização de um instrumento de autorrelato para avaliação da relação entre atletas, a *Teamwork Scale for Youth*, sendo composta por 10 itens, que tem por objetivo avaliar a capacidade percebida de jovens para trabalhar e cooperar com outras pessoas (Anderson-Butcher et al., 2014; Lower et al., 2015). 2) Para avaliar a competência, decidiu incluir mais três itens correspondentes ao fator competência esportiva do auto inventário físico, visto que o inventário de competência no esporte apresentava um número reduzido de itens (três), além de se tratar de conteúdo muito específicos, como, habilidades técnicas (e. g. chute, arremesso e bloqueio), tática (tomada de decisão, leitura de jogadas e estratégias de jogo) e física (força, velocidade e agilidade) (Dunn et al., 2007). Desta forma, itens com conteúdo mais gerais poderiam incrementar o acesso ao construto competência, com itens: eu penso que sou bom/boa em todos os esportes; eu me dou bem em todos os esportes; eu sou bom/boa no esporte (Morin et al., 2017). 3) Por fim, pensando que o modelo proposto nesta pesquisa é composto por cinco características, foi necessário pensar em um instrumento específico para caráter e cuidado, portanto, para o caráter optou-se pelo questionário de valores para jovem, por apresentar itens relacionados aos valores morais, conduta ética, além de atitudes para um jogo limpo (Gonçalves et al., 2017). E para o cuidado, a escala escolhida foi de autocompaixão, pois, permite verificar o cuidado do atleta com ele e outros atletas (Souza & Hutz, 2016).

Com base no exposto, a presente pesquisa teve como objetivo principal propor uma bateria para avaliar o modelo 5C's no esporte. Para tanto, estruturou-se em dois estudos, no primeiro buscou-se avaliar a adequação da estrutura interna e da consistência interna da bateria para avaliação dos 5C's do DPJ no esporte, comparando os modelos de estrutura multidimensional, hierárquico e *bifactor*. No segundo estudo, teve como objetivo compreender o papel preditivo da paixão pelo esporte e do clima motivacional sobre o DPJ. O estudo 1 foi baseado nas hipóteses de que a estrutura interna multidimensional de fatores correlacionados

do modelo 5C's se ajustará aos dados resultantes da amostra, como também indicará nível de precisão satisfatório para os fatores, com coeficientes alfa e ômega superior a 0,7.

Para o estudo 2, a escolha das variáveis potencialmente promotoras dos 5C's, teve como base a compreensão teórica de que para o promover o DPJ é necessário aspectos do envolvimento individuais (paixão) com a atividade, alinhados a recursos contextuais (clima motivacional) (Franco & Rodrigues, 2018; Lerner et al., 2017). Nesta direção, a paixão, conforme proposto pelo modelo Dualístico da Paixão (DMP) (Vallerand et al., 2003), é definida como o nível de inclinação em relação a uma atividade, que é valorizada pelo indivíduo, a partir de investimento de tempo e energia. Essa relação com a atividade pode se apresentar de duas diferentes formas: paixão harmoniosa (PH) e paixão obsessiva (PO). A PH faz com que o jovem se comprometa com a atividade de maneira autônoma e flexível, proporcionando prazer e outros resultados positivos, como, bem-estar e satisfação com a prática (Kovacsik et al., 2018; Vallerand, 2012). Por outro lado, a PO promove uma integração da atividade a identidade do sujeito de forma controlada, promovendo pressões internas e externas, por consequência, estimulando sentimentos, como, esgotamento, ansiedade, infelicidade e frustrações (Chichekian & Vallerand, 2018; Vallerand, 2015).

No que diz respeito ao clima motivacional existem dois tipos: orientado ao ego e orientado a tarefa. O grupo de atletas que são orientados ao ego, são motivados a evitar o fracasso e ter comportamentos competitivos, o que acarreta uma comparação entre jovens pertencentes ao grupo. Nesse sentido, os indivíduos têm mais chances de desenvolverem sentimentos negativos, tais como, medo, egoísmo e dependência (Duda, 1993; Hirota, 2017). No entanto, quando os atletas são orientados à tarefa, são motivados pela conquista, a partir de estratégias adaptativas, ou seja, todos pensam em alcançar um objetivo comum, portanto, cada um dos participantes exerce um papel importante na equipe. Além disso, atletas que recebem esse tipo de motivação desenvolvem sentimentos positivos (*e.g.* satisfação com a vida,

competência). Dessa forma, a orientação à tarefa vem sendo associada a comportamentos positivos, diminuindo as chances de abandono da prática (Monteiro et al., 2014; Hirota, 2017).

Com base no exposto, o segundo estudo baseou-se nas hipóteses de que as variáveis paixão harmoniosa e o clima motivacional orientado à tarefa demonstrarão associações positivas e moderadas com os 5C's. Enquanto, paixão obsessiva e clima motivacional orientado ao ego indicarão associações nulas ou fracas com os 5C's. Nessa direção, espera-se que a PH e clima orientado à tarefa sustentem o papel preditivo com os 5C's para o DPJ no esporte.

Estudo 1 – Evidências de validade com base na estrutura interna e consistência interna

Método

Participantes

A amostra, por conveniência, foi composta por 305 atletas, com idades entre 14 e 24 anos ($M=18,5\pm 2,36$), sendo 55,4% do sexo feminino. Os participantes descreveram residir em diferentes regiões do Brasil: Sudeste (54,4%), Sul (17,4%), Nordeste (13,4%), Centro-Oeste (6,9%), Norte (2%). Além dessas regiões, alguns participantes brasileiros eram residentes dos Estados Unidos da América (5,9%), localizados nos seguintes Estados: Alabama, Carolina do Norte, Flórida, Geórgia, Hawaii, Kansas, Missouri, Nebraska, New Jersey, Pensilvânia, Tennessee, Texas e Wyoming. Em relação a nível de competição, os atletas indicaram que participavam em níveis nacionais (37,7%), internacionais (36,7%), estaduais (14,8%) e regionais (10,8%), e, além disso, informaram ter experiência acima de três anos (84%) de prática. Sobre as modalidades esportivas os atletas indicaram praticar em modalidades coletivas (64,3%). Os participantes ainda afirmaram que já praticaram outros esportes, além do que praticavam no momento (85,9%), e que já treinaram com outros técnicos (86,3%).

Instrumento

Questionário de valores para jovens no esporte (avalia a característica caráter)

Desenvolvido por Lee et al. (2008), é composto por 13 itens e três diferentes fatores (valores morais $\alpha = 0,79$, valores de competência $\alpha = 0,74$ e valores de status $\alpha = 0,82$). Com formato de resposta do tipo Likert de sete pontos, que varia de “extremamente importante para mim” à “o oposto do que acredito”. O instrumento apresentou bons indicadores de ajustes ao modelo de três fatores: ($\chi^2 = 129,43$, $gl = 62$, $p < 0,001$, $RMSEA = 0,05$, $SRMR = 0,04$, $CFI = 0,97$, $NNFI = 0,96$). Na pesquisa de adaptação do instrumento para o Brasil, realizada por Gonçalves et al. (2017), os resultados confirmaram a estrutura multidimensional, como também indicou consistência internada adequada. Para a presente pesquisa foram considerados os itens que compõem o fator da moral e status, sendo eles: 2, 5, 7, 8, 11, 12 e 13.

Inventário de confiança no esporte (avalia a característica confiança)

O instrumento foi fundamentado por meio da revisão de uma subescala do *Competitive State Anxiety-2* (CSAI-2R), sendo uma versão designada a medir a ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança. É composto por nove itens, que são pontuados em uma escala tipo Likert de 4 pontos, variando de "absolutamente não" à "muitíssimo". Estudos de validade do instrumento indicaram adequação da estrutura bidimensional, bem como bons níveis de precisão (Cox et al., 2003). Estudos de adaptação do instrumento para a amostra brasileira, demonstraram consistência interna satisfatória, com valores acima de 0,7 e bons índices de ajustamentos ($CFI = 0,95$, $GFI = 0,94$ e $RMSEA = 0,04$), indicando adequação da estrutura bidimensional (Fernandes et al., 2012). Para o estudo foi utilizado apenas o fator autoconfiança, sendo composto pelos itens 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24 e 27.

Inventário de competência no esporte (avalia a característica competência)

O inventário elaborado por Dunn et al. (2007), avalia a competência no esporte. O instrumento possui três versões que compartilham da mesma estrutura unidimensional, sendo

elas: autoavaliação, treinador e pares. Para isto, utiliza-se uma escala Likert de cinco pontos, que varia de "pouco competente" a "extremamente competente". Os autores da presente pesquisa buscaram realizar uma análise paralela e análise fatorial exploratória para estimar as evidências de validade do instrumento. Os resultados confirmaram a estrutura unidimensional, com porcentagem de variância explicada de 85,67% e com cargas fatoriais variando de 0,44 a 0,87, e os índices de ajuste foram considerados satisfatórios, com valores de 1,00 para CFI e TLI e 0,00 para RMSEA. Adicionalmente, a consistência interna apresentou um valor de 0,64 para alfa e 0,67 para ômega.

Auto inventário físico (avalia a característica competência)

Desenvolvido por Fox e Corbin (1989), o inventário tem como objetivo verificar criticamente os resultados do envolvimento, desempenho e prazer pelo esporte. É composto por 21 itens, dividido em quatro fatores: competência esportiva, condição física, atratividade física e força física. Os participantes devem responder usando uma escala Likert de cinco pontos, variando de “1 = nada” a “5 = completamente”. O instrumento foi validado usando amostras de diferentes culturas, pelos pesquisadores Morin et al. (2017), a saber: holandeses, franceses, árabes, turcos e italianos, sugerindo a adequação da escala, com índices de ajustes de CFI e TLI acima de 0,95 e RSMEA abaixo de 0,08. A consistência interna também foi considerada satisfatória, por meio do ômega de McDonald, os valores foram de 0,64 a 0,93. Para coleta de dados, foram utilizados os três itens da subescala de competência esportiva ($\omega = 0,78$), com cargas fatoriais variando de 0,45 a 0,71, com objetivo de medir a competência geral.

Escala de Trabalho em Equipe para Jovens (avalia a característica conexão)

A Escala de Trabalho em Equipe para Jovens é um instrumento desenvolvido para avaliar a capacidade percebida dos jovens em colaborar e trabalhar com outras pessoas. A

escala é composta por dez itens, sendo respondíveis usando uma escala Likert de cinco pontos, variando de “nada verdadeiro” a “realmente verdadeiro” (Anderson-Butcher et al., 2014). Estudos de evidência indicaram um modelo unifatorial ($\chi^2 (225) = 455,6$, $p < 0,001$; CFI = 0,98; GFI = 0,92; RMSEA = 0,04), com consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,88$) (Lower et al., 2015). Silva e Peixoto (2021a), realizaram um estudo de adaptação transcultural para a população brasileira, confirmando o modelo unifatorial ($\chi^2 (35) = 95,87$, $p < 0,001$; TLI = 0,96, CFI = 0,96, RMSEA = 0,08) e bons níveis de consistência interna ($\alpha = 0,82$ e $\omega = 0,92$).

Questionário de relacionamento treinador-atleta (avalia a característica conexão)

É um questionário de autorrelato, composto por 11 itens, que avalia a conexão treinador-atleta, separado por três subescalas: proximidade, comprometimento e complementaridade. Os participantes devem responder as afirmações, que serão pontuados em uma escala tipo Likert de 7 pontos, variando de "nem um pouco" a "extremamente". Estudos iniciais sobre o instrumento indicaram precisão com coeficientes variando de 0,82 a 0,89 (Jowett & Ntoumanis, 2004). O questionário também teve uma versão adaptada para o português brasileiro desenvolvido por Vieira et al. (2015), com os resultados indicando consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,7$ e $CC = 0,7$), como também bom ajuste para o modelo de três fatores ($\chi^2 / gl = 3,03$; CFI = 0,96, GFI = 0,94; TLI = 0,94; RMSEA = 0,08).

Escala de Autocompaixão (avalia a característica cuidado)

Elaborada para avaliar a autocompaixão, a escala foi desenvolvida por Neff (2003). O instrumento é composto por 26 itens, sendo separado por seis dimensões: bondade consigo ($\alpha = 0,78$), autocrítica ($\alpha = 0,77$), senso de humanidade ($\alpha = 0,8$), isolamento ($\alpha = 0,79$), *mindfulness* ($\alpha = 0,75$) e sobre identificação ($\alpha = 0,81$). Os itens devem ser respondidos a partir de uma escala Likert de cinco pontos, que varia de “quase nunca” à “quase sempre”. No Brasil, o estudo de adaptação e evidências de validade, foi realizado por Souza e Hutz (2016), os

resultados sugerem a adequação do modelo, com cargas fatoriais acima de 0,30 e valores de precisão acima de 0,6. Para o presente estudo, utilizou-se os itens dos fatores: bondade consigo (5, 12, 19, 23, 26), senso de humanidade (3, 7, 10, 15) e *mindfulness* (9, 14, 17, 22).

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi desenvolvido especificamente para o presente estudo, com a finalidade de caracterização da amostra. Tal ferramenta acessou informações a respeito da idade, sexo, escolaridade, modalidade esportiva (indicar se é coletivo ou individual também), o tempo de experiência da modalidade, se é o primeiro esporte que pratica, se treinou com outro técnico.

Procedimentos

Aspectos éticos. No primeiro momento, foram contatados projetos esportivos e escola que ofereciam a prática de esporte para crianças e adolescentes nos contextos escolar, projetos sociais e treinamento esportivo. Após o consentimento, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade São Francisco, sob o número de aprovação (CAAE: 36510320.0.0000.5514), a autora da pesquisa entrou em contato novamente com as instituições que deram autorização inicialmente, para solicitar o contato dos pais e/ou responsáveis dos jovens. O contato foi realizado para explicar os objetivos do estudo, quando os pais ou responsáveis aceitaram a participação, foi encaminhado a eles, por *e-mail*, um *link* com o formulário a ser respondido pelos adolescentes, elaborado pela ferramenta do Google *Forms*. Em virtude do isolamento social devido ao enfrentamento da pandemia da COVID-19 a aplicação ocorreu virtualmente. A participação dos jovens foi totalmente voluntária e estava condicionada ao consentimento formal dos pais ou responsáveis, bem como do adolescente. Só participaram da pesquisa os participantes que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento Livre e Esclarecidos.

Análises de dados. Inicialmente estimou-se evidência baseadas na estrutura interna, em geral, segundo Primi et al. (2009), esse tipo de evidência é alcançado por meio de uma análise das estruturas de covariância entre partes do teste, sejam elas itens ou subescalas compostas pela soma de itens. Desta forma, para avaliação dos diferentes modelos dos 5C's foi empregada a Análise Fatorial Confirmatória com método de estimação *Diagonal Weighted Least Square* (DWLS). Os modelos teóricos propostos foram avaliados a partir dos seguintes índices de ajuste χ^2 , gl, χ^2/gl , *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). Em concordância com a literatura especializada estabeleceu-se como parâmetro os seguintes valores de referência: $\chi^2/\text{gl} \leq 3$, $\text{RMSEA} \leq 0,08$, CFI e $\text{TLI} \geq 0,9$ (Brown, 2014). Tais análises foram realizados no *software* R por meio do pacote Lavaan. Para verificar a consistência interna da bateria foi utilizado o coeficiente alfa de Cronbach e ômega McDonald, considerando os valores iguais ou acima de 0,7 como satisfatórios (Cunha et al., 2016; Malacarne et al., 2017).

Resultados

Os resultados da análise fatorial confirmatória foram considerados satisfatórios. Tais resultados estão apresentados na Tabela 1, sendo possível verificar os índices de ajustes para cada um dos modelos.

Tabela 1.

Índices de ajustes para os diferentes modelos do 5C's

| Modelos | χ^2 | Gl | <i>p</i> | χ^2/gl | CFI | TLI | RMSEA (IC 90%) |
|------------------------|----------|------|----------|--------------------|-------|-------|-----------------------|
| Cinco fatores oblíquos | 2374,51 | 1474 | <0,001 | 1,61 | 0,950 | 0,948 | 0,045 (0,042 – 0,048) |
| Hierárquico | 2564,82 | 1479 | <0,001 | 1,73 | 0,940 | 0,938 | 0,049 (0,046 – 0,052) |
| Bifactor | 1819,00 | 1428 | <0,001 | 1,27 | 0,978 | 0,977 | 0,030 (0,026 – 0,034) |

De acordo com os resultados descritos na Tabela 1, os modelos indicaram a adequação do modelo 5C's para o contexto esportivo. Pode ser observado também que os valores de: χ^2/gl

df, CFI, TLI, e RMSEA do modelo bifactor foram ligeiramente adequados aos demais (cinco fatores oblíquos e hierárquico). Entretanto, os índices específicos da estrutura bifactor demonstraram que a variância comum explicada pelo fator geral apresentou valor inferior (ECV-FG = 0,332; PUC = 0,766) quando comparada aos fatores específicos (ECV-Caráter = 0,853; ECV-Confiança = 0,704; ECV-Competência = 0,558; ECV-Conexão = 0,560; ECV-Cuidado = 0,771). A partir dos resultados, é possível compreender que os itens são influenciados mais fortemente pelos fatores específicos do que pelo fator geral e, portanto, demonstram maior adequação do modelo de mensuração com estrutura multidimensional, com cinco fatores oblíquos (Reise et al., 2013). Adicionalmente, no que concerne aos índices de confiabilidade (ômega - ω e ômega hierárquico - ω_h), os fatores específicos apresentaram os seguintes valores: Caráter: $\omega = 0,44$ e $\omega_h = 0,43$; Confiança: $\omega = 0,926$ e $\omega_h = 0,65$; Competência: $\omega = 0,78$ e $\omega_h = 0,37$; Conexão: $\omega = 0,92$ e $\omega_h = 0,44$; Cuidado: $\omega = 0,9$ e $\omega_h = 0,7$, enquanto o fator geral: $\omega = 0,94$ e $\omega_h = 0,64$. Assim, ao obter-se valores de PUC <0,8, ECV<0,6, associado a $\omega_h >0,7$ para o fator geral, conta-se com diferentes indicativos da adequação de uma estrutura multidimensional para o instrumento proposto (Reise et al., 2013; Rodriguez et al., 2016). Os resultados do modelo de cinco fatores correlacionados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.

Cargas fatoriais e precisão dos fatores

| Itens | Fatores | | | Itens | Fatores | |
|--------|---------|-----------|-------------|--------|---------|---------|
| | Caráter | Confiança | Competência | | Conexão | Cuidado |
| Item1 | 0,59 | | | Item23 | 0,53 | |
| Item2 | -0,39 | | | Item24 | 0,46 | |
| Item3 | 0,76 | | | Item25 | 0,62 | |
| Item4 | -0,58 | | | Item26 | 0,57 | |
| Item5 | -0,32 | | | Item27 | 0,43 | |
| Item6 | 0,75 | | | Item28 | 0,5 | |
| Item7 | 0,64 | | | Item29 | 0,63 | |
| Item8 | | 0,73 | | Item30 | 0,61 | |
| Item9 | | 0,75 | | Item31 | 0,59 | |
| Item10 | | 0,82 | | Item32 | 0,65 | |

| | | | | | | |
|--------|------|------|------|--------|------|------|
| Item11 | 0,84 | | | Item33 | 0,49 | |
| Item12 | 0,78 | | | Item34 | 0,34 | |
| Item13 | 0,78 | | | Item35 | 0,46 | |
| Item14 | 0,69 | | | Item36 | 0,52 | |
| Item15 | 0,75 | | | Item37 | 0,51 | |
| Item16 | 0,66 | | | Item38 | 0,46 | |
| Item17 | | 0,43 | | Item39 | 0,55 | |
| Item18 | | 0,44 | | Item40 | 0,48 | |
| Item19 | | 0,57 | | Item41 | 0,56 | |
| Item20 | | 0,57 | | Item42 | 0,67 | |
| Item21 | | 0,75 | | Item43 | 0,59 | |
| Item22 | | 0,56 | | Item44 | | 0,49 |
| Item23 | | | | Item45 | | 0,60 |
| Item24 | | | | Item46 | | 0,49 |
| Item25 | | | | Item47 | | 0,77 |
| Item26 | | | | Item48 | | 0,48 |
| Item27 | | | | Item49 | | 0,78 |
| Item28 | | | | Item50 | | 0,73 |
| Item29 | | | | Item51 | | 0,66 |
| Item30 | | | | Item52 | | 0,64 |
| Item31 | | | | Item53 | | 0,61 |
| Item32 | | | | Item54 | | 0,68 |
| Item33 | | | | Item55 | | 0,65 |
| Item34 | | | | Item56 | | 0,58 |
| Ômega | 0,83 | 0,8 | 0,79 | Ômega | 0,8 | 0,81 |
| Alfa | 0,78 | 0,73 | 0,72 | Alfa | 0,73 | 0,76 |

Conforme apresentado na Tabela 2, as cargas fatoriais foram satisfatórias para todos os fatores, variando entre: 0,32 e 0,75 (caráter), 0,66 e 0,84 (confiança), 0,43 e 0,76 (competência), 0,44 e 0,69 (conexão) e 0,48 e 0,78 (cuidado). As correlações entre os fatores foram moderadas e forte, variando entre 0,33 e 0,51, com exceção do caráter com a confiança, competência e cuidado (0,17, 0,21 e 0,09 respectivamente). Os indicadores de precisão sugeriram consistência interna satisfatória, ficando com valores acima de 0,7. A partir desses resultados, o modelo teórico 5C's apresentou plausibilidade para as primeiras propriedades referente ao esporte no Brasil.

Estudo 2 – Evidências de validade com base em variáveis externas

Método

Participantes

A amostra foi composta pela mesma descrita no primeiro estudo.

Instrumentos

Medida dos 5C's do DPJ no esporte

Instrumento e propriedades psicométricas apresentadas no Estudo 1.

Escala de Paixão pelo Esporte

Desenvolvida por Vallerand et al. (2003), é um instrumento que tem o objetivo de avaliar diferentes dimensões da paixão, sendo elas: Paixão Harmoniosa (6 itens) e Paixão Obsessiva (6 itens), sendo respondíveis por meio de uma escala tipo Likert de sete pontos, que variam entre “não concordo” a “concordo plenamente”. Os resultados do estudo original em relação a precisão, por meio do alfa de Cronbach, foram adequadas, com valores superiores a 0,7. No estudo de adaptação do instrumento para o português brasileiro, realizado por Peixoto et al. (2019), os resultados sugeriram adequação da estrutura interna bidimensional ($\chi^2 / gl = 4,52, p < 0,001$; CFI = 0,96; TLI = 0,94; RMSEA = 0,07), assim como bons níveis de precisão para os fatores.

Questionário de Clima Motivacional Percebido no Esporte (PMCSQ-Versão reduzida)

Elaborado inicialmente por Newton et al. (2000), com o objetivo de avaliar a percepção do atleta em relação ao clima motivacional no contexto esportivo, é composto por 33 itens, sendo separados por dois fatores: orientação ao ego (contém 16 itens) e orientação à tarefa (avalia 17 itens), que apresentaram alfa de Cronbach de 0,87 e 0,87 respectivamente. As questões são respondíveis por meio de uma escala Likert de cinco pontos, que variam de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. No Brasil, o estudo mais recente sobre evidências de validade foi desenvolvido por Saldanha et al. (no prelo), apresentando resultados que indicaram a retenção de dois fatores coerentes com as dimensões teóricas: clima

motivacional orientado a tarefa e clima motivacional orientado ao ego. Ademais, a consistência interna ficou acima de 0,8 para ambos os fatores.

Análises de dados

Para estimativa de evidência baseada nas relações com variáveis externas empregou-se o coeficiente de correlação de Pearson para verificar a relação dos 5C's (caráter, confiança, competência, conexão e cuidado) com as variáveis externas (paixão pelo esporte e clima motivacional), considerando indicadores de significância estatísticas níveis de $p < 0,05$. As magnitudes serão interpretadas conforme a classificação proposta por Cohen (1988): nulas (-0,09 a 0,09); pequenas (0,1 a 0,29); média (0,3 a 0,49); e grande (0,5 a 1). O modelo hipotético, descrito ao final da introdução, foi estimado usando o método *Structural Equation Modeling* (SEM), por meio da *Path Analysis* (análise de caminho), com estimador máxima verossimilhança robusta (MLR). Para tanto, foram considerados os valores dos índices de ajuste supracitados no estudo 1.

Resultados

Tabela 3.

Correlação entre as variáveis

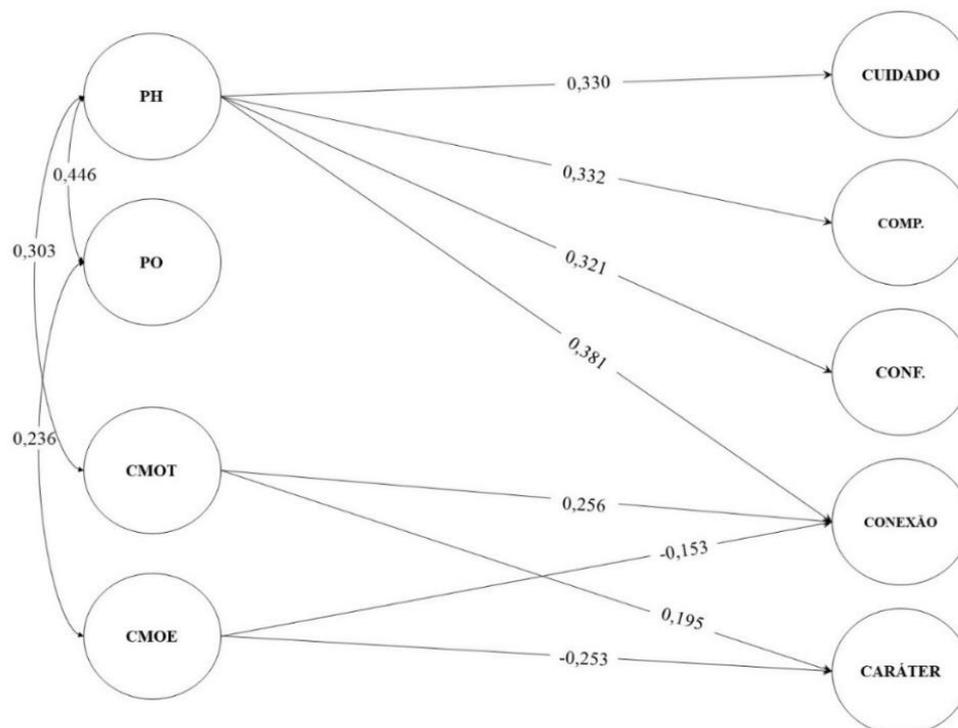
| | M | DP | F1 | F2 | F3 | F4 | F5 | PH | PO | CMOT | CMOE |
|------|------|------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|-------|------|
| F1 | 4,09 | 0,57 | - | | | | | | | | |
| F2 | 3,05 | 0,69 | 0,17** | - | | | | | | | |
| F3 | 3,53 | 0,67 | 0,21* | 0,51*** | - | | | | | | |
| F4 | 4,32 | 0,53 | 0,42*** | 0,35*** | 0,51*** | - | | | | | |
| F5 | 3,21 | 0,74 | 0,09 | 0,33** | 0,39*** | 0,33*** | - | | | | |
| PH | 6,13 | 1,01 | 0,18** | 0,32*** | 0,32*** | 0,49*** | 0,31*** | - | | | |
| PO | 4,32 | 1,59 | 0,17** | 0,15** | 0,17** | 0,23*** | 0,1 | 0,44*** | - | | |
| CMOT | 4,54 | 0,62 | 0,04 | 0,084 | 0,06 | 0,39*** | 0,11 | 0,3*** | 0,06 | - | |
| CMOE | 2,58 | 0,88 | -0,02** | -0,049 | 0,05 | -0,14* | 0,02 | -0,004 | 0,23*** | -0,06 | - |

Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$. F1 = Caráter, F2 = Confiança, F3 = Competência, F4 = Conexão, F5 = Cuidado, PH = Paixão Harmoniosa, PO = Paixão Obsessiva, CMOT = Clima Orientado à Tarefa, CMOE = Clima Orientado ao Ego.

A partir da Tabela 3, é possível observar que os cinco fatores obtiveram associação média com a paixão harmoniosa, sendo o fator conexão com maior correlação ($r = 0,49$).

Enquanto com a paixão obsessiva os resultados indicaram uma associação fraca para o modelo. A variável clima orientado à tarefa apresentou associação média apenas com a conexão, os demais fatores sugeriram correlação fraca (cuidado) e nula (caráter, confiança, competência). Em relação ao clima orientado ao ego as associações foram nulas e fracas.

Figura 1. Modelo da análise de caminho



Notas: PH (Paixão Harmoniosa), PO (Paixão Obsessiva), CMOT (Clima Motivacional Orientado à Tarefa), CMOE (Clima Motivacional Orientado ao Ego), COMP. (Competência) e CONF. (Confiança).

Por meio da análise de caminho obteve-se o modelo apresentado na Figura 1, com índices de ajuste considerados satisfatórios ($\chi^2 = 0,00$; $df = 0,00$; RMSEA IC 90% [0,000-0,000] = 0,000; CFI = 1,000; TLI = 1,000). Conforme observado na Figura 1, os resultados da análise de caminho indicaram o papel preditivo da PH com cuidado ($\beta = 0,33$, $p < 0,000$), competência ($\beta = 0,33$, $p < 0,000$), confiança ($\beta = 0,32$, $p < 0,000$) e conexão ($\beta = 0,38$, $p < 0,000$), o poder preditivo da CMOT com o caráter ($\beta = 0,20$, $p < 0,001$) e a conexão ($\beta = 0,26$, $p < 0,000$), como também associação negativa da CMOE com caráter ($\beta = -0,25$, $p < 0,000$) e conexão ($\beta =$

-0,15, $p < 0,002$). O modelo integrativo foi capaz de explicar 11% da variância da variável caráter, 11% da confiança, 12% da competência, 33% da conexão e 10% do cuidado.

Discussão

A presente pesquisa teve como principal objetivo propor uma bateria de medida, para avaliar o modelo teórico 5C's do DPJ (caráter, competência, conexão, confiança e cuidado) no contexto esportivo, como também estimar a consistência interna do modelo e verificar a associação dos cinco fatores com outras variáveis (paixão pelo esporte e clima motivacional). Para isso, foram empregados os métodos de AFC, estimação dos coeficientes alfa de Cronbach e ômega McDonald, bem como análise de coeficiente de Pearson e análise de caminho.

Com base nos resultados, o modelo demonstrou ser aceitável para aplicabilidade no contexto esportivo brasileiro, apresentando dados psicométricos considerados adequados, dessa forma, corroborando com a proposta teórica de Lerner et al. (2005). A análise fatorial confirmatória identificou índices de ajustes superior para o modelo bifactor, apesar disso, as cargas fatoriais carregadas nos cinco fatores correlacionados explicaram maior parte da variância dos itens, dessa forma, sendo considerado o modelo mais pertinente. Ainda sobre a estrutura interna do modelo, também foi verificada a consistência interna dos fatores específicos, por meio dos coeficientes alfa de Cronbach e ômega de McDonald, indicando valores satisfatórios e baixos níveis de erros relacionados ao modelo proposto (Cunha et al., 2016; Malacarne et al., 2017). Nesse sentido, tais resultados são promissores ao oferecer contribuições a pesquisadores e profissionais da área do esporte, uma vez que operacionalizou uma bateria capaz de avaliar características associadas ao DPJ, oferecendo à área um instrumento com potencial de ser aplicado em pesquisas que visam a associação dos 5C's do DPJ no esporte com outras variáveis de interesse dos pesquisadores (Eccles & Gootman, 2002; Lerner et al., 2015; Roth & Brooks-Gunn, 2003).

Diferentes estudos (*e. g.* Borrueco et al., 2020; Harwood, 2008; Harwood et al., 2015; Vella et al., 2011) têm justificado a utilização do modelo 5C's para a fundamentar as intervenções, de treinadores e gestores, em programas esportivos. Dentre esses, três (Harwood, 2008; Harwood et al., 2015; Vella et al., 2011) buscaram verificar a eficácia dos programas por meio da estrutura dos 5C's do DPJ com treinadores. Em geral, os resultados sugerem que os treinadores se consideram responsáveis em relação ao desenvolvimento de seus jogadores, estimulando um clima de tarefa, por consequência, auxiliando na motivação, nas percepções das competências dos atletas e na promoção de outras habilidades, como, valores morais, confiança e empatia. Além disso, os estudos descreveram também a importância das relações com os pares, visto que as relações esportivas influenciam no comportamento do atleta por meio do ambiente de aprendizagem e suporte. Nessa direção, uma medida para avaliar os 5C's no esporte, pode contribuir como forma de informação para ser integrados em programas que visam os resultados positivos dos atletas, uma vez que pode ser considerado um indicativo de avaliação para esses resultados.

Portanto, os resultados apresentam uma contribuição ao fazer uma aproximação entre pesquisa e prática, uma vez que disponibiliza uma ferramenta baseada em preceitos científicos com potencial para colaborar com o desenvolvimento da área. É importante ressaltar que no contexto brasileiro é um desafio que ainda precisa ser superado, visto que os profissionais de ciências do esporte têm poucos recursos para esse fim. Dessa forma, a capacidade da bateria em mensurar aspectos relacionados ao DPJ, possibilita recursos iniciais para promover características saudáveis e habilidades que podem ser transferidas para outros contextos fora do esportivo, por meio de avaliações e intervenções psicológicas voltadas para este fim (Bean et al., 2016; Esperança et al., 2018; Lerner et al., 2015).

Em relação às variáveis externas, compreende-se que o desenvolvimento das características dos cinco fatores está associado a aspectos individuais (paixão pelo esporte) e

sociais (clima motivacional), dessa forma, foram realizadas duas análises (correlação de Pearson e análise de caminho) para verificar o grau de relação entre as variáveis e verificar o papel preditivo da paixão pelo esporte e clima motivacional com o caráter, competência, confiança, conexão e cuidado. Os resultados sugeriram a paixão harmoniosa como uma variável associada ao desenvolvimento positivo, visto que está correlacionada e tem poder preditivo sobre todos os fatores, exceto com o caráter. Nessa direção, entende-se que a maneira como o atleta se relaciona com esporte, seja harmoniosa ou obsessiva, não influencia em seu caráter, no entanto, quando há níveis mais altos de PH, o atleta tende a vivenciar o esporte positivamente. Diante disso, os resultados são coerentes com a proposta de Vallerand et al. (2003), ao afirmar que a PH resulta em comportamentos adaptativos, por fazer o jovem realizar a prática de maneira harmoniosa, conseguindo conciliar o esporte a outras áreas da vida, desse modo, estimulando habilidades, como, responsabilidade, afetos positivos, motivação e liderança (Vallerand, 2012; 2015). Essas habilidades podem ser consideradas características de cada um dos fatores: conexão, competência, confiança e cuidado.

Tais resultados são coerentes com aqueles observados por Lafrenière et al. (2008) que avaliaram o poder preditivo da paixão na qualidade da relação dos atletas com seus treinadores, sugerindo, a partir das análises, a PH como preditora positiva ($\beta = 0,47$). Semelhante a esse estudo, Silva e Peixoto (2021b) também verificaram se a paixão predizia positivamente a relação atleta-treinador, adicionalmente, a relação atleta-atleta. Os resultados da pesquisa demonstraram que a PH prediz os relacionamentos esportivos, apresentando associação positiva com proximidade ($\beta = 0,19$), comprometimento ($\beta = 0,32$) e complementaridade ($\beta = 0,20$), fatores da relação atleta-treinador, além da associação positiva com a conexão de equipe ($\beta = 0,25$). Além desses estudos, Verner-Filon e Vallerand (2018), ainda buscaram estimar a relação da paixão com o afeto, satisfação atlética e performance em atletas de futebol. De maneira geral, os resultados indicaram que a PH está relacionada com o bom funcionamento,

isto é, com a preparação e o rendimento dos atletas ($\beta= 0,18$), sugerindo que o atleta com níveis de PH consegue elaborar melhores estratégias para sua prática, por consequência, obtendo um melhor desempenho e maior nível de percepção de competência.

Adicionalmente, a partir das análises, foi possível observar que o clima motivacional, diferente da paixão pelo esporte, relacionou-se com o fator caráter, além disso, também teve correlação com a conexão. Os resultados sugeriram ainda a capacidade preditiva positiva do clima motivacional orientado à tarefa com o caráter e a conexão. Dessa forma, é plausível afirmar que a maneira como o treinador estabelece a motivação no ambiente esportivo afeta o caráter e as relações que são estabelecidas nesse contexto. Além disso, os resultados apresentados na pesquisa corroboram com a teoria de Duda (1993), ao ter associações e efeitos positivos do clima orientado à tarefa com o caráter e a conexão, uma vez que esse tipo de clima está relacionado a um ambiente de aprendizagem e cooperação, assim, sendo motivados pelas conquistas em equipe, criando estratégias para que o grupo alcance um objetivo em comum, estimulando sentimento positivos, por consequência, atletas que valorizam as pessoas e respeitem os valores morais e regras (Monteiro et al., 2014; Hirota, 2017). Por outro lado, o clima orientado ao ego apresentou valores negativos em relação ao caráter e conexão, fazendo sentido ao que a literatura expressa, pois diz respeito a um ambiente competitivo e comparativo, fazendo com que os esportistas desenvolvam medo, egoísmo e dependência, desse modo, podendo afetar negativamente suas relações, bem como estimular que o atleta queira vencer uma disputa sem pensar nos limites e consequências (Duda, 1993; Hirota, 2017).

Por fim, ao propor um modelo teórico elaborado por Lerner et al. (2005), com cinco fatores correlacionados: caráter, confiança, competência, conexão e cuidado, a presente pesquisa evidenciou uma bateria de medida, amparando a literatura e a prática da psicologia do esporte, com propriedades psicométricas, níveis precisão adequados, além de possibilitar uma reflexão do modelo acerca de duas variáveis que podem contribuir para a promoção de

características relacionados aos 5C's. Dessa maneira, concedendo as primeiras bases científicas para a interpretação dos escores desse conjunto de medida para jovens atletas brasileiros.

Considerações finais

A presente pesquisa possibilitou estimar as primeiras evidências de validade de uma proposta de bateria para avaliar o modelo teórico 5C's, com base na estrutura interna e com variáveis externas (paixão pelo esporte e clima motivacional). Os resultados sugeriram a adequação da bateria, demonstrando a capacidade de aplicabilidade em atletas brasileiros, adolescentes e jovens adultos, confirmando a proposta teórica, ao indicar o modelo com fatores correlacionados como mais apropriado. Adicionalmente, os resultados demonstram que a PH e o clima orientado à tarefa como facilitadores de algumas características do modelo, sendo PH preditora de todos os fatores, exceto caráter e, o clima orientado à tarefa preditora do caráter e a conexão, dessa forma, corroborando parcialmente com as hipóteses que fundamentaram a realização da pesquisa. No entanto, destacam-se os limites da presente pesquisa relacionadas a amostra, composta por conveniência, acessada por meio de instrumentos de autorrelato disponibilizados em formulário *online*, por isto, sendo passíveis de influência de vieses de resposta. À vista disso, sugere-se o desenvolvimento de novos estudos com coletas de dados presenciais, suprimindo assim uma lacuna, ao controlar os efeitos de possíveis vieses de respostas, como, aquiescência e desejabilidade social.

Referências

Anderson-Butcher, D., Wade-Mdivanian, R., Paluta, L., Lower, L., Amorose, A., & Davis, J. (2014). *OSU LiFE sports 2013 annual report*. College of Social Work, The Ohio State University.

- Bean, C., Kendellen, K., & Forneris, T. (2016). Moving beyond the gym: Exploring life skill transfer within a female physical activity-based life skills program. *Journal of Applied Sport Psychology*, 28(3), 274-290. <https://doi.org/10.1080/10413200.2015.1124155>
- Borrueco, M., Ramis, Y., Pallarès, S., & Cruz, J. (2020). Aplicación del modelo de las 5Cs para la formación de entrenadores: Un ejemplo de práctica basada en la evidencia. *Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico*, 5(1). <https://doi.org/10.5093/rpadef2020a3>
- Brown, T. A. (2014). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Guilford Press.
- Chen, B., Wiium, N., & Dimitrova, R. (2018). Factor structure of positive youth development: Contributions of exploratory structural equation modeling. *Personality and Individual Differences*, 124, 12-15. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.11.039>
- Chichekian, T., & Vallerand, R. J. (2018). Positive psychology meets education in the context of passion for sports. In A. Brady & B. Grenville-Cleave (Eds.), *Positive psychology in sport and physical activity* (pp. 51-63). Routledge.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale Lawrence Erlbaum Associates.
- Côté, J., Buner, M. W., Erickson, K. Strachan, L., & Fraser-Thomas, J. (2010). Athlete development and coaching. In: J, Lyle, & C, Cushion (Eds.), *Sport coaching: Professionalism and practice* (pp. 63-79). Elsevier.
- Cox, R. H., Martens, M. P., & Russell, W. D. (2003). Measuring anxiety in athletics: The revised competitive state anxiety inventory-2. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25, 519-533. https://pdfs.semanticscholar.org/8a63/fbe0f2f02488b45474cd316fd510800cd470.pdf?_ga=2.242630914.1606770969.1598280692-82784867.1598280692

- Cunha, C. M., Neto, O. P. A., & Stackfleth, R. (2016). Main psychometric evaluation methods of measuring instruments reliability. *Revista de Atenção à Saúde, 14*(49), 98-103. <https://10.13037/ras.vol14n49.3671>
- Duda, J. L. (1993). Goals: a social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: R. Singer, M. Murphey, & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research in sport psychology* (pp. 421–436). Macmillan.
- Dunn, J. C., Dunn, J. G. H., & Bayduza, A. (2007). Perceived athletic *competence*, sociometric status, and loneliness in elementary school children. *Journal of Sport Behavior, 30*(3), 249-269.
- Dvorsky, M. R., Kofler, M. J., Burns, G. L., Luebbe, A. M., Garner, A. A., Jarret, M. A., Soto, E. F., & Becker, S. P. (2019). Factor structure and criterion validity of the five Cs model of positive youth development in a multi-university sample of college students. *Journal of Youth and Adolescence, 48*(2). <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0938-y>
- Eccles, J., & Gootman, J. (2002). *Community programs to promote youth development*. National Academy Press.
- Esperança, J. L., Dias, C., Brustad, R. J., & Fonseca, A. M. (2018). Desenvolvimento positivo dos jovens: Estudo exploratório realizado com estudantes portugueses. *Análise Psicológica, 36*(4), 427-437. <https://doi.org/10.14417/ap.1420>
- Fernandes, M. G., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2012). Propriedades Psicométricas do CSAI-2 em atletas brasileiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 25*(4), 679-687. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000400007>
- Fox, K. R., & Corbin, C. B. (1989). The physical self-perception profile: Development and preliminary validation. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 11*, 408–430.

- Franco, G. R., & Rodrigues, M. C. (2018). Autoeficácia e desenvolvimento positivo dos jovens: Uma revisão narrativa da literatura. *Temas em Psicologia, 26*(4), 2267-2282. <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-20Pt>
- Gonçalves, M. P., Rocha, J. N., Nascimento, P. G., Oliveira, L. C., & Guerra, V. M. (2017). Youth Sport Values Questionnaire-2 (YSVQ-2): Evidências de validade para o contexto brasileiro. *Psico, 48*(4), 274-283. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2017.4.28293>
- Harwood, C. (2008). Developmental consulting in a professional football academy: The 5Cs coaching efficacy program. *The Sport Psychologist, 22*(1), 109–133. <https://doi.org/10.1123/tsp.22.1.109>
- Harwood, C. G., Barker, J. B., & Anderson, R. (2015). Psychosocial development in youth soccer players: Assessing the effectiveness of the 5Cs intervention program. *The Sport Psychologist, 29*(4), 319-334. <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.2014-0161>
- Hirota, V. B. (2017). *Evidências de validade do instrumento de motivação (Task and ego orientation in sport questionnaire – TEOSQ) para para-atletas brasileiros*. (Tese de Doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós-Graduação Stricto Sensu em Distúrbios do Desenvolvimento.
- Holt, N. L., Deal, C. J., & Pankow, K. (2020). Positive youth development through sport. In G. Tenenbaum, & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (4th ed, pp. 429-446). Wiley.
- Jeličić, H., Bobek, D., Phelps, E. D., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2007). Using positive youth development to predict contribution and risk behaviors in early adolescence: Findings from the first two waves of the 4-H study of positive youth development. *International Journal of Behavioral Development, 31*, 263–273. <https://doi.org/10.1177/0165025407076439>

- Jowett, S., & Ntoumanis, N. (2004). The coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q): Development and initial validation. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, *14*, 245-257. <https://doi.org/10.1046/j.1600-0838.2003.00338.x>
- Kovacsik, R., Soós, I., Veja, R. L., Ruíz-Barquín, R., & Szabo, A. (2018). Passion and exercise addiction: Healthier profiles in team than in individual sports. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, *18*(2), 176-186. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2018.1486873>
- Lafrenière, M. A. K., Jowett, S., Vallerand, R. J., Donahue, E. G., & Lorimer, R. (2008). Passion in sport: On the quality of the coach–athlete relationship. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, *30*(5), 541-560. <https://doi.org/10.1123/jsep.30.5.541>
- Larson, R. W. (2000). Toward a psychology of positive youth development. *American psychologist*, *55*(1), 170-183. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.170>
- Lee, M. J., Whitehead J, Ntoumanis, N., & Hatzigeorgiadis, A. (2008). Relationships among values, achievement orientations and attitudes in youth sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, *30*, 588-610. <https://doi.org/10.1123/jsep.30.5.588>
- Lerner, R. M. (2017). Commentary: studying and testing the positive youth development model: A tale of two approaches. *Child development*, *88*(4), 1183-1185. <https://doi.org/10.1111/cdev.12875>
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S. Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D. & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence*, *25*(1), 17-71. <https://doi.org/10.1177%2F0272431604272461>

- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Bowers, E., & Geldhof, G. J. (2015). Positive youth development and relational developmental systems. In W. F. Overton & P. C. Molenaar (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science* (7th ed., pp. 607–651). Wiley.
- Lerner, R. M., & Steinberg, L. (2004). The scientific study of adolescent development: Past, present and future. In: R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Adolescent Psychology* (2nd ed., pp. 1-12). John Wiley & Sons, inc.
- Lerner, R. M., von Eye, A., Lerner, J. V., & Lewin-Bizan, S. (2009). Exploring the foundations and functions of adolescent thriving within the 4-H study of positive youth development: A view of the issues. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *30*(5), 567–570. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.07.002>
- Lower, L. M., Newman, T. J., Anderson-Butcher, D. (2015). Validity and reliability of teamwork scale for youth. *Research on Social Work Practice*, *27*(6), 716-725. <http://doi.org/10.1177/10497315155589614>
- Malacarne, M. P., Luiz, S. G, Amaral, T. R., & Siqueira, M. M. (2017). Health service evaluation in Public Health: a survey of research on assessment in Public Health Graduate Programs. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde*, *18*(1), 62-7. <https://doi.org/10.21722/rbps.v18i1.15136>
- Monteiro, D., Moutão, J., Baptista, P., & Cid, L. (2014). Clima motivacional, regulação da motivação e percepção de esforço dos atletas no futebol. *Motricidade*, *10*(4), 94-104. [https://doi.org/10.6063/motricidade.10\(4\).3453](https://doi.org/10.6063/motricidade.10(4).3453)
- Morin, A. J. S., Maiano, C., Scalas, L. F., Boughattas, W., Abid, S., Mascret, N., Kara, F. M., Fadda, D., & Probst, M. (2017). Cross-cultural validation of the short form of the physical self-inventory (PSI-S). *Sport, Exercise, and Performance Psychology*, *7*(1). <https://doi.org/10.1037/spy0000096>

- Neff, K. D. (2003). Development and validation of a scale to measure self-compassion. *Self and Identity*, 2(3), 223-250. <https://doi.org/10.1080/15298860309027>
- Newton, M., Duda, J. L., & Yin, Z. N. (2000). Examination of the psychometric properties of the Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire-2 in a sample of female athletes. *Journal of Sport Sciences*, 18(4), 275-90. <https://doi.org/10.1080/026404100365018>
- Peixoto, E. M., Nakano, T. C., Castillo, R. A., Oliveira, L. P., & Balbinotti, M. A. A. (2019). Passion scale: Psychometric properties and invariance factor through Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM). *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, e2911. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2911>
- Primi, R., Muniz, M., & Nunes, C. H. S. S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In: C. S. Hutz (Org.). *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-265). Casa do Psicólogo.
- Reise, S. P., Bonifay, W. E., & Haviland, M. G. (2013). Scoring and modeling psychological measures in the presence of multidimensionality. *Journal of Personality Assessment*, 95(2), 129-140. <https://doi.org/10.1080/00223891.2012.725437>
- Rigoni, P. A. G., Belem, I. C., & Vieira, L. F. (2017). Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas de rendimento. *Journal of Physical Education*, 28(1), e2854. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2854>
- Rodriguez, A., Reise, S. P., & Haviland, M. G. (2016). Evaluating bifactor models: Calculating and interpreting statistical indices. *Psychological methods*, 21(2), 137. <https://doi.org/10.1037/met0000045>
- Roth, J. L., & Brooks-Gunn, J. (2003). What exactly is a youth development program? Answers from research and practice. *Applied Developmental Science*, 7, 94–111.

- Saldanha, R. P., Peixoto, E. M., Palma, B. P., Barbosa, M. L. L., Balbinotti, C. A. A., & Balbinotti, M. A. A. (no prelo). *Evidências adicionais de validade da versão brasileira do perceived motivational climate in sport questionnaire*.
- Silva, M. P. P., & Peixoto, E. M. (2021a). Escala de trabalho em equipe para jovens: Adaptação transcultural e propriedades psicométricas. (Artigo submetido).
- Silva, M. P. P., & Peixoto, E. M. (2021b). Impact of passion for sport and motivational climate on athlete-coach and athlete-athlete relationships. (Artigo submetido).
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2016). Adaptation of the self-compassion scale for use in Brazil: Evidences of construct validity. *Temas em Psicologia*, 24(1), 159-172. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-11>
- Taylor, R. D., Oberle, E., Durlak, J. A., & Weissberg, R. (2017). Promoting Positive Youth Development through school-based social emotional learning interventions: A meta-analysis of follow-up effects. *Child Development*, 88(4), 1156-1171. <https://doi.org/10.1111/cdev.12864>
- Urban, J. B., Lewin-Bizan, S., and Lerner, R. M. (2009). The role of neighborhood ecological assets and activity involvement in youth developmental outcomes: Differential impacts of asset poor and asset rich neighborhoods. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 601–614. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.07.003>
- Vallerand, R. J. (2012). The role of passion in sustainable psychological well-being. *Psychological Well-Being: Theory, Research, and Practice*, 2, 1–21. <https://doi.org/10.1186/2211-1522-21>
- Vallerand, R. J. (2015). *The psychology of passion: A dualistic model*. Series in Positive Psychology. Oxford University Press.
- Vallerand, R. J., Blanchard, C., Mageau, G. A., Koestner, R., Ratelle, C., Léonard, M., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les passions de l'aîme: On obsessive and harmonious

- passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(4), 756-767.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.756>
- Vella, S., Oades, L., & Crowe, T. (2011). The role of the coach in facilitating positive youth development: Moving from theory to practice. *Journal of applied sport psychology*, 23(1), 33-48. <http://dx.doi.org/10.1080/10413200.2010.511423>
- Verner-Filion, J., & Vallerand, R. J. (2018). A longitudinal examination of elite youth soccer players: The role of passion and basic need satisfaction in athletes' optimal functioning. *Psychology of Sport and Exercise*, 39, 20-28. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.07.005>
- Vieira, L. F., Nascimento Junior, R. A., Pujals, C., Jowett, S., Codonhato, R., & Vissoci, J. R. N. (2015). Cross-cultural adaptation and psychometric properties of the Brazilian coach-athlete relationship questionnaire (CART-Q) – Athlete version. *Revista brasileira de cineantropometria & desempenho humano*, 17(6), 635-649.
<https://doi.org/10.5007/1980-0037.2015v17n6p635>
- Vierimaa, M., Bruner, M. W., & Côté, J. (2018). Positive youth development and observed athlete behavior in recreational sport. *PloS One*, 13(1), e0191936.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191936>
- Vierimaa, M., Erickson, K., & Gilbert, W. (2012). Positive youth development: A measurement framework for sport. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(3), 601-614. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.3.601>
- Vierimaa, M., Turnnidge, J., Bruner, M., & Côté, J. (2017). Just for the fun of it: coaches' perceptions of an exemplary community youth sport program, *Physical Education and Sport Pedagogy*, 22(6), 603-617. <https://doi.org/10.1080/17408989.2017.1341473>

Considerações finais

A presente pesquisa teve como principal objetivo propor uma bateria para medir o modelo teórico 5C's no contexto esportivo, buscando estimar as primeiras propriedades psicométricas. Para isso, foi necessário separar a dissertação em dois estudos. No primeiro, teve-se como objetivo adaptar a *Teamwork Scale for Youth* para a população brasileira, além de verificar suas evidências de validade. Os resultados demonstraram a adequação da escala em relação as evidências de validade de conteúdo, da estrutura interna e precisão. Ressalta-se a relevância desse instrumento para mensurar a capacidade de trabalho em equipe, dessa forma, sendo adequado para compor a bateria proposta no segundo artigo, além de colaborar com profissionais e pesquisadores que trabalham com grupos de jovens, visando melhorar o desempenho esportivo, como também outras características positivas. Contudo, o estudo apresenta a limitação de avaliar a escala apenas no contexto esportivo, dessa forma, sugere-se novas pesquisas que busquem aplicar a *Teamwork Scale for Youth* em outros ambientes, para sustentar sua aplicabilidade.

O segundo artigo teve como objetivo propor uma bateria de mensuração do modelo teórico 5C's. Com base nos resultados, a bateria apresentou as primeiras evidências de validade para o contexto esportivo, assim, contribuindo com futuros estudos teóricos e empíricos, além da prática esportiva, uma vez que forneceu sustentação para o modelo, com índices de ajuste adequado e precisão satisfatória. Ademais, também foi possível identificar que a paixão harmoniosa e clima orientado à tarefa como facilitadoras dos 5C's do DPJ no esporte, dessa maneira, assegurando a capacidade dos 5C's para se relacionar com outras variáveis. Apesar dos resultados serem satisfatórios, ambas pesquisas apresentaram limitações em relação a amostra, visto que foi composta por uma amostra não probabilística, acessada por meio de formulário online, sendo aplicados instrumentos de autorrelato, portanto, passível de influência de vieses de reposta. Nessa direção, recomenda-se a o desenvolvimento de novos estudos, com

coletas presenciais, com objetivo de controlar os efeitos causados por possíveis vieses de resposta (e. g. aquiescência e desejabilidade social).

Adicionalmente, é importante destacar que muitos jovens que podem se beneficiar do uso dessa ferramenta, a partir de programas esportivos que visam resultados positivos, podem não ter recursos socioeconômicos, estando em uma situação de vulnerabilidade, portanto, não conseguindo ter acesso à internet. Diante disso, sugere-se novos estudos priorizando a ampliação das classes sociais. Ademais, a partir dos resultados apresentados para a bateria do 5C's foi possível identificar que o modelo correlacionado apresentou melhores resultados comparado aos outros modelos, assim, permitindo a utilização dos C's de forma independente, ou seja, tais resultados possibilitam o desenvolvimento de pesquisas futuras focando em determinado C, podendo ainda explorar as especificidades de cada característica do modelo teórico.

Referências

- Anderson-Butcher, D., Wade-Mdivanian, R., Paluta, L., Lower, L., Amorose, A., & Davis, J. (2014). *OSU LiFE sports 2013 annual report*. College of Social Work, The Ohio State University.
- Ardal, E., Holsen, I., Diseth, A., & Larsen, T. (2017). The five Cs of positive youth development in a school context, gender and mediator effects. *School Psychology International, 39*(1), 1-19. <https://doi.org/10.1177/0143034317734416>
- Bean, C., Kendellen, K., & Forneris, T. (2016). Moving beyond the gym: Exploring life skill transfer within a female physical activity-based life skills program. *Journal of Applied Sport Psychology, 28*(3), 274-290. <https://doi.org/10.1080/10413200.2015.1124155>
- Berdychevsky, L., Stodolska, M., & Shinew, K. J. (2019). The roles of recreation in the prevention, intervention, and rehabilitation programs addressing youth gang involvement and violence. *Leisure Sciences, 1-23*. <https://doi.org/10.1080/01490400.2019.1571966>
- Borrueco, M., Ramis, Y., Pallarès, S., & Cruz, J. (2020). Aplicación del modelo de las 5Cs para a formación de entrenadores: Un ejemplo de práctica basada en la evidencia. *Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico, 5*(1). <https://doi.org/10.5093/rpadef2020a3>
- Bower, E. P., Li, Y., Kiely, M. K., Brittan, A., Lerner, J. V., & Lerner, R. M. (2010). The five Cs modelo of positive youth development: a longitudinal analysis of confirmatory factor structure and measurement invariance. *Journal of Youth and Adolescence, 39*(7), 720-735. <https://doi.org/10.1007/s10964-010-9530-9>
- Bruner, M. W., Eys, M. A., Wilson, K. S., & Côté, J. (2014). Group cohesion and positive youth development in team sport athletes. *Sport, Exercise, and Performance Psychology, 3*(4), 219-227. <https://doi.org/10.1037/spy0000017>

- Chen, B., Wium, N., & Dimitrova, R. (2018). Factor structure of positive youth development: Contributions of exploratory structural equation modeling. *Personality and Individual Differences, 124*, 12-15. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.11.039>
- Chickekian, T., & Vallerand, R. J. (2018). Positive psychology meets education in the context of passion for sports. In A. Brady & B. Grenville-Cleave (Eds.), *Positive psychology in sport and physical activity* (pp. 51-63). Routledge.
- Cid, L. & Louro, H. (2010). Praticar Natação é uma Paixão ou um Sacrifício? Estudo da relação entre o tipo de paixão que o atleta sente pela modalidade e a sua orientação motivacional. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte, 5*(1), 99-114. <https://www.riped-online.com/articles/praticar-natao--uma-paixao-ou-um-sacrificio-estudo-da-relao-entre-o-tipo-de-paixao-que-o-atleta-sente-pela-modalidade-e-a-s.pdf>
- Conway, R., Heary, C., & Hogan, M. J. (2015). An evaluation of the measurement properties of the five Cs model of positive youth development. *Frontiers in Psychology, 6*:1941. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01941>
- Côté, J., Buner, M. W., Erickson, K. Strachan, L., & Fraser-Thomas, J. (2010). Athlete development and coaching. In: J, Lyle, & C, Cushion (Eds.), *Sport coaching: Professionalism and practice* (pp. 63-79). Elsevier.
- Côté, J., Turnidge, J., & Evans, M. B. (2014). The dynamic process of development through sport. *Kinesiology Slovenica, 20*(3), 14–26. <http://www.dlib.si/stream/URN:NBN:SI:DOC-78F5K2TW/2b08f4a8-6c0e-4684-b961-e6a79ffbd842/PDF>
- De La Vega, R., Parastatidou, I. S., Ruíz-Barquín, R., & Szabo, A. (2016). Exercise addiction in athletes and leisure exercisers: *The moderating role of passion. Journal of Behavioral Addictions, 5*(2), 325–331. <https://doi.org/10.1556/2006.5.2016.043>

- Duda, J. L. (1993). Goals: a social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: R. Singer, M. Murphey, & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research in sport psychology* (pp. 421–436). Macmillan.
- Dunn, J. C., Dunn, J. G. H., & Bayduza, A. (2007). Perceived athletic competence, sociometric status, and loneliness in elementary school children. *Journal of Sport Behavior*, 30(3), 249-269.
- Dvorsky, M. R., Kofler, M. J., Burns, G. L., Luebbe, A. M., Garner, A. A., Jarret, M. A., Soto, E. F., & Becker, S. P. (2019). Factor structure and criterion validity of the five Cs model of positive youth development in a multi-university sample of college students. *Journal of Youth and Adolescence*, 48(2). <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0938-y>
- Eichas, K., Ferrer-Wreder, L., & Olsson, T. M. (2019). Contributions of positive youth development to intervention science. *Child & Youth Care Forum*, 48, 279-287. <https://doi.org/10.1007/s10566-018-09486-1>
- Esperança, J. L., Dias, C., Brustad, R. J., & Fonseca, A. M. (2018). Desenvolvimento positivo dos jovens: Estudo exploratório realizado com estudantes portugueses. *Análise Psicológica*, 36(4), 427-437. <https://doi.org/10.14417/ap.1420>
- Fernandes, M. G., Menuchi, M. R. T. P., Abreu, I. S., Alcântara, J. S., & Nunes, S. A. N. (2018). Propriedades psicométricas da versão brasileira do perceived motivational climate in sport questionnaire-2 (PMCSQ-2). *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 26(4), 76-86.
- Franco, G. R., & Rodrigues, M. C. (2018). Autoeficácia e desenvolvimento positivo dos jovens: Uma revisão narrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 26(4), 2267-2282. <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-20Pt>
- Fonseca, A. & Brito, A. (2001). Estudo exploratório e confirmatório à estrutura factorial da versão portuguesa de Perceptions os Success Questionnaire (POSQ). *Revista*

Portuguesa de Ciências do Desporto 1(3), 61-69.

https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.3/09.pdf

- Gonzalez, R. H., Barros, A. E. C., Aires, H., Saldanha, D. F., & Balbinotti, C. A. A. (2019). Esporte na educação e formação de jovens. In: E. M. Peixoto, & T. C. Nakano (Orgs.), *Psicologia do esporte e desenvolvimento humano* (pp. 45-64). Viseu.
- Gould, D., & Carson S. (2010). The relationship between perceived coaching behaviors and developmental benefits of high school sports participation. *Hellenic Journal of Psychology*, 7(1), 298-314.
- Harwood, C. G., Barker, J. B., & Anderson, R. (2015). Psychosocial development in youth soccer players: Assessing the effectiveness of the 5Cs intervention program. *The Sport Psychologist*, 29(4), 319-334. <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.2014-0161>
- Hirota, V. B. (2017). *Evidências de validade do instrumento de motivação (Task and ego orientation in sport questionnaire – TEOSQ) para para-atletas brasileiros*. (Tese de Doutorado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, Pós-Graduação Stricto Sensu em Distúrbios do Desenvolvimento.
- Holsen, I., Geldhof, J., Larsen, T., & Aardal, E. (2016). The five Cs of positive youth development in Norway. *International Journal of Behavioral Development*, 41(5), 559-569. <https://doi.org/10.1177/0165025416645668>
- Holt, N. L., Deal, C. J., & Pankow, K. (2020). Positive youth development through sport. In G. Tenenbaum, & R. C. Eklund (Eds.), *Handbook of sport psychology* (4th ed, pp. 429-446). Wiley.
- Holt, N. L., Neely, K. C., Slater, L. G., Camiré, M., Côté, J., Fraser-Thomas, J., MacDonald, D., Strachan, L., & Tamminen, K. A. (2017). A grounded theory of positive youth development through sport based on results from a qualitative meta-

- study. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 10(1), 1–49. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2016.1180704>
- Kovacsik, R., Soós, I., Veja, R. L., Ruíz-Barquín, R., & Szabo, A. (2018). Passion and exercise addiction: Healthier profiles in team than in individual sports. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 18(2), 176-186. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2018.1486873>
- Leonardi, T. J., Galatti, L. R., Paes, R. R., & Seoane, A. M. (2014). Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 13(1), 41-58.
- Lerner, R. M. (2017). Commentary: studying and testing the positive youth development model: A tale of two approaches. *Child development*, 88(4), 1183-1185. <https://doi.org/10.1111/cdev.12875>
- Lerner, R. M., & Galambos, N. L. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs, and policies. *Annual Review of Psychology*, 49, 413-446. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.49.1.413>
- Lerner, R. M., & Lerner, J. V. (2011). *The positive development of youth: Report of the findings from the first seven years of the 4-H study of positive youth development*. Tufts University.
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Almerigi, J., Theokas, C., Phelps, E., Gestsdottir, S. Naudeau, S., Jelicic, H., Alberts, A. E., Ma, L., Smith, L. M., Bobek, D. L., Richman-Raphael, D., Simpson, I., Christiansen, E. D. & von Eye, A. (2005). Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. *Journal of Early Adolescence*, 25(1), 17-71. <https://doi.org/10.1177%2F0272431604272461>

- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Bowers, E., & Geldhof, G. J. (2015). Positive youth development and relational developmental systems. In W. F. Overton & P. C. Molenaar (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science* (7th ed., pp. 607–651). Wiley.
- Lerner, R. M., & Steinberg, L. (2004). The scientific study of adolescent development: Past, present and future. In: R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Adolescent Psychology* (2nd ed., pp. 1-12). John Wiley & Sons, inc.
- Lerner, R. M., von Eye, A., Lerner, J. V., & Lewin-Bizan, S. (2009). Exploring the foundations and functions of adolescent thriving within the 4-H study of positive youth development: A view of the issues. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *30*(5), 567–570. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.07.002>
- Lower, L. M., Newman, T. J., Anderson-Butcher, D. (2015). Validity and reliability of teamwork scale for youth. *Research on Social Work Practice*, *27*(6), 716-725. <http://doi.org/10.1177/10497315155589614>
- Monteiro, D., Moutão, J., Baptista, P., & Cid, L. (2014). Clima motivacional, regulação da motivação e percepção de esforço dos atletas no futebol. *Motricidade*, *10*(4), 94-104. [https://doi.org/10.6063/motricidade.10\(4\).3453](https://doi.org/10.6063/motricidade.10(4).3453)
- Parastatidou, I., Doganis, G., Theodorakis, Y., & Vlachopoulos, S. (2014). The mediating role of passion in the relationship of exercise motivational regulations with exercise dependence symptoms. *International Journal of Mental Health and Addiction*, *12*(4), 406-419. <https://doi.org/10.1007/s11469-013-9466-x>
- Peixoto, E. M., Cordeiro, E. D. A., Correia, F. M. L., & Bueno, J. M. H. (2019). Desenvolvimento positivo de jovens através do esporte: Explorando o modelo dos 4 c's. In: E. M. Peixoto, & T. C. Nakano (Orgs.), *Psicologia do esporte e desenvolvimento humano* (pp. 65-87). Viséu.

- Phelps E., Zimmerman S., Warren A. E. A., Jelicic H., Eye A. V., & Lerner R. M. (2009). The structure and developmental course of positive youth development (PYD) in early adolescence: implications for theory and practice. *Journal of Applied Developmental Psychology, 30*(5), 571–584. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2009.06.003>
- Poczwardowski, A., Lamphere, B., Allen, K., Marican, R., & Haberl, P. (2019). The 5C's model of successful partnerships in elite beach volleyball dyads. *Journal of Applied Sport Psychology, 32*(5), 476-494. <https://doi.org/10.1080/10413200.2019.1573205>
- Rigoni, P. A. G, Belem, I. C., & Vieira, L. F. (2017). Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas de rendimento. *Journal of Physical Education, 28*(1), e2854. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2854>
- Santos, F. S. F., Camiré, M., Campos, P. H. F. (2016). Youth sport coaches' role in facilitating positive youth development in Portuguese field hockey. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 16*(3), 221-234. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2016.1187655>
- Stephens, L. E., Bowers, E. P., & Lerner, J. V. (2018). Positive youth development and adolescent eating disorder symptomatology: The role of natural mentors. *Journal of Community Psychology, 46*, 472-488. <https://doi.org/10.1002/jcop.21952>
- Vallerand, R. J. (2012). The role of passion in sustainable psychological well-being. *Psychological Well-Being: Theory, Research, and Practice, 2*, 1–21. <https://doi.org/10.1186/2211-1522-21>
- Vallerand, R. J. (2015). *The psychology of passion: A dualistic model*. Series in Positive Psychology. Oxford University Press.
- Vallerand, R. J. (2016). The dualistic model of passion: Theory, research, and implications for the field of education. In J. C. K. Wang, L. W. Chia, & R. M. Ryan (Eds.), *Building*

autonomous leaders: Research and practical perspectives using self-determination theory (pp. 31-58). Springer.

- Vallerand, R. J., Blanchard, C., Mageau, G. A., Koestner, R., Ratelle, C., Léonard, M., Gagné, M., & Marsolais, J. (2003). Les passions de l'âme: On obsessive and harmonious passion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(4), 756- 767. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.4.756>
- Vella, S., Oades, L., & Crowe, T. (2011). The role of the coach in facilitating positive youth development: Moving from theory to practice. *Journal of applied sport psychology*, 23(1), 33-48. <http://dx.doi.org/10.1080/10413200.2010.511423>
- Vierimaa, M., Bruner, M. W., & Côté, J. (2018). Positive Youth development and observed athlete behavior in recreational sport. *PloS One*, 13(1), e0191936. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191936>
- Vierimaa, M., Erickson, K., & Gilbert, W. (2012). Positive youth development: A measurement framework for sport. *International Journal of Sports Science e Coaching*, 7(3), 601-614. <https://doi.org/10.1260/1747-9541.7.3.601>
- Vierimaa, M., Turnnidge, J., Bruner, M., & Côté, J. (2017): Just for the fun of it: coaches' perceptions of an exemplary community youth sport program, *Physical Education and Sport Pedagogy*, 22(6), 603-617. <https://doi.org/10.1080/17408989.2017.1341473>
- Waid, J., & Uhrich, M. (2019). A scoping review of the theory and practice of positive youth development. *The British Journal of Social Work*, 50(1), 5-24. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcy130>
- Weinberg, R. & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. Artmed.

Anexos

Anexo 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para menores de 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's

Eu, responsável legal do(a) participante, dou meu consentimento livre e esclarecido para que ele(a) participe como voluntário do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Maynara Priscila Pereira da Silva, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, sob orientação do Prof.º Dr.º e Evandro Morais Peixoto.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1- O objetivo da pesquisa é propor uma bateria para avaliar os 5C's do DPJ no esporte e estimar as primeiras evidências de validade e precisão desta bateria para mensuração deste modelo teórico.
- 2- Durante o estudo serão aplicados oito instrumentos, sendo eles: Questionário de valores para jovens no esporte, Inventário de confiança no esporte, Inventário de competência no esporte, Escala de Trabalho em Equipe para Jovens, Questionário de relacionamento treinador-atleta, Escala de Autocompaixão, Escala de Paixão, Questionário de Clima Motivacional Percebido no Esporte, além do questionário sociodemográfico.
- 3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental. No entanto, podem eventualmente provocar um desconforto emocional.
- 5- Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, bem como ele estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
- 6- Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981; e e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br.
- 8- Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Maynara Priscila Pereira da Silva, sempre que julgar necessário pelo e-mail maynarapriscilap@gmail.com ou telefone (12) 98202-3580.

- Eu, responsável legal do(a) participante, declaro que li e concordo com sua participação.
- Eu, responsável legal do(a) participante, declaro que li e não concordo com sua participação.

Anexo 2: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos****Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's”. Neste estudo temos o objetivo propor uma bateria para avaliar os 5C's do DPJ no esporte e estimar as primeiras evidências de validade e precisão desta bateria para mensuração deste modelo teórico.

Para participar deste estudo você precisará responder instrumentos com questões referentes a cada um dos 5C's (caráter, conexão, confiança, competência e cuidado), paixão, clima motivacional no esporte e informações sobre seus dados pessoais. Você foi escolhido(a) em participar porque ajudará a entender mais sobre estas questões.

Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar. Você (ou o seu responsável) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. A sua participação é voluntária e os pesquisadores garantem que irão tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

Eu, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável, declaro que concordo em participar deste estudo.

- Eu declaro que li e concordo em participar.
- Eu declaro que li e não concordo em participar.

Anexo 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para maiores de 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para maiores de 18 anos

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's

Ao clicar em “Concordo” abaixo, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Maynara Priscila Pereira da Silva, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, sob orientação do Prof.º Dr.º e Evandro Morais Peixoto.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1- O objetivo da pesquisa é propor uma bateria para avaliar os 5C's do DPJ no esporte e estimar as primeiras evidências de validade e precisão desta bateria para mensuração deste modelo teórico.
- 2- Durante o estudo serão aplicados oito instrumentos, sendo eles: Questionário de valores para jovens no esporte, Inventário de confiança no esporte, Inventário de competência no esporte, Escala de Trabalho em Equipe para Jovens, Questionário de relacionamento treinador-atleta, Escala de Autocompaixão, Escala de Paixão, Questionário de Clima Motivacional Percebido no Esporte, além do questionário sociodemográfico.
- 3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental. No entanto, podem eventualmente provocar um desconforto emocional.
- 5- Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, bem como ele estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
- 6- Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981; e e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br.
- 8- Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Maynara Priscila Pereira da Silva, sempre que julgar necessário pelo e-mail maynarapriscilap@gmail.com ou telefone (12) 98202-3580.

- Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.
- Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

Anexo 4: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para Juízes**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA JUÍZES**

Ao clicar em “Concordo” abaixo, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar do projeto de pesquisa denominado “Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C’s”, sob a responsabilidade da pesquisadora Maynara Priscila Pereira da Silva, do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, da Universidade São Francisco.

1- Tem como um dos objetivos da pesquisa, adaptar o instrumento *Teamwork Scale for Youth* para o português brasileiro, bem como estimar a evidência de validade com base na estrutura interna e precisão.

2- Esta pesquisa terá início a partir da participação dos profissionais de psicologia com experiência em avaliação psicológica e a possibilidade de buscar evidências de validade de construto pela avaliação dos juízes. Por esse motivo, sua participação está sendo solicitada. É necessário que você analise cada item e tente avaliá-lo a respeito da clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica, indicando o nível de adequação das alternativas de respostas: pouquíssima, pouca, média, muita ou muitíssima. Este procedimento tem objetivo de auxiliar a pesquisadora na adaptação dos itens em comparação a escala original, além de deixar mais compreensível para a população alvo. Assim, as informações obtidas serão utilizadas durante o processo de adaptação da escala de maneira geral. A duração aproximada deste processo de análise é 30 minutos, sendo o mesmo previamente agendado, respeitando-se o tempo livre do profissional.

3- Saiba que sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, não havendo nenhuma remuneração por ela. Se você aceitar participar, saiba que você é totalmente livre para abandoná-la a qualquer momento. Além disto, você poderá solicitar que se retire dela qualquer contribuição que você já tenha prestado.

4- A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para desenvolvimento de um teste que ajude os psicólogos a realizarem diagnósticos mais rápidos e precisos. Se você tiver dúvidas durante sua participação na pesquisa, ou mesmo depois dela ter se encerrado, poderá entrar em contato para esclarecê-la com a pesquisadora, pelo telefone: (12) 98802-3580. Dúvidas de natureza ética deverão ser solucionadas junto ao Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade São Francisco. Você pode entrar em contato com o **Comitê de Ética pelo telefone (11) 2454-8981, e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br** ou diretamente no endereço: Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo.

- Declaro que li e concordo em participar.
- Declaro que li e não concordo em participar.

Anexo 5: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para menores de 18 anos
(Estudo Piloto)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos (Estudo Piloto)

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's

Eu, responsável legal do(a) participante, dou meu consentimento livre e esclarecido para que ele(a) participe como voluntário do estudo piloto do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Maynara Priscila Pereira da Silva, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, sob orientação do Prof.º Dr.º e Evandro Morais Peixoto.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1- A pesquisa tem como um dos objetivos, adaptar o instrumento *Teamwork Scale for Youth* para o português brasileiro. Dessa forma, o estudo piloto tem o objetivo de fazer a aplicação da escala adaptada com um pequeno número de jovens, com intuito de verificar se a adaptação condiz com o vocabulário destes indivíduos.
 - 2- Durante o estudo serão aplicados o questionário sociodemográfico e escala *Teamwork Scale for Youth* adaptada.
 - 3- Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
 - 4- A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental. No entanto, podem eventualmente provocar um desconforto emocional.
 - 5- Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, bem como ele estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
 - 6- Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
 - 7- Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981; e e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br.
 - 8- Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Maynara Priscila Pereira da Silva, sempre que julgar necessário pelo e-mail maynarapriscilap@gmail.com ou telefone (12) 98202-3580.
- Eu, responsável legal do(a) participante, declaro que li e concordo com sua participação.
 - Eu, responsável legal do(a) participante, declaro que li e não concordo com sua participação.

Anexo 6: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) – Para menores de 18 anos (Estudo Piloto)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para menores de 18 anos (Estudo Piloto)

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo piloto da pesquisa “Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's”. Neste estudo temos o objetivo de avaliar se a escala *Teamwork Scale for Youth* está de acordo com a linguagem do público alvo da pesquisa, ou seja, jovens de 14 a 21 anos. Surgindo dúvidas sobre alguma palavra, será solicitado a sugestão de uma substituta para que possa ser compreensível por todos.

Para participar deste estudo você precisará responder instrumentos com questões referentes a cada um dos 5C's (caráter, conexão, confiança, competência e cuidado), paixão, clima motivacional no esporte e informações sobre seus dados pessoais. Você foi escolhido(a) em participar porque ajudará a entender mais sobre estas questões.

Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar. Você (ou o seu responsável) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. A sua participação é voluntária e os pesquisadores garantem que irão tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

Eu, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável, declaro que concordo em participar deste estudo.

- Eu declaro que li e concordo em participar.
- Eu declaro que li e não concordo em participar.

Anexo 7: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Para maiores de 18 anos (Estudo Piloto)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (1ª via) – Para maiores de 18 anos (Estudo Piloto)

Desenvolvimento positivo de jovens no esporte: Proposta de medida dos 5C's

Ao clicar em “Concordo” abaixo, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como do projeto de pesquisa supracitado, sob a responsabilidade da pesquisadora Maynara Priscila Pereira da Silva, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, sob orientação do Prof.º Dr.º e Evandro Morais Peixoto.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

1. A pesquisa tem como um dos objetivos, adaptar o instrumento *Teamwork Scale for Youth* para o português brasileiro. Dessa forma, o estudo piloto tem o objetivo de fazer a aplicação da escala adaptação com um pequeno número de jovens, com intuito de verificar se a adaptação condiz com o vocabulário destes indivíduos.
2. Durante o estudo serão aplicados o questionário sociodemográfico e escala *Teamwork Scale for Youth adaptada*.
3. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a sua participação na referida pesquisa;
4. A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) não apresentam riscos conhecidos à sua saúde física e mental. No entanto, podem eventualmente provocar um desconforto emocional.
5. Estou livre para interromper a qualquer momento sua participação na pesquisa, bem como ele estará livre para interromper a sua participação, não havendo qualquer prejuízo decorrente da decisão;
6. Seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
7. Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco, situado à Av. São Francisco de Assis, nº 218, cidade Universitária, CEP: 12916-900, Bragança Paulista/São Paulo, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: (11) 24548981; e e-mail: comitê.etica@saofrancisco.edu.br.
8. Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Maynara Priscila Pereira da Silva, sempre que julgar necessário pelo e-mail maynarapriscilap@gmail.com ou telefone (12) 98202-3580.

- Declaro ter 18 anos ou mais de idade e desejo participar da pesquisa.
- Não tenho 18 anos ou mais de idade ou não desejo participar da pesquisa.

Anexo 8: Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Desenvolvimento Positivo de Jovens no Esporte: Proposta de medida dos 5C₂s

Pesquisador: MAYNARA PRISCILA PEREIRA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36510320.0.0000.5514

Instituição Proponente: Universidade São Francisco-SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.243.704

Apresentação do Projeto:

Nos últimos 30 anos, pensando em uma resposta para desconstruir a ideia do jovem como um problema, surgiu uma nova abordagem – a perspectiva do desenvolvimento positivo de jovens (DPJ). As propostas para abordar o DPJ basearam-se na premissa de que o desenvolvimento das competências cognitivas, acadêmicas, sociais e emocionais são tarefas fundamentais na adolescência. Seu início ocorreu na década de 1990, nos Estados Unidos, sendo descrita como o envolvimento em comportamentos pró-sociais e o evitamento de comportamentos que comprometessem e prejudicassem a saúde e o futuro. O DPJ constitui uma nova perspectiva de encarar a adolescência, baseando-se na ideia de que qualquer jovem tem potencial para desenvolvimento saudável e bem-sucedido. Nessa direção, para alcançar o desenvolvimento favorável os jovens precisam passar por experiências com o papel de protagonistas, com a finalidade de enfrentar ameaças do ambiente e assim escolher estratégias eficazes para lidarem com esses desafios. Os pesquisadores ainda relatam que o DPJ abrange os pontos fortes, como os talentos e competências que podem ser cultivados e alinhados com os recursos e suporte de diversos domínios sociais (família, escola, grupo de pares, comunidade) para potencializar o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade. Diferentes autores defendem o potencial da prática de esporte e das vivências no contexto esportivo para o desenvolvimento positivo de crianças e adolescentes. Outra questão a ser enfatizada nas definições de DPJ é o grande investimento no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e psicológicas, podendo ser

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central

Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900

UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8302

E-mail: comiteetica@usf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.243.704

definidas como habilidades para a vida, de modo que possam ser aplicadas em diferentes contextos ao decorrer da vida do indivíduo. Os programas de intervenções que visam o DPJ durante a realização de atividades esportivas, permite alcançar o duplo objetivo de preparar os jovens para a sociedade e promover a aquisição de hábitos de vida que sejam saudáveis e que tendem a manter-se na idade adulta. O esporte apresenta um conjunto de potencialidades que atraem e mantêm a fidelidade de jovens, até mesmo mais constante do que em outras atividades, podendo veicular a transmissão de valores de uma forma significativa, assim contribuindo para a construção da personalidade destes indivíduos. A literatura sobre desenvolvimento de jovens disponibiliza diversas estruturas que poderiam ser usadas para conceituar o desenvolvimento positivo, em particular o modelo dos 5C's, proposto por Lerner e outros autores, que analisa o DPJ abordando cinco características, sendo elas: caráter, confiança, competência, conexão e cuidado/atenção. A partir de uma revisão sobre as diferentes propostas para avaliar os 5C's, foi possível identificar que alguns instrumentos avaliam as características. Entretanto, os resultados encontrados foram ruins, apresentando uma lacuna quanto a isso. Especificamente no contexto brasileiro, ainda não são observados na literatura esforços para avaliação dos 5C's no contexto esportivo através de instrumentos de medida, o que justifica a relevância para realizar tal estudo. A fim de oferecer contribuições para o preenchimento desta lacuna estabeleceu-se os objetivos da presente pesquisa. O objetivo principal do presente estudo é propor uma bateria para avaliar os 5C's do DPJ no esporte e estimar as primeiras evidências de validade e precisão desta bateria para mensuração deste modelo teórico. Serão feitos dois estudos na pesquisa, o primeiro é referente a adaptação do instrumento Teamwork Scale for Youth, além de buscar as evidências de validade de conteúdo. Para isto, o processo de adaptação do instrumento seguiu a proposta de Borsa et al. (2012), utilizando cinco das seis etapas sugeridas pelos autores, sendo elas: 1) tradução do instrumento para o novo idioma; 2) Síntese das versões traduzidas; 3) Avaliação da síntese por experts, para buscar evidências de validade de conteúdo será utilizado o coeficiente de validade de conteúdo (CVC), proposto por Hernández-Nieto (2002). Esse coeficiente tem por objetivo avaliar a concordância entre os juízes, no que diz respeito a clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica dos itens, suprindo algumas deficiências de método.; 4) Tradução reversa; e 5) Estudo-Piloto. Na primeira etapa o instrumento contou com o auxílio de três tradutores, que fizeram a tradução independentemente. Na segunda etapa, quatro participantes realizaram a síntese das traduções. Na terceira etapa, a avaliação das sínteses será feita por três juízes, especialistas em Avaliação Psicológica e Psicologia do Esporte. Na tradução reversa, a etapa contará com o auxílio de dois tradutores diferentes da primeira etapa, assim que a tradução

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.243.704

estiver pronta, o instrumento será encaminhado para o autor do instrumento original, nessa fase, o autor do instrumento avaliará se o teste em questão mede o que ele se propõe a medir, sendo a validação do conteúdo uma avaliação subjetiva. Por fim, na última etapa será realizada o estudo piloto, com uma amostra de 12 participantes, com idades entre 14 a 21 anos. Com o tempo estimado de 15 minutos para aplicação. Nesta etapa, deve-se avaliar a adequação dos itens, acerca do significado, da dificuldade, da compreensão e das instruções referente a aplicação do teste. Assim, havendo qualquer dúvida ou sugestão, deve ser esclarecido e modificado. No segundo estudo, a pesquisa contará com uma amostra de 250 participantes, de ambos os sexos, com idades entre 14 a 21 anos. Para a coleta de dados serão utilizados oito instrumentos, além do questionário sociodemográfico. A pesquisa levará em conta as considerações do Comitê de Ética, respeitando as regras com seres humanos. Em virtude do isolamento social em enfrentamento da pandemia da COVID-19 a aplicação ocorrerá por meio da plataforma Google Forms. A participação dos jovens será totalmente voluntária e estará condicionada ao consentimento formal dos pais ou responsáveis, bem como do adolescente. Aos sujeitos com idades inferiores a 18 anos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será apresentado ao responsável pelo adolescente, que após a leitura, deverá marcar o campo específico do formulário concordando com a participação destes, também será apresentado o Termo de Assentimento, a ser marcado pelo colaborador. Em relação aos sujeitos com mais de 18 anos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será apresentado diretamente a eles. Só será aplicado os instrumentos depois que os termos forem assinados. Para a análise estatísticas, serão realizadas análise fatorial confirmatória, correlação de Pearson, análises descritivas da amostra, teste t de Student, análise variância (ANOVA), além de verificar a precisão usando o coeficiente alfa de Cronbach.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário do estudo é propor uma bateria para avaliar os 5C's do DPJ no esporte e estimar as primeiras evidências de validade e precisão desta bateria para mensuração deste modelo teórico. Os objetivos secundários são: 1. Adaptar o instrumento Teamwork Scale for Youth para o português brasileiro. 2. Estimar a evidência de validade com base na estrutura interna e precisão para o Teamwork Scale for Youth. 3. Avaliar a adequação da estrutura interna da bateria para avaliação dos 5C's do DPJ no esporte. 4. Avaliar a associação entre os 5'Cs para o DPJ com variáveis externas, sendo elas: paixão pelo esporte e percepção do clima motivacional no esporte.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em princípios, a pesquisa não apresenta riscos à saúde dos participantes dada a natureza,

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.243.704

relativamente simples, da tarefa a ser executada, tanto pelos juízes no momento de julgamento dos itens, assim como pelos adolescentes no processo de resposta ao instrumento. Contudo, levanta-se a possibilidade de que as repostas aos itens dos instrumentos utilizados possam gerar algumas lembranças desagradáveis. Nesse caso, se houver o desencadeamento de estados de ansiedade ou mal-estar psicológico por parte do participante, a pesquisadora fará o atendimento psicológico imediato ou o encaminhamento necessário para a resolução do conflito e o colaborador pode encerrar a qualquer instante sua participação.

A pesquisa trará benefícios, na medida que poderá auxiliar os treinadores no processo de intervenção do desenvolvimento positivo dos atletas, além de contribuir para uma avaliação mais eficaz desse processo. Nesse sentido, a pesquisa pretende possibilitar a promoção de características saudáveis, potencializando os jovens no esporte e conseqüentemente em outros contextos. Além de possibilitar a operacionalização do construto, conseqüentemente a realização de pesquisa quantitativa, que ainda não foi realizada por causa da falta de instrumentos para avaliar o desenvolvimento positivo.

Espera-se com este estudo preencher uma lacuna, relacionada a insuficiência de instrumentos de medidas para mensurar o desenvolvimento de programas esportivos. Diante disso, espera-se fazer uma avaliação do modelo 5C's bem como obter conhecimentos aprofundados das potencialidades e limitações do instrumento frente à população brasileira. Também, pretende-se que o avanço nas pesquisas por intermédio deste instrumento permita que o mesmo possa, posteriormente, ser utilizado por profissionais e pesquisadores da psicologia do esporte, podendo contribuir para uma avaliação eficaz do desenvolvimento positivo em programas esportivos, cujo objetivo é desenvolver o potencial dos jovens, promovendo características saudáveis e possibilitando o desenvolvimento de habilidades para a vida de seus participantes, podendo auxiliá-los no processo de avaliação psicológica e indicação de intervenções mais adequadas à realidade dessa população.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo proposto é relevante para as áreas da Psicometria e Psicologia do Esporte, podendo contribuir para a disponibilização de um instrumento com parâmetros psicométricos adequados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes documentos: Carta de Autorização devidamente rubricada, assinada e carimbada; Folha de Rosto devidamente assinada; Projeto completo; Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (para menores e para maiores de 18 anos) das diferentes etapas do estudo e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.243.704

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado sem restrições.

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO EM REUNIÃO DO DIA 27/08/2020, O COLEGIADO DELIBEROU PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISAS. APÓS A CONCLUSÃO DO PROJETO É OBRIGATÓRIO O ENVIO DO RELATÓRIO FINAL PARA ENCERRAMENTO DO PROJETO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|---|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1547898.pdf | 12/08/2020 17:33:34 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_TALE.pdf | 12/08/2020 17:27:24 | MAYNARA PRISCILA PEREIRA DA SILVA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | ProjetodepesquisaDPJ_Maynara.pdf | 12/08/2020 17:22:09 | MAYNARA PRISCILA PEREIRA DA SILVA | Aceito |
| Outros | Cartadeautorizacaocontinuacao.pdf | 12/08/2020 17:21:34 | MAYNARA PRISCILA PEREIRA | Aceito |
| Outros | Cartadeautorizacao.pdf | 12/08/2020 17:21:07 | MAYNARA PRISCILA PEREIRA | Aceito |
| Folha de Rosto | FolhaDeRostoMaynara.pdf | 12/08/2020 17:11:57 | MAYNARA PRISCILA PEREIRA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.243.704

BRAGANCA PAULISTA, 28 de Agosto de 2020

Assinado por:
CARLOS EDUARDO PULZ ARAUJO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. São Francisco de Assis, 218, sala 35, prédio central
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 12.916-900
UF: SP **Município:** BRAGANCA PAULISTA
Telefone: (11)2454-8302 **E-mail:** comiteetica@usf.edu.br

Apêndices

Apêndice 1: Ficha de avaliação dos juízes

VALIDADE DE CONTEÚDO DO

“Escala de trabalho em equipe para jovens (*Teamwork Scale for Youth*)”

A escala de trabalho em equipe para jovens (*Teamwork Scale for Youth*) foi elaborado inicialmente em língua inglesa, com o objetivo de avaliar a capacidade percebida dos jovens em colaborar e trabalhar em equipe. A escala contém 10 itens, sendo avaliadas em uma escala Likert de cinco pontos, que variam de “nada verdadeiro” a “realmente verdadeiro”.

A presente pesquisa, teve como um dos objetivos a adaptação deste instrumento para o contexto brasileiro. Depois da autorização dos autores da versão original, foi feita a adaptação. Primeiramente, o instrumento foi traduzido de forma independente, para o português, por três profissionais, sendo dois psicólogos fluentes na língua inglesa e um professor de inglês. Após a tradução foi feita a síntese das três traduções, com o intuito de serem comparadas e avaliadas quanto a discrepâncias semânticas.

A partir disto, solicito sua colaboração, quanto a avaliação da clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica dos itens do instrumento. Também é importante lembrar que sugestões, que achar necessário, para a alteração dos termos e frases são fundamentais para a contribuição do estudo. Estarei disponível para esclarecer qualquer dúvida.

Atenciosamente,

Maynara Priscila Pereira da Silva
(Discente de mestrado do PPG USF, autora do estudo)
Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto
(Pesquisador, docente do PPG USF, orientador do estudo)

Documento 1: Avaliação dos juízes

Com relação à **CLAREZA DA LINGUAGEM** dos itens apresentados na **ESCALA DE TRABALHO EM EQUIPE PARA JOVENS**. Marque um “X” na opção que melhor se aplica a sua opinião para cada item.

| <p style="text-align: center;">CLAREZA DE LINGUAGEM</p> <p>O(a) senhor(a) julga que a linguagem de cada item é suficientemente clara, compreensível e adequada para a população-alvo (14 a 21 anos de idade)?</p> | Pouquíssima | Pouca | Média | Muita | Muitíssima |
|--|-------------|-------|-------|-------|------------|
| <p>ENUNCIADO: Por favor, leia cada uma das afirmações e utilizando a escala abaixo indique o quanto é verdadeira para você</p> <p>1= Totalmente falsa 2= Minimamente verdadeira 3= Um pouco verdadeira 4= Bastante verdadeira 5= Completamente verdadeira</p> | | | | | |
| 1. Eu penso que trabalho em equipe é importante. | | | | | |
| 2. Pessoas que trabalham em equipes podem aprender mais do que se trabalhassem sozinhas. | | | | | |
| 3. Sinto-me confiante na minha capacidade de trabalhar em equipe. | | | | | |
| 4. Sei como dar feedback aos membros de minha equipe sem machucar seus sentimentos. | | | | | |
| 5. Considero as opiniões de outras pessoas. | | | | | |
| 6. Esforço-me para incluir outros membros da minha equipe. | | | | | |
| 7. Valorizo as contribuições dos membros da minha equipe. | | | | | |
| 8. Trato os membros da minha equipe de maneira igual. | | | | | |
| 9. Sou bom em comunicar-me com os membros de minha equipe. | | | | | |
| 10. Sinto confiança na minha habilidade de ser um(a) líder. | | | | | |
| <p>SUGESTÕES:</p> | | | | | |

Com relação à **PERTINÊNCIA PRÁTICA** dos itens da **ESCALA DE TRABALHO EM EQUIPE PARA JOVENS**. Marque um “X” na opção que melhor se aplica a sua opinião para cada item.

| <p align="center">PERTINÊNCIA PRÁTICA</p> <p>O(a) senhor(a) julga que os itens estão pertinentes para a população-alvo (14 a 21 anos de idade)?</p> | <p align="center">Pouquíssim</p> | <p align="center">Pouca</p> | <p align="center">Média</p> | <p align="center">Muita</p> | <p align="center">Muitíssima</p> |
|--|---|------------------------------------|------------------------------------|------------------------------------|---|
| <p>ENUNCIADO: Por favor, leia cada uma das afirmações e utilizando a escala abaixo indique o quanto é verdadeira para você</p> <p>1= Totalmente falsa 2= Minimamente verdadeira 3= Um pouco verdadeira 4= Bastante verdadeira 5= Completamente verdadeira</p> | | | | | |
| 1. Eu penso que trabalho em equipe é importante. | | | | | |
| 2. Pessoas que trabalham em equipes podem aprender mais do que se trabalhassem sozinhas. | | | | | |
| 3. Sinto-me confiante na minha capacidade de trabalhar em equipe. | | | | | |
| 4. Sei como dar feedback aos membros de minha equipe sem machucar seus sentimentos. | | | | | |
| 5. Considero as opiniões de outras pessoas. | | | | | |
| 6. Esforço-me para incluir outros membros da minha equipe. | | | | | |
| 7. Valorizo as contribuições dos membros da minha equipe. | | | | | |
| 8. Trato os membros da minha equipe de maneira igual. | | | | | |
| 9. Sou bom em comunicar-me com os membros de minha equipe. | | | | | |
| 10. Sinto confiança na minha habilidade de ser um(a) líder. | | | | | |
| <p>SUGESTÕES:</p> | | | | | |

Com relação à **RELEVÂNCIA TEÓRICA** dos itens da **ESCALA DE TRABALHO EM EQUIPE PARA JOVENS**. Marque um “X” na opção que melhor se aplica a sua opinião.

| <p align="center">RELEVÂNCIA TEÓRICA</p> <p>O(a) senhor(a) julga que o conteúdo dos itens retrata o comportamento que se pretende medir, isto é, estão avaliando o trabalho em equipe para a população-alvo (14 a 21 anos de idade)?</p> | Pouquíssima | Pouca | Média | Muita | Muitíssima |
|--|-------------|-------|-------|-------|------------|
| <p>ENUNCIADO: Por favor, leia cada uma das afirmações e utilizando a escala abaixo indique o quanto é verdadeira para você</p> <p>1= Totalmente falsa 2= Minimamente verdadeira 3= Um pouco verdadeira 4= Bastante verdadeira 5= Completamente verdadeira</p> | | | | | |
| 1. Eu penso que trabalho em equipe é importante. | | | | | |
| 2. Pessoas que trabalham em equipes podem aprender mais do que se trabalhassem sozinhas. | | | | | |
| 3. Sinto-me confiante na minha capacidade de trabalhar em equipe. | | | | | |
| 4. Sei como dar feedback aos membros de minha equipe sem machucar seus sentimentos. | | | | | |
| 5. Considero as opiniões de outras pessoas. | | | | | |
| 6. Esforço-me para incluir outros membros da minha equipe. | | | | | |
| 7. Valorizo as contribuições dos membros da minha equipe. | | | | | |
| 8. Trato os membros da minha equipe de maneira igual. | | | | | |
| 9. Sou bom em comunicar-me com os membros de minha equipe. | | | | | |
| 10. Sinto confiança na minha habilidade de ser um(a) líder. | | | | | |
| <p>SUGESTÕES:</p> | | | | | |